Mario de Andrade

Primeiro Andar

Contos

CASA EDITORA ANTONIO TISI
R. FLORENCIO DE ABREU, 4 - S. PAULO
1926

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

7.00

Mario de Andrade

Primeiro Andar

Contos

SCALA & Cia.
Telephone C. 4332
RUA 13 DE MAIO, 50 - 1º. andar
RIO DE JANEIRO

CASA EDITORA ANTONIO TISI
R. FLORENCIO DE ABREU, 4 - S. PAULO
1926

DO AUTOR

PUBLICADOS:

Ha uma Gota de Sangue em cada Poema (Poesia), 1917
Paulicea Desvairada (Poesia), 1922
A Escrava que não é Isaura (Poetica), 1925
Losango Cáqui (Poesia), 1926

POR PUBLICAR:

Amar, Verbo Intranzitivo (Idilio)
Clan do Jaboti (Poesia)
Gramatiquinha da Fala Brasileira (Idilio tecnico)
João Bobo (Romance)

Não sei mesmo que carinho errado por mim e por êsses amigos assuntando o que escrevo me faz publicar estas façanhas de experiencia literaria. Escritor mais serelepe que eu nunca vi. Si agora acontece ás vezes me equilibrar sozinho sobre êstes meus pés bem calçados não tive parada por toda a casa dos vinte. Andei portando nos pomares de muitas terras, comendo frutas cultivadas por Eça e por Coelho Netto, por Maeterlink . . . Só reflexo? Não sei. Sei que ficou perturbando o vacuo nobre e taciturno das gavetas um diluvio de manuscriptos recorrigidos muitas vezes.

Pois neste volume eu salvo alguns Noés dêsse passado. Contos cuja virtude está nas datas, são os que me pareceram mais bonitos ou caracteristicos. Aos que me estimam interessarão.

E' verdade, livro sem outros valores que êsses: carinho e enganos bem iludidos de aprendiz. Muita literatice muita frase enfeitada. Não faz mal, ao menos publicando-se me liberta duma vez do meu passado e dos namoros artisticos dele. Agora vou gastar meu dia bem descansado sem êsses exames-de-consciencia que fazem a gente parar de sopetão contemplando a distáncia atrás num juizo crítico impossivel, fiz bem? fiz mal? se extraviando na relembrança na ilusão no amor. Nessas coisas que a distáncia faz engraçadas e apenas são primeiro andar de casa crescendo, ninguem põe reparo nele, o que passou passou.

MARIO DE ANDRADE
Junho de 1925

CONTO DE NATAL

a Joaquim A. Cruz

Seriam porventura dez horas da noite...

Desde muitos dias os jornais vinham polindo a curiosidade pública, estufados de notícias e reclamos de festa. O Clube Automobilistico dava o seu primeiro grande baile. Tinham vindo de Londres as marcas do cotilhão e corria que as prendas seriam de sublimado gôsto e valor. Os restaurantes anunciavam orgiacos revelhões de natal. Os gremios carnavalescos agitavam-se.

Seriam porventura dez horas da noite quando êsse homem entrou na praça Antonio Prado. Trazia uma pequena mala de viagem. Chegara sem dúvida de longe e denunciava cansaço e tedio. Sirio ou judeu? Magro, meão na altura, dum moreno doentio abria admirativamente os olhos molhados de tristeza e calmos como um balsamo. Barba dura sem trato. Os labios emoldurados no crespo dos cabelos moviam-se como si rezassem. O ombro direito mais baixo que o outro parecia suportar forte pêso e quem lhe visse as costas das

mãos notara duas cicatrizes como feitas por balas. Fraque escuro, bastante velho. Chapeu gasto dum negro oscilante.

Desanimava. Já se retirara de muitos hoteis sempre batido pela mesma negativa: — Que se ha-de fazer! Não ha mais quarto!

Alcançada a praça o judeu estacou. Pôs no chão a maleta e recostado a um poste mirou o vaivem. O povo comprimia-se. Erravam maltrapilhos aos grupos conversando alto. Os burgueses passavam esmerados no trajar. No ambiente iluminado dos automoveis esplendiam os peitilhos e as carnes desnudadas e aos cachos as mulheres-da-vida roçavam pela multidão, bamboleando-se, olhos pintados, labios encrustados de carmim. Boiando no espaço estrias do odores sensuais.

O homem olhava e olhava. Parecia admiradissimo.

Por várias vezes fez o gesto de tirar o chapeu mas a timidez dolorosa gelava-lhe o movimento. Continuava a olhar.

— Vais ao baile do Clube?

— Não arranjei convite. Você vai?

— Onde irás hoje?

— Como não! Toda São Paulo estará lá.

— Ao **reveillon** do Hotel Sportsman.

— Vamos ao Trianon!

— Porquê não vens comigo á casa dos Marques? Ha lá um **Souper-rose.**

— Impossivel.

— Porquê?

— Não posso. Vou ter com a Amelia.

— Ah...

Tirando respeitoso o chapeu, o oriental dirigiu-se por fim ao homem que dissera "ir ter com a Amelia" e perguntou-lhe com uma voz tão suave como os olhos — caiam-lhe os cabelos pelas orelhas, pelo colarinho:

— O senhor vai sem dúvida para o seu lar...

De certo um louco. Não, bêbedo apenas. O outro deu de ombros. Descartou-se:

— Não.

— Mas... e o senhor poderia informar-me... não é hoje noite de Natal?...

— Parece. (E sorria). Estamos a 24 de Dezembro.

— Mas...

O homem da Amelia tocara no chapeu e partira.

Desolação, no sacudir lento da cabeça. Agarrando a maleta o judeu recomeçou a andar. Tomou pela rua de São Bento, venceu o último gomo da rua Direita, atingiu o Viaduto. A vista era maravilhosa. A' direita, empinando sobre o parque fundo, o Clube Automobilistico arreado de lampadas de cor. A mole do edificio entrajada pelo multicolorido da eletricidade parecia um enorme foco de luz branca. Do outro lado do viaduto na esplanada debruava a noite o perfil dum teatro.

O judeu perdia-se na visão do espetaculo. Aproximava-se do largo espaço da esplanada onde no asfalto silencioso escorregava outro cortejo de autos. Cada carro guardava outra mulher risonha a suportar toda a riqueza no pescoço. Feixes de operarios estacados aquí

e além. O rutilar daqueles monumentos, o anormal da comemoração batendo na pele angulosa dos vilões fazia explodir uma faisca de admiração e cobiça. Toda a população dos bairros miseraveis despejara-se no centro. Viera divertir-se. Sim: divertir-se.

O sirio entrou por uma rua escura que entestava com o teatro. Incomodava-o a maleta. Num momento, unindo-se a uma casa em construção, deixou cair o trambolho entre dois suportes de andaime. Partiu ligeiro, atirando as pernas para frente, como pessoa a quem chamam atrás e não quer ouvir.

Obelisco. E na subida vagarosa, lido numa placa de esquina: Rua da Consolação. Aqui o alarido já se espraiava discreto na surdomudez das moradias adormecidas.

Subiu pela rua. De repente parou deante da porta. Bateu e esperou. Acolheu-o uma criada de voz áspera:

— Porquê não tocou a campainha? não tem olhos? Que quer?

— Desculpe. Queria falar com o dono da casa...

— Não tem ninguem. Foram na festa.

Partiu de novo. Mais adeante animou-se a bater outra vez. Nem criada. E na aspiração de encontrar uma familia em casa, batia agora de porta em porta. Desesperação febril. Persistencia de poeta. Uma vez a familia estava. Que divino prazer lhe paga o esfôrço! Mas o chefe não podia aparecer. Lamentações lá dentro. Alguem está morrendo. Deus o leve!

Mais ou menos uma hora, depois de ter subido toda a rua, o judeu desembocou na avenida. A faixa tremente da luz talhava-a pelo meio mas dos lados as árvores escureciam o pavimento livre das calçadas. Entre jardins onde a vegetação prolongava sombra e frescor, as vivendas enramadas de trepadeiras, como bacantes, dormindo. Sono mortuario. Apenas ao longe gritava um edificio qualquer num acervo de luzes. O judeu parou. O pó caiara-lhe as botinas e as beiradas das calças. O cansaço rasgara-lhe ruga funda sob os olhos e os labios sempre murmurantes pendiam-lhe da boca secos e abertos. O pergaminho rofo do rosto polira-se de suor. Limpando-se descuidado, recomeçou a andar muito rapido para o lado das luzes.

Atravessados quasi em carreira 5 ou 6 quarteirões chegou ao trecho iluminado. Era uma praça artificial construida ao lado da avenida. Alguns degraus davam acesso á práia dos ladrilhos, onde passeavam pares muito unidos. Sob ósseos carramanchões de cimento armado agrupavam-se em redor da cerveja homens de olhares turvos, bocas fartas. Entre o zum-zum da multidão brincavam nas brisas, moderadas pela distáncia, melodias moles de flautas e violas. Por toda a parte a mesma alegria fulgindo na luz.

Daquele miradouro via-se a cidade irrequietamente estirada sobre colinas e vales de surpresa. Os revérberos confundiam-se na claridade ambiente e nos longes recortados um grande halo mascarava de Santa a Paulicea. Apoteose.

Mas o judeu mal reparou nos enfeites com que o homem recamara aquela página da Terra. Olhava apenas a multidão, perscrutava todos os olhares. Procuraria alguem?... Quasi que corria no meio dos passeantes ora afastando-se ao contacto de uns ora atirando-se para outros como que reconhecendo. Desiludia-se entretanto e procurava mais, procurava debatendo-se na turba-multa. Enfim desanimado partiu de novo. Ao descer os degraus do miradouro notou duas escadinhas conducentes ao subsolo. Espiou. Outro restaurante! Fugiu para a rua. A fila imovel dos autos. Corrilhos de motoristas e a guisalhante frase obscena. Passou. Ia afundar-se de novo no deserto da avenida. Mudou de resolução. Retornou de novo para a luz. Era um espêlho de suor. Caira-lhe o chapeu para o lado e uma longa mecha de cabelos oscilava-lhe na fronte como um pendulo. Os motoristas repararam nele. Riram-se. Houve mesmo um prelúdio de váia. Nada ouviu. Entrou de novo no miradouro. Desceu os degraus. Um negrinho todo vermelho quís recusar-lhe a entrada. O oriental imobilisou-o com o olhar. Entrou. Percorreu os compartimentos. O mesmo desperdicio de luz e mais as flores, os tapetes... Bem-estar! Numa antítese á brancura reta das paredes o sensualismo de coiros almofadados. E o salão nobre. E a orgia escancarada.

Todo o recinto era branco. Dispostas a poucos metros das paredes as colunas apoiavam o této baixo no qual os candelabros plagiavam a luz solar. Esgalgos espeïhos no entremeio das portas fenestradas eram como

olhos em pasmo imovel. As flores feminilizavam colunas e alampadarios, poluiam seu odor misturando-o á emanação das carnes suarentas e nessa decoração de fantasia apinhava-se comendo e bebendo sorrindo e cantando uma comparsaria heterogenea.

Bem na frente do judeu sentados em torno duma mesa estavam dois homens e uma mulher. Falavam lingua estranha cheia de acentos guturais. Seriam ingleses... Os homens loiros e vermelhos denunciavam a proporção consideravel da altura pelo esguio dos torsos e dos membros mas a perfeição das casacas davalhes á figura um alto quê de aristocracia.

A mulher era profundamente bela. Trajava preto. Gaze. A fazenda envolvia-lhe a plasticidade das ancas e das pernas, dando a impressão de que o busto saisse duma caligem. O vestido como que terminava na cintura. Um tufo de tules brancos subia sem propriamente encobrir até parte dos seios, prendendo-se ao ombro esquerdo por um rubim. Sobre a perfeição daquele corpo a cabeça era outra perfeição. Na brancura multicor da pele queimava uma boca louca rindo alto. As narículas quasi vitreas palpitavam voluptuarias como asas de pombas. Os olhos eram da maior fascinação no arqueado das sobrancelhas, na ondulação das palpebras, no verde das pupilas más. E colmava o esplendor uma cabeleira de pesadas ondas castanhas.

Já tonta, meneando o corpo, estendendo os braços virgens de joias sobre a toalha, oferecia-se á contemplação abusiva da luz. E era tambem no alaranjado de

sua carnadura que os dois ingleses apascentavam os olhares.

Em torno de todas as mesas, como refrão do prazer rico repetia-se a mesma tela: Homens rudes acossados pelo desejo, mulheres incastas perfeitas maravilhosas.

Do outro lado do salão a orquestra vibrou. Ritmo de dansa, lento brutesco. Balançaram dois ou tres pares num círculo subitamente vazio. Um dos ingleses e a mulher de preto puseram-se a dansar. Inteiramente abraçada pelo homem ela jungia-se a êle, agarrava-se-lhe de tal geito que formavam um corpo só. Ondulavam na cadência da música: ora partiam céleres como numa fuga, parando longamente depois como num espasmo. Ora se afastavam um do outro num requebro, ora mais se uniam e o braço esquerdo dela rastejava como um crótalo no dorso negro da casaca. Dansavam com os sentidos e a mulher na ascenção do calor e da volupia, mostrava na juntura esquerda dos labios um comêço de lingua.

O judeu continuava a olhar. Seguia os pares no baloiço do tango, esforçando-se por disfarçar com a imobilidade a excitação interior. Mas seus olhos chispavam. Mas juntas nas costas tremiam-lhe as mãos mordidas pelos dedos.

Enfim vibrados os ultimos acordes os dansarinos pararam. A inglesa seguida pelo parceiro, arrebentando os olhares que lhe impediam a passagem, viera sentar-se. Incrivel! O judeu bufando enterrara o chapeu na cabeça, abrira o fraque com tal veemencia que os

botões saltaram e tirando dum bolso interno uma trífida correia de couro fustigara a espadua da mulher. Tal fôra a energia da relhada que o sangue imediatamente brotara no vergão enquanto a infeliz uivava ajoelhando. O golpe arrebentara a gaze junto ao ombro. Seio lunar!

Mas o judeu malhava indiferente todas as formosuras.

Um primeiro imenso espanto paralizou a reação daqueles bêbedos. O fustigador derribando cadeiras e mesas atravessava os renques de pusilanimes, cortava caras braços nús. Tumulto. Balbúrdia dissonante. O mulherio berrava. Os homens temendo serem atingidos pela correia do louco fugiam dêle na impiedosa comicidade das casacas. Arremessavam-lhe de longe copos e garrafas. Mas êle percorria em alargados passos o salão, castigando todos com furor. Onde a correia assentava negrejava um sulco, chispava um úivo.

Nos primeiros segundos... Depois, açulados pelo número, os homens já se expunham mais aos golpes na esperança de bater e derrubar. O círculo apertava-se. O oriental teve de defender-se. Vendo junto á parede um amontoado de mesas saltou sobre êle. Abandonara o chicote, empunhara uma cadeira, esbordoava com ela os que procuravam aproximar-se. Impossivel atingi-lo. Seus braços moviam-se agilimos tonteando cabeças, derreando mãos.

As mulheres agrupadas á distáncia reagiam tambem. As taças pratos copos atirados por elas sem nenhuma

direção acertavam nos alampadarios cujos focos arrebentavam com fofos estampidos soturnos. As luzes apagadas esmoreciam a nitidez do salão e as sombras enlutavam o espaço, diluindo os corpos numa semi-obscuridade pavorosa.

Mais gente que acorria. Os passeantes do miradouro atulhando as portadas saboreavam em meio susto a luta. Os motoristas procuravam roubar bebidas. A polícia telefonava pedindo reforços.

Mas o oriental já começava a arquejar. Seus lábios grunhiam entrechocantes. Uma garrafa acertara-lhe na fronte. O chapeu saltando da cabeça descobriu na empastada desordem das madeixas a rachadura sangrando. O sangue carminava-lhe o rosto, cegara-lhe o ôlho esquerdo, entrava-lhe na boca e escorrendo pelo hissope da barba, espirrava sobre a matilha gotas quentes.

Afinal alguem consegue agarrar-lhe a perna. Puxa-o com fôrça. Ele tomba batendo-se. Todos tombam sobre êle. Ninguem lhe perdoa a desforra. Os que estão atrás levantam os punhos inofensivos para o alto esperando a vez. Desapareceu. O molho de homens.

Chega a polícia. A autoridade só com muita luta usando fôrça, livra o misero. No charco de champanha sangue vidros estilhaçados êle faz expirante pernas unidas, braços estendidos para os lados, olhos fixos no alto, como querendo perfurar as traves do teto e espraiar-se na claridade fosca da antemanhã.

Levaram-no entre insultos.

Todo jornal comentava o caso no dia seguinte. O público lia, rebolcado no inedito do escandalo, as invenções idiotas, as mentiras sensacionais dos noticiaristas.

Entanto, nas multiplas edições dos diarios, relegado ás derradeiras páginas, repetia-se o estribilho perdido que ninguem leu. Homessa! curioso... Um guarda-noturno achara rente a uma casa em construção uma pequena mala de viagem. Aberta na mais proxima delegacia, encontraram nela entre roupas usadas e de preço pobre uma taboinha com dizeres apagados, quatro grandes cravos carcomidos pela ferrugem e uma coroa feita com um trançado de ramos em que havia nodoas de sangue velho e restavam alguns espinhos.

(1914?)

COCORICO'

a Herberto Rocha

PERSONAGENS:

Gilberta — 22 anos. Formada em direito. Autora de duas obras já: "Ensaios libertarios femininos" e "L'Amour Libre" — esta em dialeto lusogaulês. Membro do "Comité Feminino Internacional de Reorganização Social". Tudo com maiúsculas.

Carlos — 25 anos. Marido. Doutor em coisissima nenhuma. Nada publicou nem publicará e não é membro sinão da sua familia.

Carlico — filho de ambos. 10 meses. Personagem muda ou antes balbuciante. A mãi pensa inscreve-lo na "Associação Anticlerial das Crianças".

Marieta — 18 anos. Criadinha. Nada leu de Molière. Gentil. Um pouco estupida.

Ação em São Paulo.

Primeira unica interminavel Scena

(O lar. Sala de aparencia modesta. E' de supor que a ela se subirá por uma escadinha muito estreita muito escura. A criada é meia surda. Bate-se quatro ou seis vezes antes da porta se abrir. Geralmente a casa dorme. Doutora Gilberta Cavalcanti de Albuquerque está no Forum. Carlico sonha. O pai está nas lições de inglês que fala como um inglês ou ainda nas lições de ginastica, quem sabe?... Ensina mesmo natação e muque a um cacho de moçoilas mais masculinas na intenção que na realidade. Quem abre é sempre Marieta mas o som das pancadas custa a chegar á janela donde ela vê as casas entrando umas pelas outras, um horizonte de viagens nupciais, o matrimonio das nuvens... Cadeiras secretária estante de livros Remington. Nas paredes fotografias de mulheres inglesas ou russas, duras míopes medonhas, eternamente solteiras — feministas sem dúvida. São cinco horas da tarde. Vazio. Doira o espaço uma voz forte de homem que entoa uma cantiga de adormentar. E' Carlos embalando o filhinho lá dentro. Voz expressiva e masculina. Quando canta: "Dorme nênê, que o bicho já vem!" mais parece ordenar ao filho que feche os olhos imediatamente. Mas já é tempo de encher a scena. Ruido seco de chave na fechadura. E' a doutora Gilberta Cavalcanti de Albuquerque. Esquecia-me de dizer que é quasi noite e a scena quasi negra).

Gilberta — Ainda não ha luz aqui! (Fala enquanto aperta o botão da eletricidade. Voz estranha um pouco ridicula. Percebe-se muito bem ter ela uma voz líquida de menina, que se esforça por tornar aspera e scientifica. Triste voz carnavalesca! Luz. Gilberta é fina esguia. Veste um "tailleur" preto. Usa colarinho gravata botinas grossas de homem, mas de salto alto. A bengala e um detestabilissimo chapéu de palha. Mas o rostinho é doce e agradavel. Gilberta não abandonou o pó-de-arroz. Seria demais!)

Gilberta (mordendo o cigarro) — Que é de Carlos! (A voz emudecera pouco antes) Não estará ainda em casa a estas horas! Insuportavel! Já quantas vezes repeti que estivesse aqui depois das quatro!... (grita) Carlos! Carlos!

Carlos (aparecendo) — Allô! Já vou meu amor! Como vieste tarde! Porquê chegar a estas horas, Gilberta! (Beija-a barulhento).

Gilberta — Me largue! Me largue, Carlos! Não faça assim! Já sabe que não gosto dêsses amores ridiculos!

Carlos (desapontado) — Então não me deixas mais nem te beijar! Passas todo o dia fóra, e á volta nem mesmo um beijo, Gilberta!

Gilberta — Vá. Beije-me mas deixe-me sossegada.

(Beijo vitreo. Carlos, não sabendo que fazer deixa o público contempla-lo. Forte, moço, corado, muito homem, conforme o gôsto da leitora. Cabelos negros, muito loiros, lisos ou crespos, tão

finos que o vento traz ás vezes até a ponta do nariz. Olhos verdes, disso faço questão; verdes como os da Joaninha de Garret. Aliás não podiam ser sinão verdes. Só os olhos do mar são energicos e doces ao mesmo tempo. Si eu fosse Deus faria só olhos verdes... Vejam o marido de Gilberta, por exemplo. Não é verdade que tem os olhos maravilhosamente expressivos? Quando entraram em scena estavam azúis amorosos felizes, agora... dir-se-ia que Carlos tem olhos brancos. E' que despejaram a cor de esperança no coração do rapaz!... Desapontado como está, Carlos nem percebe que dá as costas a Gilberta.)

Gilberta — Está bom! Você já começa com as suas scenas! Que vida! Como tens razão, miss Gude! Nós, mulheres, passamos o dia ao Sol, escrevemos falamos discutimos andamos, algumas vezes somos até obrigadas a não almoçar, enfim ganhamos o suficiente para o sustento da familia e... eis aí o que nos espera! Quando imaginamos encontrar em casa a calma necessaria aos pensadores, encontramos um marido horror! um marido impertinente azedo sem carinho! Francamente: sou incapaz de encontrar uma razão para que as mulheres se casem!

Carlos (sempre de olhos brancos) — Não fui eu que te pedi em casamento.

Gilberta — Fui eu. Sim, fui eu. E que tem isso? Por acaso não percebia que você me amava?

Carlos (sofrendo) — Isso quer dizer que não me amavas nem um pouco?

Gilberta (depois de curta hesitação) — Não digo isso, mas...

Carlos — E' muito simples, Gilberta. Amaste-me e agora não me amas mais. (amarelo) Não tens tempo para me amar! (alaranjado) Vives dentro dos teus livros, das tuas causas (vermelho) importantissimas, dos teus (rubro) "comités" de porcaria...

Gilberta — Basta! (A voz tremúla. A doutora se esforça por enrija-la. E tira a cigarreira) Prohibo-lhe falar assim das minhas sociedades! Isso não é da sua conta. Você ignora inteiramente o que seja a sociedade moderna. Nem o passado bolchevismo sabe o que é! Jamais pensou no milhoramento moral da raça humana e...

Carlos (já com olhos verdes) — Nunca. Só penso no meu amor, no nosso amor. No nosso larzinho que podia ser tão alegre tão quente e que gelaste com essa tua maneira de viver de agir que te fica tão mal! Defendo apenas a nossa felicidade! Minha linda felicidade perfumada que sonhei e que ficou sem perfume, sem perfume! Si me amasses...

Gilberta (de cima) — Amor!... Sempre o amor! Como é ridiculo tudo o que você diz! Francamente: você só diz tolices! Como si fosse possivel viver de amor!

Carlos — E porquê não?!

Gilberta — Porquê não, meu filho! Ha funções mais graves e generosas por cumprir! O amor é um Nirvana! E' o acabrunhamento supremo de todas as fôrças fisicas!... E para que? manes de Mademoiselle Pontapom!... para essa miseravel propagação da especie!... Mas você já devia saber que tres quimicas inglesas — miss Rodger, miss Curton, miss Wrigth — dedicam-se atualmente á invenção duma máquina que fará crianças por meios artificiais... Contam fabricar brevemente de vinte a trinta mil crianças por dia...

Carlos — Mas então porquê não fabricam já homens e mulheres de vinte-e-um anos?...

Gilberta — Você tem umas ideas estupidas! Mas está vendo? Quando êsse grande sonho filantrópico se realizar: o Estado comprará quantos filhos quizer! O amor não existirá mais!... O casamento — êsse terrivel flagelo — desaparecerá da face da Terra! E nós, o sexo forte, com o poder da nossa maior inteligencia nós salvaremos!... Ai! Meu Deus!

(Mutação de correntes psiquicas. Apareceu uma baratinha a passear num canto da sala. Gilberta a viu. Horrivelmente apavorada sobe numa cadeira. Carlos que nada vê, inquieta-se.)

Carlos — Que é, Gilberta?

Gilberta — Lá! Lá no canto!... Carlos... Uma barata ENORME!!!... Mate-a, Carlos!

Carlos (inteiramente verde, com muita paz) — Mas onde está a barata ENORME?

Gilberta — Lá! No canto... Subindo na parede... Descendo da parede... Subindo... Vai voar... Vem para cá... Vem em cima de mim... Meu Deus!... Meu Carlos... Meu Deus, mate-a! Carlos, mate-a!... Mate-a, Carlos!... (Desce da cadeira e corre para subir noutra no canto oposto ao da baratinha.)

Carlos — Ah! Ei-la...

(Toma de sobre a secretária um livro da mulher e atira-o na baratinha. Um outro... Enfim dezenas... Salta. Corre. Derruba cadeiras. Gesticula. Luta. Vence. Consegue assassinar a infeliz mesmo no centro da sala indiscretamente diante do leitor. Está de joelhos com a baratinha na frente sob o livro "L'épuisement du courage et le féminisme" da célebre escritora belga, Mlle. Frayssier. A scena é trágica de mudêz. Carlos contempla com olhos infelizes o livro, com olhos que choram: "Pobre baratinha!... Tão graciosa e tão moça!..." Doutora Gilberta Cavalcanti de Albuquerque desce da catedra, um pouco envergonhada. Ouve-se ao longe nalgum galinheiro talvez...

O galo — Cocoricooooo...

E nada mais. Mas Carlos solta uma gargalhada esplendidamente rida. Como sabe rir bem! Mostra as duas filas inteirinhas de dentes como si fossem

dois cordões de... luzinhas eletricas numa avenida semicircular. Aposto que o leitor estava esperando as perolas... Pois eram luzinhas eletricas. Gilberta acende mais cigarro. Carlos ri. Dir-se-ia que não parará mais de rir. De repente fica serio. Olhos brancos de novo. Pura cal. Queimam sem ter vida. Porquê será que pintou outra vez os olhos de branco? Dizem que o branco é luto, mas na China... Terá Carlos a alma enlutada?... Não se sabe porquê não diz coisa alguma. Ergue apenas uma poltrona revirada no combate e deixa-se cair nela. Olha fixo "L'épuisement du Courage et le Féminisme" da extraordinaria Mlle. Frayssier... Doutora Gilberta Cavalcanti de Albuquerque quer falar mas parece que o não sabe mais... Tem um nó na garganta... E' pena! Si não fosse a desastrada baratinha ela continuaria a expor as suas teorias feministas e no calor da fala o público teria visto as faces dela neblinadas pelas leituras noturnas colorirem-se dum cor-de-rosa sonoro, os seus olhos acenderem-se como pecados convidativos e mesmo ouviria a sua voz legítima semelhante á frauta de Pan nas tardes lánguidas de estio. (Vide Debussy.) Mas é tarde. E Gilberta nada vê de milhor a fazer que sair da sala. Acho que fez bem. O público começava a inquietar-se pelo futuro do pacifico lar... Baratinha bemfeitora! Carlos, só, lembra-se de a mandar por fóra. Chama).

Carlos — Marieta!

(Entra Marieta. Felizmente esta é mulher verdadeiramente mulher. Pode dizer qualquer coisa. Em geral os criados gostam de falar em scena.)

Carlos — Faça o favor de levantar êsse livro.

Marieta (levanta o livro e deixa-o novamente cair) — Ui!

Carlos — Está morta, Marieta.

Marieta — Desculpe, seu Carlos. Tive medo. (Levanta de novo o livro e quando o vai depor sôbre a mesa mostra a Carlos o pulso direito vermelhissimo.)

Carlos (segurando-a pela mão) — Quem te fez isso, Marieta?

Marieta (querendo retirar a mão) — Seu Carlos... não é nada...

Carlos — Quem te fez isso, Marieta!

(A criada começa a chorar)

Carlos — Vamos, diga. Quem te maltratou assim?

Marieta (soluçante) — Papai...

Carlos — Que bruto o teu pai! E porquê?

Marieta — Porquê fui a uma reunião feminista perto de casa.

Carlos (fica mudo um tempo. Depois poisando o braço no ombro da criada, pensa grave) — Então êle fez bem.

Marieta — Ah! seu Carlos!...

Carlos — Sim, Marieta, fez bem. Tiveste medo da barata, não é verdade? Enquanto as mulheres tiverem medo de baratas não serão graças a Deus si-

não verdadeiramente mulheres. Nunca mais frequentes as reuniões feministas do teu bairro. E sobretudo: não escrevas nunca um livro! Seria a perdição. Nunca pensaste em casar?

Marieta (fonografica) — Dona Bernardina só fala de amor livre nos discursos...

Carlos — Ah! dona Bernardina, essa dramatica portuguesona que irá pr'o inferno! Não podia falar noutra coisa! Nunca amou. Nem poderia amar!... Mas tu, Marieta, és tão mocinha ainda... Tens boca vermelha faces vermelhas tudo vermelho pedindo amor...

Marieta — Seu Carlos...

Carlos — Verdade. E's bem bonita. Nunca sonhaste com casamento?

Marieta (desamparando-se levanta o mento para o ar no gesto classico de quem expressa ideais. Consequencia fisica: encosta a cabeça no braço de Carlos) — Sim!... Sonho algumas vezes, sempre!

Carlos — Então estás salva! Has-de casar com um homem enorme com enormes pés enormes mãos um bigode espantoso mas serás feliz! Que felicidade ser feliz! Não serás membro de nenhuma sociedade mirabolante! Como és feliz! Como êle será feliz, teu carniceiro! Carniceiro ou padeiro, hein! Terão a casa cheia de crianças que nunca serão artificiais! Quero felicitar-te, Marieta.

(Dá-lhe um beijo. Mas como o apetitoso rubor das

faces femininas tem a propriedade de certos vinhos Carlos embriaga-se. Beija mais uma vez por tontura. Uma terceira por costume. A criadinha soltará um par de "Seu Carlos!" que será de susto ou de agradecimento mas nunca de repulsa ou indignação. Não ha de quê. Carlos não pecou mortalmente, palavra de honra. Apenas se poderá dizer que foi um pouco... glutão. Gilberta entrava como se entra sempre nas comedias. E' aliás o que ha de mais realmente verdadeiro no teatro: as mulheres chegam sempre no momento psicologico. Ora com franqueza, a função da mulher desde a criação do mundo é de... combler les vides. Assim: Gilberta chegou psicologicamente na horinha. Ouviu os beijos todos e pode muito bem ser que visse alguns. Para estarrecida junto á porta. Marieta que se escapara das mãos de Carlos, abaixa-se, pega o inseto dum modo que não seja muito repugnante, com um papel, por exemplo, e vai sair. Encontra os olhos da doutora e para. E continua.)

Marieta — Ah!... (abaixa a cabeça, fica cor de crepusculo e apaga-se pela porta com a rapidez do pecado. Marieta pecou.)

O galo (ao longe) — Cocoricooooo...

Dirão que a comedia é simbolista... Palavra que não! Puro realismo. Si o galo cantou e pode ser ouvido pelo público, é verdadeira personagem. Ora escrevendo o que se passará daquí a alguns anos não posso tirar o galo da peça. Ha possibi-

lidades futuras de confrontação. Não sou simbolista. Quanto a sugerir... O galo cantou. Depois: varios metros de siléncio tangivel. Outro defeito: minha peça parece toda feita de silencios. Que te importa isso pois que o autor não para e estás na tua preguiçosa, leitor amavel!

Carlos tambem sentou-se de novo na cadeira de braços e atirando a cabeça para traz fechou os olhos. Gilberta dá uns passos. Francamente não sabe que fazer. A vida não lhe dá uma deixa para que continue a falar. Está mais ou menos como a Manon de Massenet. Parece até que vai cantar com a vozinha cor de cascata: "Je suis encore toute étourdie!" Mas não canta coisa nenhuma. Antes preferiria chorar... Mas uma doutora nunca chora, não é? Si Gilberta chorasse todos os seus preconceitos se apagariam com as lagrimas. Preconceito de mulher é questão de mais ou menos giz. Questão de mais ou menos agua. Todo o edificio daquele orgulho daquela empáfia se inundaria. Não chorará. Mas toma uma folha de papel de sobre a secretária e a rasga. Colhe uma flor do vaso, espatifa-a. Por fim joga uma cadeira no chão.

Carlos — Que foi? Levei um susto! Será ainda outra enorme baratinha...

Gilberta (arquifuriosa) — Quem lhe deu licença para caçoar de mim!

Carlos — Mas...

Gilberta — Não ha "mas". Quem fala sou eu. Digo-lhe que não quero brincadeiras. Estou absolutamente cansada com o senhor. Não vale coisa alguma... Nem siquer tem espirito... Trabalho, ganho para o sustento da casa e quando...

Carlos (quebrando tudo) — Falas muito no teu dinheiro, Gilberta. Por acaso eu não trabalho tambem? E justamente nestes ultimos 3 mezes si não fossem os meus seicentos milréis mensais... Marieta me disse que lhe deste apenas para o pão quarenta milreis. Quarenta!!

Gilberta (tonta) — E' falso. Você não ganha seicentos milréis!

Carlos — Si não ganhasse como seria? Não falei nisso porquê não queria que suportasses a vergonha de **ver teu marido** sustentar a casa... Obriguei Marieta a mentir-te. Querias pagar tudo sózinha... Paga si és capaz! Mas si não fosse meu dinheiro estariamos na rua a estas horas.

Gilberta (de subito muito calma) — E' justo. Não tenho muito trabalho por ora... Deviamos economizar um pouco mais... Poderiamos... Poderiamos por enquanto... Experimentemos...

Carlos — O que?

Gilberta — Poderiamos despedir Marieta...

Carlos — Isso nunca! Seria maldade. E' tão pobre, coitadinha! Ia apanhar do pai... Não ha quasi nenhuma casa em que se aceitem criadas... Só os homens é que praticam essas funções agora!

Gilberta (tirando a máscara) — Mas eu quero despedir Marieta!

Carlos (esgotado) — Mas eu não quero.

Gilberta (explodindo) — Quem manda em minha casa então?

Carlos — Em nossa casa, minha senhora. Deixei-a mandar até agora como queria porquê imaginei fazela feliz assim... Infelizmente estou convencido que ninguem é feliz aqui.

Gilberta — Tem razão! Sou a mais infeliz de todas as mulheres!

Carlos — Sou o mais infeliz de todos os maridos!

Gilberta (boca fechada) — E' isso.

Carlos (boca aberta) — E' isso.

Gilberta — E' milhor separarmo-nos.

Carlos — Separemo-nos.

Mais silêncio. Gilberta desabridamente pega no medonho chapéu de palha e enterra-o na cabeça. Olha Carlos, de esguelha. Ele tranquilo fumando o cigarro na cadeira de braços... O verde dos olhos dêle é agora o verde do oceano que promete quem sabe? o descobrimento do Brasil e muitas vezes esconde a traição dos naufragios. Gilberta deixará o marido só com Marieta? Não é possivel! Todavia:

Gilberta — Vou jantar na cidade.

Carlos (Não fala. Poderia encurtar o desfêcho.)

Gilberta escova-se. Procura um livro. Acha-o. Per-

de-o outra vez. Torna a acha-lo. Enfim sorri luminosa.

Gilberta — Marieta!

Marieta — A senhora chamou?

Gilberta — Não, ouviu!

Marieta — Mas...

Gilberta — Basta! Janto na cidade. E, como não preciso mais de você... por hoje, pode ir já para a casa de seu pai. Voltará amanhã.

Carlos (levantando-se) — Não pode ser. A senhora não precisa mais dela mas preciso eu. Carlico choramingou o dia inteiro... Pode recomeçar e inda tenho uma lição de inglês ás oito horas.

Gilberta — O que tu queres é que ela fique aquí contigo!

Carlos — Isso não é mais de sua conta pois que nós nos separamos.

Gilberta — Mas ainda não estamos separados, e eu não quero que meu marido me engane!

Carlos — Mas... é por acaso a autora do "Amor Livre" que estou ouvindo?!

Gilberta — Não se trata de livro. Não estou falando ideas falo sôbre nossa familia e faço questão de não ser enganada, pronto!

Marieta que positivamente estragava a scena ha muito já que se evaporou.

Carlos — Mas si a senhora me deixou sempre só com Marieta porquê agora...

Gilberta — E'! Pensas que não vi o que fazias com ela ha pouco...

Carlos — Que é que eu fazia?

Gilberta (chora não chora) — Tu a beijavas!

Carlos (gostoso) — Mas não...

Gilberta (com lagrimas na voz. Lagrimas genuinas que si ainda não atingiram os olhos é porquê do coração aos olhos passa-se sempre pela boca) — E' sim! Beijaste-a. Amas Marieta e eu não quero que ames Marieta!

Carlos — Pois bem: amo Marieta. E' tão gentil tão fraca tão mulher... Amo-a. E que tem isso?

Gilberta — Pois eu fico, está'í!

E' a frase mais gentil da peça. Si não produzir efeito ratei. Gilberta arranca o chapéu com tanta raiva que a cabeleira chove sobre os ombros. (1) Toda tremula apoia-se á secretária. Nos olhos uma primeira estrêla que brilha que brilha!... Franqueza: si ela não tivesse êsse colete branco êsse colarinho essa gravata realizaria o tipo sonhado da amorosa que toda inteira se entrega corpo e alma ao seu amor.

Carlos contempla-a. De repente avança para ela com seus olhos atlanticos. Toma-a pelo colarinho. Vai esgana-la! Santo Deus, ela morre! Já desfalece! Pega assassino!... Não, leitor, acalmate! Vais estragar todo o final! Não é nada disso.

---

(1) Quando chegar a data dêste ato se realizar juro que terão voltado as cabeleiras compridas.

Carlos tira um pouco rudemente, é verdade, a gravata o colarinho de Gilberta, abre-lhe o colete e o comêço da camisa, não muito, e contempla-a na sua inteira beleza de mulher.

Carlos — Gilberta... como és bonita! Teu pescoço é esbelto e virgem. Tão bonito! Como teus olhos são grandes são negros! Não chores! Eu te amo... eu te adoro. Maltratei-te... Me perdoa! Eu te amo. Nunca parei de te adorar!...

Gilberta (soluçando muito gritadinho) — E Marieta?...

Carlos — Que vá pr'o diabo! Gilberta...

Gilberta — Queria que a mandasses embora...

Carlos — Mando-a já. Mando tudo o que quizeres. Arranjo-lhe outro emprêgo... mas eu te amo.

Gilberta — Não queria mais ve-la...

Carlos — Pois sim. Sairá pela escada do fundo mas eu te amo, Gilberta! Eu tambem quero querer alguma coisa agora. Não quero mais ser teu marido, quero que sejas minha mulher! Minha mulherzinha minha de mim... Vou trabalhar bastante porquê quero que tenhas um vestido de seda cor-de-rosa... Eu quero querer tudo! Quero que não vás mais ao teu comité e quero que não escrevas mais livros como êsse do "Amor Livre" porquê havemos de escrever juntos um romance que se chamará: "O Amor Escravo"!... Não é verdade, Gilberta? Eu te amo... Quinze capitulos, não? Quinze capitulinhos, queres?... Nós teremos quinze filhos que nos serão dados por Nosso Senhor sem nenhu-

ma intervenção de máquina inglêsa... Volta o teu rosto para o lado da luz! Eu te amo... Como são lindos os teus olhos humedecidos de amor! Não! não quero que leiam mais as tolices das feministas: foram feitos para ler canções de amor! nem tuas mãos são brancas para suportarem bengalas ou gesticular diante do júri!... Quero-as alinhavando as fraldas dos meus filhos ou se perdendo em meus cabelos!... Eu te amo, Gilberta! Eu te adoro! Bem sei que é tempo de acabar a comedia mas não me canso de dizer que te amo, que te adoro, que te adorarei até o fim do fim!...

Marieta (regando o incéndio) — Seu Carlos, o aluno chegará dentro dum quarto de hora... O senhor ainda não jantou...

Carlos (que á entrada de Marieta cobrira a cabeça da mulher com os braços) — Marieta, vá embora! Gilberta não te quer mais! E' mesmo necessario que partas imediatamente pela escada dos fundos porquê nós não queremos mais que insultes nossos olhos!... Não te aflijas, boa Marieta! Continuarei a te pagar até que aches outro ofício. Sai depressa! Não te esqueças de nós e sobretudo toma cuidado: não te faças doutora... (Sorrindo na vitória e no perdão. Pura aurora) Não ganharias mais de quarenta milréis por mês.

Marieta (fingindo tristeza) — Então... passe bem, seu Carlos.

Carlos — Adeus, boa Marieta.

Marieta — Passe bem, dona Gilberta.

(Gilberta estremece. Esconde o rosto no peito do marido e não responde. Marieta transforma-se numa nuvem azul azul azul e se dissipa. E muito no longe em surdina um galo).

O galo — Cocoricooooo...

Gilberta (insultada) — Galo insuportavel!

Quis dizer "insuportavel" mas só pronunciou "insuport..." porquê Carlos já a enroscara nos seus dois longos braços de homem e lhe proibira o fim do verso gritando num beijo a vitória que ha de ser sempre nossa, ouviram? de Pedro, de João, Guilherme, Artur, de todos os homens afinal.

E acabou.

(1916)

CAÇADA DE MACUCO

Maria na varanda levantando os olhos do trabalhinho de lã, deixou-os cair na faixa da estrada. Percebeu ao longe um cavaleiro. Estremeecu. As patas da bêsta levantavam do chão uma poeira sanguinea que manchava a fimbria do horizonte. A invernia de Agosto caleava o espaço com o fabordão das nuvens sem fim. O ar repousava sobre as cousas com a mornidão dum bafo humano.

Maria cobriu-se mais com o chale, derrubou cuidadosamente a sáia até a ponta dos pés num geito ingenuo de proteção. Pôs-se de novo ao trabalho.

Bem perto o plaqueplaque das patas do animal. O cavaleiro, sacudido, longo, mostrando na face e nas mãos a palidez ingloria dos filhos da terra, apeiou junto a um moirão. Prendeu a bêsta e entrou na varanda.

— Boas-tardes... A senhora está muito distraida hoje...

Ela compreendeu a ironia que colorira a frase do moço e retrucou mais pesada:

— Boas-tardes, Tonico. Outra vez por aqui!...

Ele já serio:

— Outra vez.

Desconversaram. Maria não tirara os olhos das agulhas e Tonico descontente consigo mesmo cabeça baixa brincava com as mãos.

— Meu pai está aí ?

— Sim... No quarto. Com êste tempo sai pouco.

Era mentira. Aquele "sim" esquesito provava mentira e Tonico sabia muito bem que o pai pouca importancia dava á doença. E a tarde era bondosa.

No meio do siléncio, dada por finda a ocupação, Maria pôs rápido os novelos na cestinha jacente ao lado. Ia entrar na casa. Tonico procurou prende-la.

— Maria...

O gesto aspero fez rolar novelos e agulhas pelo chão.

— Me deixe! Olhe aí o que você fez!... e baixava-se para erguer os objetos semeados no tijolo da varanda. Tonico porfiava em agarrar-lhe a mão.

— Já começa! Me deixe, já disse!

— Maria, vamos embora comigo!...

— Não vou! semvergonha!... Nem eu, você me deixa sossegada! Vá-se embora!

Tonico oprimia a testa com os punhos, desesperado. Um respeito por aquela mulher que vivera na cidade impedia-lhe bruteza mais franca e sua voz nas intercadencias da comoção falava surda em frases curtas repetidas, num romantismo ousado e serio de sertão:

— Venha, Maria! Fuja comigo! Não posso viver assim sem você! não posso mesmo!...

Lagrimas enormes lavaram-lhe as mãos.

— Vá embora, já disse! Si não tivesse medo que seu pai te matasse contava pra êle. Me largue, vamos! Semvergonha!

Tonico largou-a mas curvou-se sobre ela como galho de árvore. Tinha nos olhos uma cobardia orgulhosa desesperada, a desafiar:

— Semvergonha mas você ha-de vir com o semvergonha!

Apontava o matagal que a cem braças, depois da inclinação verde onde o ribeirão se espojava em taliscas e taiobas, erguia-se como o primeiro alarme da terra virgem:

— Toda noite você ha-de ouvir pio de macuco. Sou eu em baixo da perobeira. Meu pai é caçador... Ou você vem ou...

E feroz decidido, mesmo correndo, desceu a escada, desamarrou a bêsta, cavalgou-a. Plaqueplaque plaque, plaq...

Maria imovel, toda cega pregada ao chão. Sentia n'alma o pêso do proprio corpo. Era sempre assim. As vezes que Tonico lhe falara de amor irritara-se muito, raivara numa zanga sem perigo de jaguatirica mas quando êle partia mortificava-a somente essa piedade comovida. E o sentimento de solidão. A canseira quebrava-lhe os sentidos. Cegava-lhe os olhos um desejo de alem. E vaga inquietação...

João Antonio Pires tivera a vida do bandeirante colonizador. Mas alcançara as esmeraldas na fecundidade das terras e das boiadas. Casara-se muito moço ainda,

magro palido, tisico segundo muitos. E na luta da ambição contra a penuria partira cedo para os arcanos altos semi-selvagens de São Paulo com a companheira e o filho recemnascido. Meteu-se nos trabalhos em que se ganha a riqueza ou se entrega a vida. Viveu a poesia nomade dos tropeiros. Penetrou muitos Dezembros o fogareiro de Mato-Grosso, perdeu-se nas axilas barbaras das serras de Goiás. Aos trinta anos porém já lhe sobrava dinheiro para adquirir o farto sendal de invernadas e mata-virgem onde assentara o lar. Fortificara-se. Enrijara ao contacto dos ares escampados tomando a substancia e a cor verde-cobre dos jotobás e das mulateiras de cerne ferreo.

Crescia-lhe o número dos filhos á medida que seus dominios se alargavam e as corredeiras dos cornos dos seus bois inundavam em caudais tonitruantes o aclive das invernadas. Trocara o rancho primitivo pela casa tijolada e chata de cuja varanda descortinava no último adeus dos plainos além, chãos que lhe pertenciam duas leguas continuadas á direita.

Um dia enfim, vendendo por preço feliz uma boiada sentiu morrer-lhe o tempo das preocupações. Foi a São Paulo. Olhou a cidade. Sorriu. Voltou para a fazenda. Trazia na bagagem um arreio com botões de prata para o baio, um punhal para o João — amigo de tempos infieis — e um vestido de seda cor-de-vinho para a mulher.

Começou então para nhô Pires o seu tempo de rei. Nas abas de suas terras vinham agrupar-se outros cria-

dores menos fortes cujos ousios a cobardia sopitava e quando o patriarca somou 50 anos sabia ter em torno todo um bairro, todo um estado, um imperio em que mandava êle só. Sujeito de principios ocasionais, gasto na briga com as intemperies, vencedor das febres e do sertão, criava somente duas grandes inclinações: orgulho e amizade. Orgulho das vitorias e do reinado. Amizade pelo João.

Morrera-lhe a mulher ha cinco anos sem que se lamentasse. Não sentiu a falta da serva porquê nos arrancos contra a braveza do matagal acostumara-se ás omissões e descarinhos. Os filhos, mandara-os para longe ignaros rudes mal sabendo ler, á cata duma riqueza igual á que soubera alcançar. Perpetuassem-lhe a vida e a coragem!... As duas filhas tinham partido tambem, levando no dorso os maridos que nhô Pires paralisara negando-lhes dote.

Ficara livre. Só. E mais a terra. E mais o orgulho.

Um dos seus descententes apenas, o Tonico, mais ambicioso ou vil, aninhara-se junto aos campos do pai numa sitioca indecente. Vendia galinhas. Rara vez um capado. Os vizinhos compravam-lhe a criação por atenção a nhô Pires. Tonico aproveitava no preço. Nhô Pires comparava amargo as galinhas do filho aos seus touros de chifres espaçados... Pouca vergonha! A's vezes, quando após o jantar sentava-se na varanda morta e a relembrança das aventuras doirava-lhe a vaidade a figura de Tonico vinha manchar como bugiu esquipatico ou touro mocho ridiculo os gerais

acidentados da sua vida. E o criador amaldiçoava o filho sem mãos.

Então a epoca do castigo chegou.

Numa das viagens a São Paulo nhô Pires demorou-se mais que o prometido. Havia já impaciencia entre os agregados e apreensão no amigo quando uma tarde o fazendeiro contando então perto de 60 anos apareceu na fazenda acompanhado. Seguia-o pouco atrás muito timida uma moça.

Nhô Pires apresentou-a simplesmente como mulher dêle e a vida reencetou a caminhada de ontem, regular.

Sintoma de velhice? Apaixonara-se por Maria apenas a vira sem que houvesse para isso razão influente. A moça não era bonita nem garrida. Mesmo apesar de seus vinte e poucos anos, dêsses tipos neutros que desarmam os femeeiros mais indiferentes pela qualidade da prêsa. Olhos de paz, labios curtos, braços extaticos. Por acaso nhô Pires a vira em lagrimas á janella quando partia o entêrro pobre da mãi. Seria o acompanhamento de só dois carros? A influéncia do jantar bem regado — dêsses que predispoem a fraquezas sentimentais? O certo é que não se esqueceu mais dela. Voltou. Informou-se. Diziam que ficara sem arrimo sem parentes no Brasil. Os pais defuntos eram italianos. Nhô Pires apresentou-se. Consultou-a, propos-lhe

casamento. Maria necessitada de apôio meia espantada meia grata deixou-se levar. Sem amor mas sem ambição. Tinha a mobilidade espiritual do cadaver. Antes assim! Queria paz, influenciada pela vida inutil dos pais.

Logo se afez sem violencia ao novo modo de vida. Sentiu-se inteiramente feliz, sem amor mas dona dum escravo opulento que lhe adivinhava as tristezas e os desejos. Desejos? Que raridade!... Nem isso. Antes preferencia indecisa. Uma cadeira aqui, sempre muita agua-de-colonia, frutas pouco maduras...

O fazendeiro enfraquecera bastante. Com a paixão. Ou mesmo sem ela. Sentiu-se doente. Como que despertava nele a recordação de males já sofridos. Teve calores, golpes agudos no peito. E' que muito frio e borrasca o tinham acompanhado nos ultimos quinze dias de caçada no sertão. Tossia.

Na capital derem-no como fraco do peito. Um nada naquela idade. O ar da fazenda, cuidado, repouso cura-lo-iam.

A mulher porêm que o seguira ao escriptorio do médico sobresaltara-se. O doutor olhou-a. Recommendou-lhe higiene, separação de leitos. Nhô Pires ouvira o conselho muito mudo sem um gesto.

Maria a êsse contacto com a cidade sentira um brotar de ansias dantes inexistentes. Teve vontade de viver. Ela mesma não sabia explicar essa ideo tola de querer viver. Pois não vivia? E entre despeito e medo voltou para a fazenda.

Aí, sorrateira sem consultar o marido, arranjou outro quarto para si. Afastou-se completamente de nhô Pires. O sacrificio fôra superior á sua mocidade. Tratou do doente com dever e com justiça. Seria impossivel dar-lhe as quenturas dum amor que... Como seria o amor?...

Nhô Pires viu, antes percebeu tudo calado. Talvez até desse razão á mulher. Mas, e não era já segunda nem terceira fraqueza, sofreu, chorou. Piorava numa depressão muito lenta. A força vital enrijada por tantas lutas passadas cedia mas num ceder insensivel espaçado. Si o mal fosse combatido talvez desistisse da vitoria. Mas nhô Pires era homem que nunca se contivera e na paixão das caçadas muita vez chuva e noite alcançavam-no longe de casa.

Maria bem que pretendeu guarda-lo mais. Impossivel. Procurou recobrar o sossêgo anterior. Impossivel. Desconhecia o que eram revoltas mas seus olhos a cada por-de-sol contemplavam sonhadoramente o poente onde no festival das nuvens percebiam cidades enormes em que fremia a violencia das multidões. Viveu fóra da vida.

Só percebeu a paixão do enteado quando êste abertamente lhe falou de amor. Repeliu-o admirada que um desejo assim pudesse nascer em peito de homem. Chorou de envergonhada. De ofendida. Mas como que havia entre os sentimentos informes que a faziam chorar umas pinceladas de arrependimento. Conservou-se fisicamente imaculada com um grande medo do ma-

rido. Agora estremecia cada vez que lhe escutava a fala. O poderoso escravo era ainda escravo por inteiro, Maria porém sentia invisivel rastejante o ciume de nhô Pires engrada-la numa atmosfera de predestinação.

Nos ultimos tempos que vida de aflições! O fazendeiro entristecera afastado da mulher. Tristeza com muita coisa do crepusculo sobre o campo. Desolação tragica de sol-por.

Maria procurava dar-lhe seu cuidado. Horrorizava-se toda quando o sentia muito perto. Tinha pavor da doença. Muitas vezes nhô Pires percebeu que embora escondida em subterfugios Maria fugia dêle. Então se retirava para o quarto frio de solteiro e não saia mais sinão no dia seguinte. Maria falava-lhe da porta arrependida. Nhô Pires pretextava pioras com voz sêca. E sentia-se mais só.

— Que pasmaceira é essa, Maria?

Violentou-a um estremeção. Levantou o rosto esforçando-se por sorrir.

— Cansaço.

— Está doente!

— Não. Cansaço.

— Porquê você trabalha tanto? Precisa sair um pouco... Vamos dar uma volta...

— Agora vamos jantar.

Irritadissima esgueirando-se sob o braço que o marido lhe pusera no ombro entrou na casa.

Nhô Pires quis pensar. Mas entrou na casa.

Depois do jantar insistiu no passeio. Maria cedeu. Enquanto dava algumas ordens e se aprontava, nhô Pires mandava preparar o semitroli. Quando assomou á varanda viu debaixo da pequena escada de pedra o marido já sentado no carro sustendo a bêsta. Teve um perceptivel recuo de desprazer. Desagradava-lhe passear assim. Tinha medo.

— Queria ir a cavalo...

Nhô Pires baixou a cabeça um instante, depois olhando submisso a mulher:

— Porquê não disse, Maria. Agora o semitroli já está pronto...

— Mas...

— Não faz mal. Mando ensilhar os animais.

Depois de dez minutos de embaraço partiram. Maria fustigou a egua que desatou num galope ondulado. Sentia o ventinho queimar-lhe a pele. Tinha prazer em se ver assim insulada nos campos que a meia paz da invernia e do crepusculo assobrava. Via-se só criava na imaginativa um ambiente de tragedia e solidão. De quando em quando olhava para trás. Nhô Pires muito calmo seguia-a perto. Tomava-a então uma raiva impaciente do marido. Fugir, distanciar-se! O relho feria de novo o dorso do animal. Nova galopada. Maria já bastante habil procurava os atalhos as des-

cidas as ladeiras rispidas. Nhô Pires atrás calado sustentando-a com os olhos. Uma onda mais resistente de brisa derrubou o chapeu de Maria. Ela soube que o marido atrás retinha as redeas da cavalgadura. Apear-se-ia para lhe erguer o chapeu... Numa risada vitoriosa, mordendo a egua com os joelhos, chicoteou-lhe a barriga.

Sinistramente na calva do pasto entre arvoretas esqueleticas amazona desgrenhada que o cavaleiro se esforça por alcançar... Russia...

— Maria, que loucura! Tome o chapeu.

Odiou-o. Refreou a egua.

— Vamos voltar.

— Que é isso, Maria? acalme-se. Você está nervosa hoje.

Os cavalos voltavam a passo fumegantes. Sombras abismais subiam da mata. Os ultimos pios dos anuns. A impaciencia dos cavalos... Que tristeza angustiosa dentro d'alma... A escuridão crescia no céu. Mugir de vaca longe. Auc, auc, auc.... Grandeza misteriosa... Brasil...

Maria jogou a capa sobre uma cadeira. Tirou o chapeu num gesto doente. Deitou-se na rede. Fechou os olhos para que o marido não conversasse. Seis e meia. Noite velha.

O serão foi vazio. Nhô Pires sentou-se junto á mesa perto do lampeão. E assim ficou recurvo, mãos cruzadas sobre a toalha de quadros. De tempo em tempo olhava timido a mulher. Nada.

A's oito horas como sempre Maria fez servir o leite com farinha para o marido. Tomou café. Retiraram-se ambos cada qual para o seu quarto depois dum boa-noite sem cor.

Maria, corpo unicamente, apagou a luz. Mesmo vestida deixou-se cair sobre a cama. Como esquecida de si propria. Não sabia pensar. A's vezes voltava-lhe durante segundos a consciencia das coisas, então escutava com curiosidade infantil os batidos do coração e admirava-se da incapacidade em que estava de descobrir o que queria. Muito raro diluida como num fundo de camara quasi negra, a figura do Tonico. A promessa do Tonico... Mas não doia, não fazia mal. Talvez ela não acreditasse, não quisesse acreditar...

Tempo ruim lá fora.

A's nove horas o macuco piou.

Maria levantou-se sobressaltada compreendendo enfim a realidade. Impetos de chamar o marido, contar tudo. Chorou de raiva. Depois soluçou ajoelhada junto á cama. Não sabia bem porquê chorava. Irritava-se consigo mesma porquê queria chorar muito e ás vezes sobrestava o choro distraida a escutar os soluços.

Por mais de duas horas espaçadamente ouviu o macuco piar na perobeira. Depois o siléncio estupido.

Teve um despeito quando o macuco não piou mais.

Dormiu profundamente.

— Você ouviu? Esta noite um macuco veio piar bem em frente de casa, na mata. Pertinho. Outra vez não me venço.

— Não vá!... é uma loucura!

— Loucura porquê?

— A doen... a tosse pode voltar. Está tão frio!

Nhô Pires olhou-a com vontade de contar sofreres. Pretendeu orgulhosamente guardar-se. Mas disse tudo num:

— Que tem!

Doloroso, quasi confissão se suicidio aquele "que tem!". Maria envergonhou-se do afastamento em que deixava o marido. Num impulso de coração chegou-se a êle, segurou-lhe a cabeça entre as mãos, beijou-o como a pai na testa. Nhô Pires circundou-lhe a cintura com braços receiosos. Cerrou os olhos e baixando a cabeça colou os labios no pescoço nú da mulher. Essa fraqueza que a invadia... Ah! que importa... Deixar-se conduzir assim... No quarto dêle!... Leito contaminado... Que importa!... Delirou. Pela primeira vez teve prazer. Querido! meu amor!... Tomou-se de medo invencivel. Estremeceu violentamente e libertando-se dos braços do marido, fugiu para o quarto dela.

Fechou-se por dentro. Tremula agitada com um sorriso nervoso tirou do lavatorio o vidro de agua-de-colonia. Derramou-o sobre o ombro, sobre os seios, rosto, cegando-se. Mais raciocinada embebeu uma esponja em álcol. Esfregou-a depois fortemente nos lugares

onde tinham poisado num momento de recompensa os labios de nhô Pires. Atirou a esponja pela janela Começou a pensar.

Estava muito feliz. Orgulhava-se da ação que praticara. Via-se heroina, coroava-se martir. Imaginou-se com mais fôrças para lutar contra a ordem do Tonico e pela primeira vez de longe detestou-o. Quando saiu do quarto nhô Pires não estava mais na casa.

Foi á cozinha. E cantarolava. Preparou os bolinhos de que o marido tanto gostava. Não pensou sinão nêle. Entrou pela segunda vez naquele quarto nupcial onde ha tanto não ia, para ver si estava tudo em ordem. Colheu flores para o jarrão da comoda. Vestiu-se milhor. Ataviou-se mesmo. Sorriu para a propria alegria.

Como estava livre, numa grande calma! Impacientava-se com a demora do marido. Ralhou-o mesmo porquê se retardara. Jantou bem conversando alto. Rí, criança! Nhô Pires contemplava-a sorrindo, feliz, admirado com a transformação.

A' tarde ela quis passear outra vez. Numa ousadia em que se catalogou perto das santas pediu o semitroli. Mas com a condição... Devia tratar-se mais. Não saisse de noite... Prometido?

Só com as sombras noturnas os temores voltaram. Devia ter avisado o Tonico... Quis pedir outra vez ao marido que não saisse. Si ele desconfiasse? Parecia-lhe tão facil a verdade que qualquer palavra diria tudo. Prolongou o serão. Mas abstrata cheia de pasmos cansados. Imenso desejo de dormir.

A's oito e meia deram-se o boa-noite.

Maria fechou-se por dentro como quem procura defender-se. Atirou-se na cama vestida, sem nenhum sono. As nove horas batidas no relogio da sala deram-lhe quasi um desmaio. Admirou-se de não ouvir o macuco piar. Esperou uns minutos. A qualquer ruido estremecia de terror. Não era o pio. Desistira. Graças a Deus! Desejos inconscientes de ouvir o canto da ave. Raivas do enteado. Havia de contar ao marido!

O macuco piou.

Ela ergueu a meio o corpo sobre os cotovelos, devorando num êxtase o som. Abrira olhos deliciados dentro da treva. Encolheu-se toda no leito. Chorava gritinhos irritados. Pôs o cobertor sobre a cabeça. Tirou-o novamente. Queria ouvir os pios. Impacientava-se quando demoravam muito. Ia se erguendo e se espichava muito em curva sobre a cama. Novo pio. Encolhia-se outra vez, miudinha, enrolada, tolhida pela aflição.

Nhô Pires deitara-se preocupado com as contradições da espôsa. Tão alegre primeiro, tão solícita e aquela mudez subita... Não sabia responder. Doença?...

Ao primeiro chamado do macuco levantou a cabeça do travesseiro e escutou. Diacho, que provocação!...

Vagamente luziu-lhe na memoria o conselho da mulher. Mal se continha já. Arfou antegosando o tiro. Levantou-se rapido. Vestiu-se. Calçou as botas. Esperou novo pio. Irresolução. Podia piorar. Maria tão amorosa pela manhã. Era possivel que voltasse para êle. Terceiro pio. As recomendações do médico. Po-las de lado. Maria... Descalçou as botas. Irresolução. Outro pio. Calçou as botas. Tomou da arma. Cobria-se bem... Dois minutos com a mão no trinco. Irresolução. Saiu do quarto. Foi até a porta da mulher. Andava pesado. Si lhe dissessem que o impelia o desejo de ser obstado contrariado impedido por ela, irritar-se-ia. Maria ouviu-o retranzida, paralitica. Ouviu os passos afastarem-se. Ouviu os passos fora na escadinha da varanda.

O siléncio apagou tudo por fim.

Atonia. Lassamente derrubara os braços a cabeça na cama. Sem fôrças para um movimento só. Divagava. Viu-se em lagrimas á janella quando partia o entêrro pobre da mãi. Começou a observar a cor curiosa da treva, meia avermelhada meia loira... Outro pio.

Saltou da cama. O perigo de Tonico projetara-se-lhe no coração. Protege-lo! Morrer por êle si preciso!... Tonico!... Envolta na capa escura correu para fora do quarto abriu a porta da varanda procurou o marido no limpo da baixada. Não o viu mais. Foi-lhe atrás.

A' entrada do mato espaventou-se com a escuridão. Era uma noite negra. Titubeou. A idea da morte do

amante sufocava-a intoleravelmente. Seguia machucando-se nos cipós nas arvoretas. Torcia o pé a cada passo. Si errasse a direção... O galho desnastrou-lhe o cabelo Rasgou-se a blusa nos espinhos. Sangue. Arquejava. Avançou mais lento. Marretava troncos. Afundava o rosto na vegetação. Salvar Tonico! Parou. Mais tacto agora. A perobeira devia estar perto. Nitida compreensão. Cumplicidade. Muito cuidado no pisar as folhas secas... nhô Pires certamente por ali... Procurou a árvore com os sentidos... Mais um passo. Tiro.

O baque surdo. Ruido de animal pesado a correr.

Nhô Pires estranhou o barulho. Desfechou o segundo cano no som. Continuava. Quis perseguir. Pisou numa coisa mole... Gemido humano!... Recuou. O fosforo. Maria mais que branca respirava mal. Nhô Pires adivinhou a verdade. Um sôpro noroeste de odio queimou-lhe o pensamento, secou-lhe a alma. Levantou-se. Enormemente esguio. Era uma noite feia. Armou a espingarda. — Peste... Atirou. Era uma noite muda. Um derradeiro estremeção. Os olhos de Maria abriram-se muito, já cegos. Fecharam-se.

Nhô Pires estava só. Essa calma oleaginosa que o inundava... Admirou-se de não sofrer. E voltou. Lembrou o outro. Acha-lo-ia. Amanhã... Tinha sono.

João esperava-o na varanda da casa com boa advertencia:

— Mecê não ha-de sará nunca com extravagancia desta! Ouvi os tiro e falei pra mim: Ora! pois nhô

Pires tará caçando com êsse friu!... Vim vê... Matou macuco?

— A femea. Agora falta o macho.

João olhou-o admirado:

— E cadê ela!

Agarrando o braço do amigo nhô Pires levou-o para o mato.

Era uma noite longa.

No outro dia a mulher do João, muito assustada contava a toda gente que o marido fôra a São Paulo levar dona Maria. Tinha adoecido de repente, é ! Nhô Pires tambem piorara... Meu Deus!...

O fazendeiro não saiu de casa nêsse dia. Dormira profundamente. A calma que o vestia era talvez cansaço da grande dor. Ao acordar mordera a saudade dos que se sentem sozinhos. Faltava gente em torno dêle. Tinha necessidade de alguem. João partira no troli. Deveria ficar muitos dias longe. Iria a São Paulo para enganar. Nhô Pires obedecia indiferente. E pela primeira vez se recordou da outra espôsa. Desejou-a. Lembrou-se dos filhos. Qual! Só com largas espaços uma carta. Pouco explicita. Poucas linhas. Amou-os. Quereria te-los consigo contar-lhes a tristeza ... E Quininha? Ha uns oito meses sim uns oito meses que não vinha notícia... Pela primeira vez

ainda imaginou que envelhecera. Olhou o espêlho. Infantil. Envelhecera. Teve medo de morrer. Levantou-se. Passeou pelo vasto casarão abandonado. Pesou-lhe aos ombros a poeira daquele mutismo. Vagueou pelos quartos. Seu siléncio amedrontava. Os criados fugiam dêle. Caira sobre a fazenda a impaciencia alerta das apreensões. O proprio gado! Coisa exquisita... E uma dúvida na gente da fazenda, do arredor... A primera estação do caminho de ferro era a dez leguas dalí. Alguem partira entretanto.

Num momento o velho fazendeiro apareceu á porta da varanda. Procurou a mato em frente. Lá estavam os ultimos galhos da perobeira dominando a humildade implexa das ramas em redor. Nhô Pires imagina. Desce o tronco da árvore e a poucos passos dela num bem disfarçado chão de folhas penetra fundo na terra. Estar deitado junto do corpo que tanto amara!... Afinal tão moça, obrigada a aguenta-lo... Virou as costas á paisagem. Foi fechar-se no quarto. E chorou.

Foi ridiculo o pranto. Nhô Pires perdera todo o orgulho. Pusilanime até. Aceitara a intriga com que o João planejou evitar as complicações. Nem mais odio para enrija-lo. O amante... Parecia-lhe impossivel agora descobrir.

As primeiras sombras da tarde amedrontaram-no por tal forma que não poude suportar a solidão. Queria alguem. Carinho? Gente. Gente com êle. Não era a primeira vez que se lembrava do Tonico. Mandou um camarada á sitioca do filho, chamando-o. Foi espera-lo na

varanda. O interior da casa sufocava com a impressão muito fresca dos dedos de Maria. Curvou a cabeça para o peito. Ficou imovel. Dois dias atrás encontrara alí mesmo ela scismando... O empregado voltava. Encontrara apenas o camarada de nhô Tonico. ...Que nhô Tonico partira na véspera para Uberaba...

Nhô Pires ficou inerte um instante. Adivinhava tudo. Por várias vezes admirara-se de ter errado o segundo tiro... A verdade acordava-o num sobressalto. Maria e Tonico... Tantas vezes... Lançou mão do animal. Fustigou-o.

Com o ruido o camarada do Tonico assomou á porta da casinhola.

— Nhô Tonico foi pra...

Nhô Pires empurrou-o. Penetrou na casa. No acêrvo revôlto das cobertas Tonico procurava levantar-se ferido na coxa.

— Meu pai, vassuncê pode me matar. Fui eu mesmo.

A' voz covarde do filho cessou o impeto assassino que nascia... Um riso lateral de desilusorio desdem repuxou o labio de nhô Pires. Tonico olhava-o tremendo, sustido a custo nos cotovelos. Seu medo fazia oscilar a cama sordida. Nhô Pires rosnou por fim:

— E nem teve coragem de defender ela... Cachorro!

Muitas vezes cortou com o relho o corpo do filho.

— Agora vá-se embora! Vá-se embora e já!

Saiu da casa. Ao camarada:

— Apronte a bêsta.

Esperou. A noite ia muito nova, ainda hesitante. Aves noturnas morcegos insetos a riscar o verde incerto do último crepusculo.

Pronta a bêsta o camarada entrou na casa. Pouco depois horrivelmente palido abobado pela dor Tonico apareceu com o auxilio do outro. Foi um custo montar. O camarada amarrou a pequena trouxa na sela.

— Não me apareça mais. Nunca mais, hein!

Breve a sombra dissolveu Tonico e bêsta. Por fim o siléncio sobrepujou o trote do animal. Mas nos ouvidos continuando plaque plaque... maquinal.

Ficar assim olhando muito tempo a escuridão sem nexo... para que? Nhô Pires a passo volta para a casa-grande.

E muito embora o João jurasse que nha Maria morrera em São Paulo, o camarada de Tonico jurasse que êste partira só e expulso, toda a gente do bairro sabia muito bem que êles tinham fugido juntos enquando nhô Pires caçava. D'aí em deante o fazendeiro viveu cercado de maior carinho e piedade. Durou pouco. Na hora da morte contorcia-se vendo enormes macucos de asas espalmadas saltitando em redor do leito.

(1917).

CASO PANSUDO

a Pio L. Correia

Nhô Rezende era dono de propícias terras lá para as bandas de Apiaí. Não se importava com o café pois a porcada e as plantações de arroz iam-no mais do que arranjando enriquecendo. Seus campos marginavam a Ribeira em doce aclive onde as rezes ruminavam distraindo a monotonia das almargens sob a arrogancia ouriçada dos pinheiros. Mais para o alto fugindo aos alagadiços a mata recobria a crista das colinas. Na filigrana das ramagens os macacos e os tucanos em convivio anunciavam com a matinada loquaz cada novo dia sempre portador de novo lucro e bem-estar.

Ha quinze anos já que nhô Rezende se afazendara naquelas paragens preferindo buscar no chão da terra esteio mais seguro que o das filosofias aderentes ás cartas de bacharel. Entre o rubi e a enchada optara pela segunda desgostando a coronelice ingénita do pai mas a preferida lhe dera os orgulhos da honestidade e a serena paz dos patriarcas. Tambem entre a

pianista de alameda paulistana, chopinizada de alma e corpo, e a cabocla aguentada nas aleivosias do clima, endireitara para o amor desta mais submisso e mais virgem. E o nono filho aí estava como a nona excepção á gente amarelecida que os rodeava, rijo sacudido crestado sujo lindo olhos inquietos.

— Chiquinho, sai d'aí, peste! Eu te bato, heim!

Mas Chiquinho tinha apenas tres anos, duvidava ainda da argumentação das palmadas e enrodilhava-se á perna do pai puxando-o.

— Quê que ocê qué, minino!

— Vem, papai! vem...

— Olha só o tal! Então você pensa que vou te servir de ama-seca... Tá solto!

— Vem papai, bicho... e a voz fazia-se suplicante no pedir.

— Aonde é que tu me leva, minino!

— Bicho!...

— Tá bom: vamo vê o tal bicho...

E largando a navalha que afiava carregou Chiquinho nos braços, dirigiu-se ao portal.

Mesmo em baixo dos degraus de pedra que escachoavam para o terreiro uma linda porca negra de malhas brancas deliciava-se devorando avencas e begonias.

— Ora dá-se! Não é que a porca do Felipão tá aqui outra veiz! Ocê gostou da passeata, sua fia-da-mãi! Espera um pouco que já te dou comida p'ra ocê comer!

E ao filho que saia do paiol:

— Martinho, acerca d'aí! Não deixe ela fugir.

Largou o Chiquinho no patamar. Dum salto, como prova ainda do vigor e elasticidade dos musculos caiu junto da porca e segurou-a pela perna.

— Sirvina! venha vê o que a porca do Felipão feiz nas suas prantinha... Essa diaba tá querendo mas é bala.

Contudo ao mesmo tempo regalava beatificamente os olhos na belissima porca. Já por várias vezes tentara compra-la mas o dono emperrara na recusa e só era dado a nhô Rezende, assim como em pecado contra o nono lamber com o olhar grosso as formas e cores do animal.

— Minino, quê que tu tá fazendo aí parado, seu palerma! Venha segurá a porca pra mim. Ocê vai levá ela no Rio Novo e fale p'ro Felipão que é a urtima pra cá outra veiz eu mato ela. Juca vá com seu irmão. Tá bom: é mió vocês não dizê nada. Não, é mió dizê... Repita bem pr'êle que si a porca torna a passá pra cá outra veiz eu atiço a cachorrada nela.

Enquanto o Martinho partia mal se aguentando com os arrancos da porca, Silvina inda falava ao marido:

— Nhô Rezende, quem sabe si é mió não mandá dizê nada. Felipão é home bravo, pode se zangá...

— Que zangue! Só fujo de cuisarrúim. Felipão pensa que tem o rei na barriga mas comigo êle tem que se avê! Ora se!...

Felipão vizinhava com nhô Rezende iam fazer quatro anos. Desde que para alí viera não havia mais sossêgo na vizinhança. Quebrara o dúlcido encanto do ramerrão. Cabra facinoroso, avelhentado já, embora ostentasse todo o vigor duma juventude sempiterna, a barbicha rala e grisalha a espetar para frente como esporão de galera, justificava tão somente pela altura o aumentativo que lhe realçava o nome. Não se sabia muito bem como lhe tinham vindo a pertencer os miudos alqueires do defunto Joaquim Esteves mas largos incomodos trazia já tal parceiro para se lhe indagar o porquê da falcatrua. Só, eternamente com a picapau nos dedos e o cigarro luzindo no sardónico risinho, como último fauno sobrevivente nos sombrais da America nem mulatinha ou preta ou branca por alí vivia que não se sentisse violentada por seus olhares desejosos.

Na aparencia Felipão criava porcos. E na vara brilhava com real destaque sobrepujando facilmente em beleza todas as milhores crias dos vizinhos a porca malhada tão amiga de avencas e begonias alheias. Talvez conscia dos seus singulares dotes de perfeição outorgara-se ela o direito de passear por dominios estranhos, de por lá amesendar-se e vizinho não havia a que não amargasse e não fosse pessoalmente fazer as cocegas da inveja. Felipão revia-se orgulhosamente na porca não por certo em dotes de beleza mas no desrespeito á propriedade alheia. Reputava de nenhuma importancia matar caça nos banhados de outrem ou usar-

lhe dos caminhos sem licença e nhô Rezende o mais destorcido dos fazendeiros da comarca ansiava por se ver livre de tão nojenta companhia.

Os meninos voltaram dizendo que Felipão os tinha xingado duma porção de nomes feios.

— Pois que xingue! que xingue! Mas si a porca dêle passá pra cá, já sabe...

Quinze dias depois, sereno de animo, nhô Rezende jantava quando viu a endiabrada porca devorando aboboras no pomar.

— Qual o quê! isso não tem geito não!

Seguido pelos rogos da Silvina que lhe suplicava deixasse a porca em paz agarrou da espingarda desceu ao quintal chegou-se para a porca. Esta olhou-o mansamente com ares de quem vê Ninguem ao pé de si e recomeçou o banquete. Silvina entreassustada pedia ainda misericordia. As crianças divertidas assistiam das janellas á execução.

Nhô Rezende chegando a boca da espingarda junto ao rabinho da porca desfechou. Enquanto êste em arrancos de lombriga decepada rolava no chão a malhada desaparecia num vôo.

E o fazendeiro desfechou o segundo tiro no ar para que o estrondo reboando nas socavas a espavorisse ainda mais.

As crianças ás gargalhadas disputavam-se o rabinho. A propria Silvina não deixou de sorrir ao inesperado da lição.

— Ta'í, porca do inferno, agora vamo vê si tu vem comê abobra outra veiz!

No dia seguinte com o brotar da aurora nhô Rezende lavava o rosto na sala de jantar quando aos "Papai, Felipão ta'í" da criançada ouviu um tossido de aviso no terreiro.

— Bom dia Felipão.

— Nhô Rezende, vim buscá minha porca.

— Que porca essa!

— A maiada. Eu sei que ela onte veio pr'êstes lado.

— Mas ela não tá aquí!

— Oia, nhô Rezende, é mió mecê não se fazê de desentendido. Me dê minha porca que vou s'imbora muito calado. Noutros causo...

— Noutros causo o quê, Felipão? Já disse que sua porca não tá aquí.

— Mecê se arrepende...

— Ora não me amole! Sua porca não tá aqui disse e arrepito. Onte ela andou no pomá comendo abobra. Então dei um tiro no rabicho dela e outro pro á. Só pra assustá.

Mas Felipão partia abanando a cabeça:

— Tá bom. Mecê vai se arrependê.

Um meio susto assombrou a fazenda nesse dia. O proprio nhô Rezende não sabia sinão praguejar. Achou duro o feijão, o milho não apendoava, os filhos ... cada tamanhão! é só comê, comê... Trabaiá mesmo!... como si o mais velho deles não contasse apenas doze anos. Foi preciso que outra madrugada sur-

gisse com o coral das alegrias, radiosa, para que a má impressão surdinasse um pouco.

Nesse dia quando ao verãozinho da tarde imovel nhô Rezende chegava da invernada encontrou a mulher na porta.

— Uai! Mecê não levou o Martinho!

— Eu não, Sirvina. Então havia de levá um crila de sete anos, pra que!

— Pois êle desapareceu.

— Que tu tá falando aí, Sirvina? Deixe de historia! Ha-de está por aí mesmo.

— Já cansei de percurá, não dá ar de si. Mandei vê êle na casa do compadre, mandaram dizê que êle lá não apareceu.

As crianças espantadas grudavam-se umas ás outras contemplando o pai.

— Ora sabe que mais? vamos jantá! Quando Martinho sentí fome aparece.

Entrou barulhento na sala. E o jantar arrastou lúgubre. As palavras de nhô Rezende não tinham ecoado em nenhum coração. Nem no dêle. Ninguem pensara nada mas todos sabiam muito bem que Martinho não banzava a tais horas, nem se perdera. Um estremeção de medo combalia aquele pugilo de corações palpitantes de rude amor.

Empurrando de repente o prato em meio nhô Rezende levantou-se. Si os labios lhe tinham desaparecido dentro da boca numa expressão voluntariosa de energia, os olhos alargavam-se retos de perplexidade e

terror. Pôs o chapeu. Foi buscar a egua. Silvina muito baixo:

— Mecê vai lá?

—Vou.

—Quem sabe si é mió levá o Belarmino.

— Não perciso que ninguem me amostre a estrada.

Pouco a pouco saltitante ao trote curto sua figura diminuiu, diminuiu até esconder-se por detrás dos pinheiros ao longe. Os pinheiros de braços alarmados.

— Boas tardes. Ocê tá com o Martinho aí, Felipão, e vim buscá meu fio. Já falei dez veiz que não tou com a sua porca!

— Que historiada é essa de Martinho!... Não tenho ninguem comigo! Mecê pode entrá na casa si quisé, corrê tudo que não acha sinão porco.

— Felipão, dexe dessas brincadera que ocê ta ferindo um sentimento de dentro de meu coração! Me diga onde escondeu Martinho e eu não faço nada!

— Ora dá-se, nhô Rezende! e minha porca!

—Já te disse que não tou co'a porca, Felipão! Não me faça perdê a cabeça!

— Mecê pode perdê quantas cabeça quisé! Martinho não tá aqui! Tambem ando percurando a maiada e inda não achei! Sabe que mais? Mecê ache minha porca que eu acho Martinho. E deixe-se de muita corage que pra forte eu sou mais forte que mecê e tambem sei usá meus tiro...

— Felipão, tu tá me fazendo perdê a carma!...

— Quem sabe si mecê não qué me matá!... D'aí é que eu quero vê quem acha Martinho!

A Lua temporã presenciava a disputa. Nhô Rezende desconhecia-se tomado pela primeira irresolução que jamais o perturbara. Pediu ameaçou. Implorou. Felipão queria a porca.

E foi, olhos esgazeados fragilimo impotente ao defrontar aquela proposta de troca que nhô Rezende deixou a egua reconduzi-lo á fazenda.

Já noite. Tremeluzem as estrêlas. O curiango. Cantochão das rãs. O luar andejo arranhando-se nas árvores põe malhas de sombra na estrada. O fazendeiro julga distinguir a cada instante junto ás patas dianteiras da cavalgadura a porca de Felipão.

Em casa a notícia levantou chôro e lamentações que ultrajavam a placidez benigna do noturno. Nhô Zé Fernandes padrinho dos nove filhos de nhô Rezende, alí aparecido para o cavaco, era o unico a conservar algum criterio na familia. Nhô Rezende, o pobre! idiotizado não chorava não dizia nada incapaz de mover palha.

O compadre é que dispôs as coisas. No dia seguinte todos partiriam em procura de porca e de Martinho enquanto êle dava já um pulo até a cidade para ver si o delegado mandava prender Felipão. Depois: "era só obrigá êle a confessá". Partiu.

Felipão deixou-se prender sem luta mas recusou-se a apontar o esconderijo de Martinho. Devassaram-lhe o dominio palmo a palmo desentulhando valos esmiu-

çando grotas: nada. O delegado bacharelissimo depois dos interrogatorios via-se manietado pela indecisão. A cada nova instancia junto do facínora êste pedia a porca. Um cabo letrado indicava a tortura.

No tragicomico do caso deu nota comovente a Silvina vindo lançar-se aos pés de Felipão. Este pareceu sensibilizar-se. Depois pediu a porca. Nhô Rezende ofereceu-lhe suas porcas, toda a criação. Por fim acenou-lhe á cobiça com dez contos. Felipão pediu a porca. Não era ambição que o mantinha era birra. Dessem-lhe a maiada e contaria o paradeiro do Martinho.

Todo mundo das fazendas, da cidade procurava Martinho ou porca. Passavam-se as horas. Que aflição! O menino devia ter fome. Teria sêde... Choraria de medo... Qual! ninguem acha mais!... Tambem dr. Vieira não faz nada! Fosse comigo, havia de ve si Felipão contava ou não!...

Afinal, depois de porfiada devassa no arredor, já pela tarde, um dos agregados de nhô Rezende voltou com o cadaver inda quente da porca. Fôra encontrala expirante a debater-se num lodaçal.

Felipão contemplou silencioso o cadaver da porca. Duas lagrimas bem choradas entraram-lhe na coivara da barba. Depois olhando com raiva a Silvina, derrubou dos dentes:

— Desgraçados! Agora é que eu não conto!

O delegado temendo á chegada de nhô Rezende uma agressão ao prêso, recolheu-o incomunicavel á prisão. Fe-lo guardar pelos soldados. Felipão pertencia á socie-

dade e não á familia de nhô Rezende. A Justiça se encarregaria de fazer justiça.

E aos gritos da Silvina, ás súplicas de nhô Rezende, ás instancias da Justiça Felipão gritava fechado:

— Não conto ta'í! Ocês mataram minha porca, pois agora é que eu não conto!...

Vidrilhar de estrêlas já. E' a longa noite de Catulo, cheia de imagens, de perfumes, de tragedias. Que luar, oh gente, o do sertão!... Na testa livre das baixadas ondula a mantilha de prata das aguas. A Ribeira tem curvas gentis. Duas leguas abaixo da fazenda de nhô Rezende caracola que nem potro novo. Ha mesmo o trecho em que se espraia mais larga e esquece a viagem, brincalhona, sobre as pedras. Na outra margem no escuro pouco denso da mata ha uma pequena furna. Essa pedra fecha-lhe a entrada. Lá dentro sobre o chão verde liso está Martinho adormecido. Relaxa-lhe a expressão aterrorizada do rosto o sorriso cheio de sonho. Ao lado da bilha um último pedaço de pão a esfarinhar-se. Ratos.

1918.

POR TRÁS DA PORTA

a Joaquim Inojosa

Personagens:

Pai — 48 anos. Medalha antiga. A' barba o lusco-fusco da primeira velhice. Autoridade artificial muito fisica.

Mãi — 37 anos. A nulidade de certas mãis. Eco do marido e trata-o por senhor. Papel de Lua.

Avó — **Mãi** dele. 70 anos. Imenso e cansado perdão.

Helena — 20 anos. Filha do casal. Tipo de tranzição. Humildade cheia de revoltas evanescentes. Grandes olhos negros de marnel. Sensualidade na testa curta, na grossura dos dedos, na agudez dos joelhos.

Boaventura — 3 anos. Filho de pais velhos. Doentio. Gelido. Muito loquaz.

Tempos de agora.

1ª. scena

(Sala-de-jantar, pouso e prisão da familia. Dos moveis antigos mas bons ressumbra ar de abastança

e burguesice. Tristeza perniciosa do mofo. Certa grandeza austera rebarbativa. Certo ridiculo pesado. Siléncio. Inquietação. Um relogio de armario bate as dez horas da manhã. A noite passada foi de poeira. Descansa em todas as coisas o halo tumular dos atomos.)

Pai (deixado mais uma vez o jornal, estremecendo ao friozinho ambiente) — Dez horas.

Mãi (numa voz de súplica) — Dez horas...

Boaventura (que brinca no chão com umas cartas de baralho) — Papai! Helena ontem jogou uma pedra num ticotico... Acertou! Ela diz que os ticoticos não choram, é verdade!...

Avó (rapido) — Não! meu filho...

Boaventura (depois de scismar por um instante) — Que pena... Quando eu for grande quero ser ticotico...

Mãi (abandona o concêrto da meia olhando fixamente a porta do quarto de Helena) — Como ela está se demorando para sair do quarto hoje... São dez horas...

Pai — Que tem! Naturalmente está cansada.

Mãi — Está cansada...

Avó — E' milhor acorda-la. São quasi horas de almôço...

Pai — Não! Ontem se queixou de dores-de-cabeça... De certo passou mal a noite... E' milhor deixa-la dormir.

Mãi — E' milhor mesmo! (Depois dum siléncio

ergue-se olhando para o marido) Vou saber como passou...

Pai e avó (juntos fazendo-a estacar, num susto sem razão) — Não vá!...

(A Mãi olha-os. Senta-se. Siléncio.)

Avó (tocando na ferida) — Esta doença de Helena me incomoda... Não é natural. Ontem quasi que não saiu do quarto...

Mãi — E tem chorado tanto!...

Pai (secamente) — E' inutil. Todos os caprichos passam. O de Helena ha-de passar.

Boaventura (jogando as cartas) — Vermelho, preto, vermelho, preto, verm...

Mãi — Ha-de passar!

Avó — Mas já fazem mais de oito meses!

Pai (irritadissimo) — Fossem dez anos! Já disse que êsse casamento é impossivel. Helena tem que obedecer. (Sossegando) Ha-de passar.

Mãi (sempre sem emitir luz propria) — Ha-de passar... Esse moço não presta. Vem só atrás do dinheiro dela...

Avó — Pois até propôs separação de...

Pai — Isso não quer dizer nada! Esses casamentos são ridiculos. O marido continua a fazer o que quer do dinheiro da mulher... Alem disso: num casal a riqueza tem de ser comum.

Mãi — E' mesmo. O que não posso compreender é como Helena tão bem educadinha se apaixone assim por uma pessoa que nem sabe quem é...

Pai — Não é paixão! E' capricho!

Avó — Capricho mas minha neta está doente de verdade. Eu é que vejo como está magrinha, não come...

Pai — A senhora queria então que eu consentisse nesse casamento!

Avó (assustada) — Não! Não digo isso mas... carece trata-la com mais carinho...

Boaventura — Papai! porquê que o Joly foge de mim, hein! Gosto tanto dele! Cachorro mau!...

Pai — Mais carinho do que eu tenho para ela! A senhora não está vendo! Levanta-se quando quer!

Mãi — Aqui todos se levantam ás sete...

Pai — Até Boaventura. E' verdade que êle dorme cedo... Mas já são dez horas e ninguem foi acordar Helena! Tambem é só porquê está doente sinão...

Avó — Quem sabe si é milhor chamar o dr. Cerquinho...

Pai — Posso chamar... Porêm isso é doença que não se cura com remedio...

Avó (sêca) — E ela está cada vez pior, isso é que é verdade.

Mãi (num sôpro) — Tão fraquinha...

(Siléncio. O pai busca ler pela quinta vez o jornal.)

Boaventura — Preto, preto, preto, vermelh...

Mãi (num sôpro, com o filho) — Era tão forte...

Pai (sobressaltado larga do jornal e quasi grita) — Quem falou em morte!

Avó — Ninguem, credo!

Mãi — Jesus!...

(Siléncio de morte.)

Pai (levantando-se) — Vou acordar Helena!

Mãi (seguindo-o) — E' milhor mesmo.

Boaventura — Ah, mamãi!... misturou todos os pretos com os vermelhos...

Avó (pregada na cadeira, horrorizada ao imaginar a porta aberta. Grande gesto) — Não batam!

Pai (no mesmo horror, indeciso, querendo se irritar) — Mas... mas porquê não hei-de bater!...

Mãi — E' milhor mesmo...

Avó — Deixe ainda minha neta no quarto!... Que durma em paz!

Pai (pusilanime) — Está bom. (Indo novamente sentar-se) Tem mocidade bastante... Vence qualquer desgôsto. E' doença leve... Passará. (Um tempo) O que não vale de nada é estarem pensando que Helena vai morrer. Vocês, mulheres... Quem sabe até si não estão imaginando que ela já morreu só porquê ainda está no quarto! Não morreu não! Está dormindo. (Fala em arrancos de convicção, com a certeza inconsciente de que Helena está morta.) Ontem quasi não saiu do quarto. Teve dores-de-cabeça. Naturalmente passou mal a noite e adormeceu de manhãzinha. Não se morre assim atoa não! Está dormindo!

Mãi — Está dormindo...

Boaventura — Papai! Acho que o ticotico ficou muito machucado. Na asa. Você não sabe si... (Põe

a mãozinha na boca e olha o pai que por sua vez o fita colerico).

Pai — Como é!

Boaventura (pianissimo) — O senhor...

Pai — Não lhe disse que não quero que me trate por você! Não somos iguais ouviu! Estas crianças!... Si repetir outra vez puxo-lhe as orelhas, seu... mal-criado!

Boaventura (tremulo, num terror, repete insensivelmente) — Na asa... na asa...

Avó — Porquê você é tão aspero com meu neto? Ele enganou-se!

Pai — Pois que não torne a se enganar!

Avó — Depois hoje é costume os filhos tratarem os pais por você...

Pai — E'! e por isso vê-se tanto escandalo! Ninguem respeita os mais velhos! Cada filho faz o que quer!

Mãi — E' verdade.

Pai — Hei-de seguir a educação que a senhora mesma me deu. No meu tempo havia muito mais respeito e muito menos imoralidade, isso é que é. Vejam Helena... Si tivesse recebido uma educação mais sôlta, á moderna, nem sei o que faria com êsse capricho! Mas minha autoridade foi suficiente. Teve que baixar a cabeça. Aceitou o que eu quis. E que é só para bem dela!

Avó — Mas sofre tanto... coitadinha de minha neta!

Pai (irritado) — O importante era obedecer! Si não fosse o respeito que tem por mim batia o pé gritava dava escandalo, era capaz... (deslumbrado) era capaz até de fugir!

Mãi (horrorizada) — Jesus!

Avó (tremendo, tremendo a olhar desvairadamente a porta) — Fugir... Não! minha neta, minha neta!...

Boaventura (sorrindo no brinquedo) — Na asa... na asa...

(Mas o pai se levantou dum salto, correu para a porta abriu-a entrou no quarto. Seguem-no a mãi e a avó, mais atrasada pelo fraquear das pernas.)

2.ª scena

(O quarto. O pai e a mãi junto da cama para sempre feita adivinham as letras duma carta. A avó se arrasta até junto deles e ajoelhando-se afunda os olhos na cama. Chora.)

Pai (tapando os olhos com as mãos deixando-se cair tambem de joelhos, rosto na cama) — Mas si eu deixava! si eu deixava!...

Mãi (refletindo o gesto) — Minha filha!...

(Longo siléncio.)

Boaventura (entra e sorri) — Assim! Fiquem assim que vou me esconder, ouviram? Quando Boaventura disser "E' hora!" todos vêm me procurar. (Rindo meio assustado). Mas não me achem!

(Sai correndo. Depois longe destimbrada pela distância ouve-se a voz novinha medrosa:)

Boaventura — E' hora!...

(1918)

GALO QUE NÃO CANTOU

a Rubens de Moraes

Arlindo Teles — Telinho como lhe chamavam no lar — casara-se aos 25 anos. Era lá das bandas de Pinda onde seus pais tinham vivido como agregados de parentes de riqueza e mais inteligente atividade. Orfão sem mais recursos que mãos inermes e vontade bruxoleante viera para São Paulo onde lhe prometiam casa e dinheiro. Lendo correntemente as palavras mais comuns da lingua, escrevendo letra gorda em que se confessava toda a candura da alma escassa, multiplicando somando subtraindo porventura até os biliões desembarcou na capital ao aproximar dos vinte anos. Fugindo á orfandade e penuria acolhia-se como os pais á asa dum tio — aliás menos galinha-mãi que usurario e aproveitador.

Entrando para o escritorio do comerciante lobrigou sem grande labor nem fadigas a epiderme da escrituração mas em geral só aproveitavam dêle os donaires da caligrafia e a rijeza das pernas. Copiava cartas,

levava a correspondencia ao Correio, dava recados percebendo cincoenta por mês. Que bom rapaz!

Caseiro moderado no comer e economico, indo nos raros acessos de liberalidade até a chicara de café paga ao amigo (retribuição de gentileza mais notavel) soube cair nas graças de viuva mais ou menos rica. Dona Cremildes vendo-o simples são mansueto e herdeiro de outros méis deu-lhe gostosamente a filha.

Telinho jamais folheara um dêsses livros de retorica que ensinam as artes do bem escrever portanto mais que provavel sua total ignorancia da fôrça e da eloquencia das antiteses mas tinha sem dúvida algum refolho de alma onde ardesse a lampada da intuição artistica pois ignaro das antiteses tinha por elas intuitivo amor. Provou-o casando com Jacinta. E Jacinta era a antitese de Telinho. Alta e magra machucava o espaço com as anfractuosidades dos membros e no rosto empinava o recorte belico dum nariz sem fim mui digno de figurar entre as setas do deus menino.

Camões num soneto imortal conta que do magano deus acoitado nuns olhos recebeu as feridas incruentas da paixão. Raimundo Correia não menos foi ferido pelo deus magano desta vez ajudado por dois labios sonorosos. Jacinta si soubera de poetica e teogonias lançara como Schiller sobre a morte dos deuses, especialmente de Eros lastimas e imprecações. E desejara pulsassem mais no Telinho alem do gôsto artistico pelas antiteses os estos da inspiração pois bem pudera surgir

do nariz dela as galas cavalheirescas dum soneto a primor.

Mas não foi preciso seta nem deus. Jacinta mais prática, sabendo instintivamente talvez que o começado em verso não termina em bençãos matrimoniais utilizou-se do nariz para uma operação piscativa: fisgou com êle o Telinho. Assim o que troveiros de antanho levariam dez anos e quatorze versos para cantar realizou com um só verbo, rescendente alem disso do aperitivo fartum de bagres e piracanjubas: pescou o Telinho.

Jacinta não expandia bondade. Tinha porêm vago encanto. Talvez o encanto de toda virgem moça. Talvez dos cabelos negros crespos.

Telinho era a antitese dela. Baixo e gordo. Não se lhe via siquer o desenho da carcassa enluvada que estava na gelatina da carne mole. No meio da cara aberta mal se arrebitava como ponto timidamente roseo o embrião dum nariz. Alem disso os cabelinhos pardos já lhe começavam a rarear no cocoruto oval.

Casaram em manhã de neblina com missa prédica lagrimas de mãi ironias de assistentes almofadas para ajoelhar, meninas de filó carregando a cauda da nubente. Nubente simpatica receiosa, quasi bela nesse dia.

Depois de nove meses um filho; no fim de outro ano outro filho; terceiro ano terceiro filho... Mas é preciso miudear o que aconteceu antes dos filhos.

Arlindo ao casar não trabalhava mais no escritorio do tio, copiando cartas e fazendo somas pequeninas

pouco maiores que a mesada. Com a especial piedade da futura sogra associara-se a um primo tambem moço e necessitado de arrumar vida. No vazio da antiga rua do Rosario (o caso foi na caudinha do seculo passado, alí por 1899) montaram os dois socios uma loja de duas portas. Loja muito síria onde aos olhos do tranzeunte se expunham fazendas vistosas de nenhum luxo e muitos chiquismos de armarinho burguês.

Sentou-lhes Fortuna ao portal e Telinho poude trazer para casa no primeiro mês de Lua a então gorda bolada de duzentos milreis. E com ela bem embrulhado no jornal um exquisito vidro de cheiro: Cuir de Russie.

Extasiara-se á contemplação daquelas letras francesas que deviam contar tantas coisas doces e finas. Russie!... E murmurava á portuguesa: Rú-ssi-e... De certo queria dizer Russia que sabia ser um país muito longe por detrás do mar, acamado de neve devastado por ursos brancos, Nossa Senhora!... Telinho não era positivamente burro, aprendia até relativamente rapido, que habilidade para trabalhos caseiros! arranjar o pé do sofá, endireitar a luz, torcer lã para os cordões de sapatinhos mas — coisa comum a toda gente que imagina — sempre acreditara que a Russia era habitada por fortes negros desnudos de olhos em brasa. Consequencia talvez de antitese aterrorizada dos ursos brancos... Fossem agora dizer-lhe que loirejava naquelas terras de setentrião a mais negra de todas as raças brancas!... Sorriria incredulo. Continuaria a povoar a estepa nivea com os negros da

propria imaginativa. Não sei si teria razão. Mas correm mundo assim tantas russias!

Entrando em casa antegosava a alegria da mulher. Como ficaria linda cheirando a Cuír de Rússie!... Encontrou-a sentada á cama no quarto remendando meias.

— Imagine o que trago para você, hoje! gritou da porta com as mãos escondidas.

— E' o dinheiro da loja.

— Não! Falo de presente.

— Então você não trouxe o dinheiro da loja!

— Já está aqui. Falo...

— Quanto?

— Duzentos.

— E' milhor eu guardar. Você é tão palerma, vai perder tudo e d'aí sim!

— Mas posso precisar, Jacinta!

— Ora essa! fique com uns cinco milreis. Quando precisar mais, pede. Me dê o dinheiro.

E as notas lá foram parar numa gavetinha de comoda. Bem fechada.

Arlindo ficara muito aborrecido. Desagradava-lhe viver sem dinheiro. Necessitava de o ter no bolso. Tranquilizava-se com êle como criança que no meio da multidão caminha destemerosa segurando a mão de pessoa mais velha. Tinha frequentemente ideas destas: Si cair e me machucar **posso** tomar um tilburi e ir para casa. Si sentir sêde **posso** tomar uma limonada...

Mas era perder a esperança. Lá estavam os milreis

bem dobradinhos numa caixa escarlata de veludo numa gaveta fechada. E a chave dessa gaveta pendia da cintura de mulher energica. Desistiu por esta vez de conservar a mensalidade jurando intimamente que no proximo 31 guardaria custasse o que custasse o dinheiro. E afinal, pensou rapido, Jacinta tinha razão: não precisava de tanto cobre.

— Que é isso que você traz aí?

Era o presente. Apagou-se-lhe a sombra. Num geito rapido escondendo o embrulho:

— Adivinhe!

— Já sei: é sabão.

— Não senhora, não adivinhou! e desmanchava-se numa gargalhada.

Mas Jacinta já se apropriara do embrulho e descobrira o vidro.

— Ah, é perfume... Obrigada... Quanto custou?

— Nada, então! Tirei lá da casa.

— Mas vocês podem tirar assim qualquer coisa da loja!

— Posso, ora sebo! Pois tudo aquilo não é meu!

Jacinta deixou-se levar pelo suasivo da resposta. Até o marido entrara com duas partes para a sociedade!...

— Então porquê não trouxe uns lenços. Seria mais proveitoso... Ou meias... Você fura demais suas meias! Ande com mais cuidado. Nunca vi homem mais arara: vive a dar topadas...

No fim do segundo mês Telinho trouxe as meias.

No terceiro os lenços. Já então a mulher se acostumara a lhe determinar o que traria para casa. Por fim nem pedia os lenços hoje e esperar trinta dias para pedir as meias: eram meias e lenços na mesma ocasião.

Por delicadeza o primo, rapaz timido e de humildes descorajadas ambições não descontara o vidro de cheiro dos lucros de Telinho. Por timidez invencivel e até si é possivel vergonha, pelo outro ou do outro, continuou a faze-lo com lenços meias metros de chita e mesmo a peça de morim. E como para si por quasi idiota honestidade não se dispunha a praticar o mesmo vinha para casa furioso, desabafando com a espôsa ao jantar. Depois, passada a errupção, planejava mil meios de terminar com aquelas meias. Preparava-se para falar ao primo, decorava periodos, incomodava-se com as entrelinhas da frase — não fosse molestar o socio! — construia toda uma arenga pejada de desculpas e quando no dia seguinte por volta das nove horas Telinho entrava na loja, sorridente e honesto com "bons-dias" tão virginais tão dulcidos, lá da caixa o outro entressaindo das cifras respondia miudo á saudação, pigarreava e não dizia nada. Ha timidezes intransponiveis. Delas estava rico o primo de Arlindo. E' ordem das sociedades que uns ajoelhem para que os outros lhes subam ás costas.

Arlindo que lhe honre isto a consciencia, por leviana vaidade apenas dissera poder tirar tudo da loja como si fosse apenas seu . Ao mando da mulher, com

receio e desgôsto se apropriara dos lenços. Pouco a pouco porêm esvairam-se os receios e com a maior naturalidade excluia do bem comum o que a mulher desejava. Já nos fins da sociedade — isto cinco anos mais tarde — nem esperava o último dia do mês: em qualquer tempo tirava rendas e sabonetes.

Os negocios no entanto iam bem. Arlindo falava com orgulho na "minha loja" e nela passava os dias sentado á frente do balcão, chapéu sagrando a calva incipiente, uma perna horizontalmente dobrada sobre a outra, olhando o vaivem de fora e a tutear os fregueses. O primo lá da mesa das cifras olhava-o de quando em quando com luzes de ira nos olhos, mastigando a caneta. Mas Telinho não sabia fazer coisa alguma. Era natural que agisse assim. Quando o freguês era de alta roda Telinho o servia, êle proprio. E continuava levando cartas ao Correio...

Em casa espraiava-se a abundancia, não a felicidade da paz. Jacinta tomara aos poucos conta de tudo. Esse tudo compreendia Arlindo. O espirito prático e ambicioso dela, inteligente e arguto dava-lhe sobre o marido real ascendencia. Aconselhava-o nos projetos da loja, rescindia contratos, imaginava outros, dirigia passos e mãos do marido, indagava-lhe das horas gastas fora, proibia-lhe a saida, regrava-lhe os acessos de afeição. Arlindo tentou protestar. Jacinta em dura voz protestou contra o protesto. E Telinho entregou as ventas a argolar. Conto como foi.

Nos primeiros tempos quando não redarguia ás im-

posições da espôsa consolava-se pensando consigo que eram os primeiros tempos. Fazia tão pouco que estavam casados!... Milhor deixasse passar mais um mês ou dois... Então sim: mostraria que naquela casa quem cantava era o galo. Passados dois mêses mais um terceiro se escoou. E assim até que veio pontual o periodo da gravidêz. Era preciso deixa-la sossegada, coitada! ia sofrer tanto!... Madama Assunta recommendara descanso. Depois do parto êle tomaria conta da casa... Coitada!...

Aos olhos de Telinho vinham sorrir lagrimas enternecidas. Vivia num encantamento. Teria um filho que era dêle! Aquela manifestação de masculinidade abrandava o afelear do grilhão. Mas a cada nova intimação ou ordem da mulher mais lhe engrossava no espirito a idea de após o parto manobrar sozinho as dificeis redeas do lar. Ora sebo! a casa era dêle. Quem mandava era êle. Depois do parto!...

Afinal, velha manhã de terça-feira um quinze de Março, arranhou a casa o chôro da criatura nova. Telinho por mais de tres horas ajoelhado junto á cama olhos imersos nos lençois, guardando entre os dedos a mão gelada da mulher, derramara mais suores e lagrimas que fonte de cordilheira. Sofreu muito mesmo. Aniquilou-se. Emagreceu. E quando depois junto ao leito onde palida Jacinta e Jacintinha repousavam conversava com a sogra e a parteira, confessou escorrendo as mãos trementes pelo ápice da barriga que so-

frera as mesmas dores da mulher. Parecia-lhe que Jacintinha nascera unicamente dêle. Ai, dor!...

Por uma semana adorou Jacinta e filha. Não saiu do quarto. Não trocou roupa. Não se lavou. Quando lá surgiu na loja outra vez, os negocios corriam uniformemente bem. Quis inteirar-se de tudo. Agora sim, precisava trabalhar muito. Tinha um nobre dever a cumprir. E foi interrompendo a serie de contas e de notas com litanias de peripecias e rosarios gososos ás graças de Jacintinha que chegou ao fim das informações do primo. Não compreendera não ouvira coisa alguma. Estava bem! Estava tudo muito bem! Mas ansiara por chegar até a loja porquê deixa-la assim... sem êle! E tinha de voltar para casa. Como irá passando Jacintinha, minha filha!... Jacintinha!...

Jacinta logo se tirara da cama e pusera-se com impeto de mãi nova a tratar da criança. Ninguem tinha licença de mudar uma fralda, só ela. Lavava com segura habilidade a pequenina, curava-lhe o umbigo, espargia montanhas de pó no corpinho rubro, vestia-o no azul das flanelas, perfumava-lhe a Cuir de Russie as longas mantas debruadas de seda e adormentava a filha, com o calor das palavras mais profundamente maternais. Quando Telinho na ponta dos pés entrava da loja perguntando com os olhos por Jacintinha, Jacinta recomendava-lhe siléncio com tanta veemencia que ás vezes chegava a acordar a criança. Então quem recebia as admoestações asperas e sofria-lhe a descomponenda? Era, quem mais? Telinho o só culpado.

E Telinho recordou-se que chegara enfim o tempo de assumir a direção do lar. Mas Jacinta ainda estava tão fraca! Contraria-la? Podia influir no leite. Mais tarde, quando Jacintinha tivesse uns duzentos dias... Então sim! Havia de mostrar que não era nenhum pai-gonçalo. Fazia mais aquele sacrificio pela filha, Jacintinha!...

E os dias passavam. Telinho inteirava-se cada vez mais de sua subalternidade. A consciencia da propria fraqueza acirrava-lhe por tal forma a sensibilidade que duas ou tres vezes por dia era todo coleras abafadas. E tudo ia tão bem! O progresso exterior e suas galas e mais suas facilidades contrastava dolorosamente com a decadencia de alma em que se via. Rebaixado assim! Não! E nos proprios atos caseiros em que quem manda é a mulher Telinho via espesinhamentos á sua dignidade de senhor e macho. Desconhecia gradações e meios-termos, ignorava compensações. O objeto disposto por êle e descolocado pela mulher parecia-lhe degradante humilhação. Mas sofreria muito com isso? Tornara-se apenas irritadiço, pensava um pouco mais, perdera uma quarta parte do bom-humor. Da completa paz anterior passara a viver vida de gosos intermitentes em que os eclipses parciais da calma dilatavam-se apenas o eco dum pensamento ou dum gesto. O que mais lhe doia era si alguma pessoa presenciava uma dessas ocasiões em que lhe cumpria obedecer ás ordens da espôsa. Então remordia-se interiormente e jurava que aquilo havia de aca-

bar. Mas saia dalí já placido já Telinho sorridente referindo ao primeiro que encontrava, com a serenidade duma importancia repleta de si mesma que fizera a mulher executar tal ação, a tal parte a mandara, aconselhara-a por esta forma quando na verdade êle era o executante, êle o mandado, êle o aconselhado. E num andantino discreteava com a voz das coisas importantes sobre o quão dificil é mandar e agir na sociedade quando si é negociante reto, nobre espôso e legítimo pai.

Posso assegurar que a sogra era sua maior defensora, a unica mesmo contra as investidas de Jacinta. Desde o princípio talvez mesmo antes do princípio com a sagacidade divinatriz das mãis inteirara-se dona Cremildes da orientação que tomaria o lar da filha. Não lhe desagradou ser mãi de tal segura energia. Vieram porêm horas de pensar mais acertado e concordara que a posição dum marido não era positivamente aquela. Morando na mesma casa foi contínua testemunha das vergonhas do Telinho. Vendo ocasião de intervir falou á filha. E' porém a mais verdadeira das verdades que Jacinta de nada se apercebera. Nem planejara mandar. Mandava porquê era indole sua mandar. Sem preconceitos. Sem raciocinios. Mandava porquê reconhecendo-se inconscientemente superior e mais forte sabia... intuitivamente agora, que é dos superiores e dos fortes mandar e não obedecer, dirigir e não aconselhar-se. As advertencias maternas serviram só para que se inteirasse duma verdade que

até então não percebera e apressar-lhe assim a conquista do lar e dos negocios da familia. Entre os negocios da familia Jacinta incluiu Telinho. Viu-se o marido. Verificou a propria superioridade, acostumou-se a chamar Telinho de bobo, desdenhou dêle e mandou. Agora si uma dessas mulheres se põe a pensar em coisas de amor... Mas Jacinta era fria. O enclausurar-se numa virgindade perpetua fôra para ela o menos pesado entre os exilios. Casara porquê é costume casar. Pouco lhe importava a escôlha dêste ou daquele. A virilidade do seu caracter fazia dela homem entre homens. Todavia veremos que chegada a ocasião não se esqueceu de ser inteiramente mulher.

Corriam os duzentos dias. Foi a epoca de maior exacerbação nos brios de Telinho. Tempo em que existiu um pouco menos para o gôsto de viver. Nem repetia mais a promessa de retrucar ás ordens da mulher "quando Jacintinha tivesse duzentos dias". Remastigava em siléncio a erva ruim da humilhação. Tinha azías de alma. Vencer ou... Era preciso vencer. Nem se passaram os duzentos dias.

Foi num lerdo crepusculo de Outubro. Depois do jantar. Jacinta, Telinho, dona Cremildes. Com o palito a oscilar nos dentes espaçados, Arlindo chegara á janela. Corria no roxo da tarde o halito refrescante duma brisa. Deram-lhe vontades de sair. Foi buscar o chapéu.

— Aonde você vai?

— Sair um pouco. Já volto.

— Você não vai, não.

Áquela proibição Telinho jogou o olhar á sogra na esperança dela não ter ouvido e poder arripiar caminho mas nos olhos que dona Cremildes mandara á filha sobejavam para êle alem da notícia nua de seu apoucamento firmes alianças para uma revolta. Sentiu que estava no fim dos duzentos dias. Exagitadamente após tantos duzentos dias de canga, perguntou o seu primeiro, seu primeirissimo "porque?". Tão inesperada era a audacia que Jacinta levantou os olhos para êle numa legítima admiração. Sem de pronto compreender o fato tal a anormalidade dêste, numa baianada de quem quer assegurar-se de seus proprios musculos, escondendo uma possivel razão redarguiu como aço frio:

— Porquê não quero!

— Mas a senhora não tem querer!

— Quem é que não tem querer! gritou ela alçando-se na expressão descomposta de furia. Nos seus labios trementes de colera viera sorrateira depor a sua linha de irresolução uma perplexidade.

— A senhora! Quem é o marido nesta casa?

— É você? e casquinhou: Bobo!

A situação abria-se por tal forma extraordinaria que Jacinta perdia a faculdade de raciocinio. Si não, veria na figura oscilante de Telinho não colera e resolução mas covardia apavorida e idiota. E as risadas que pretendera dar sair-lhe-iam sonoras e reais.

Telinho em meio já daquele Golgota resolvera duma vez crucificar-se. Berrou cuspindo o palito para frente:

— Bobo, si quiser mas hei-de mandar! Veremos quem pode mais nesta casa ou acabamos com isto! Ora sebo... O que é que a senhora pensa! Si me deixei mandar algum tempo foi... foi... por delicadeza! Mas agora quero mandar e hei de mandar! Ora sebo!

Estava cada vez mais encorajado porquê a réplica tardava. Enterrara desmesuradamente o chapéu na cabeça como que se coroando rei daquele Congo. Rebusnava com voz de matraca as frases primogenitas de energia que nunca proferira na vida. Ebriou. Delirou no prazer de ouvir-se e ver-se forte, senhor de sua e mais vontades. E pouco frequentado nos requebros de oratoria, valorizando os intersticios da fala com ora-sebos ofensivos fustigou os ouvidos de Jacinta com relhadas nunca ouvidas mesmo nos labios calejados dum orador pé-de-boi.

Jacinta viu-se perdida. Lembrou-se que era mulher. Golfou soluços de assobio e murmurios de trespasse e soltando um "ái, mamãi!" de abandono e infelicidade estirou-se no sofá largadamente para com mais confôrto representar a imagem da mulher batida .

Telinho então magnifico ante a queda da espôsa. Descortinara afinal em si mesmo uma fôrça que não possuia. Tresvariava na vitoria narcisando-se nos seus muques irreais. Discursou muito tempo. Aludes de

objurgatorias e inuteis afrontas ao amaro refrão de suspiros que eram úivos e chorares gritados. E saiu.

Saiu atarantado. Na placidez monastica do por-de-sol andou sozinho. Homem maluco? a dar punhadas na brisa . . . Julgava tropeçar a cada passo em Jacintas inermes. Paravam para ve-lo. Riam. Só muito depois já na doçura da noite Telinho começou a pensar.

As horas passavam rapidamente impiedosamente. As ruas estavam cheias de familias que findo o jantar vinham para o relento em busca de assunto. Telinho embaralhava-se no ruido das ruas com a ansiedade do que encontra lenitivo. O barulho dos passos o tóróró dos carros o crepitar das risadas a grita das crianças impedia-lhe quasi recordar. Dava graças a Deus. Pensava acelerado. E a explosão com que delirara em frente da mulher assumia agora proporções de tragedia. Insultara. Batera? Matara talvez. Que esgotamento! . . .

No largo do Palacio havia música. Arlindo ouviu música, muita música, toda a música· Não escutava, deixava-se assombrar na atoarda dos bombos e dos saxofones. Maior porêm era o chinfrim que lhe ia n'alma. Encharcou-se de multidão. Que consôlo perder-se na turba movel nulificado ignoto reassumindo as proporções de nada que sempre lhe tinham ido tão bem!

Mas a música cessou. As familias partiram. Pouco a pouco as últimas janelas fecharam as palpebras cansadas. As ruas adormeceram. Era preciso voltar...

As brisas numa reviravolta feminina traziam uma névoa gelada e humida.

Telinho sentiu a nostalgia do leito. Sempre quente, sempre comodo! Tambem: que necessidade tivera de fazer tal sarceiro! Podia ter saido sem dizer nada... Uma zanguinha atoa... Passava logo. E ela tivera razão, olhe aí o tempo! E não: insultara a espôsa... batera... E agora por causa da raiva intempestiva era aquilo: Jacinta muito bem adormecida nos cobertores e êle a se molhar de neblina tonto de sono... Burro!

Andou mais. Saudades de Jacintinha!... As horas passavam lentamente impiedosamente... Chorou. Enraiveceu-se. Vão pr'o diabo! Crescia-lhe a impaciencia e o frio. Não voltaria!... Resolveu voltar. Entraria muito manso. Podia até ficar na sala de jantar dormindo no sofá... Bem que lhe sorrira a idea de ir dormir num hotel mas... e dinheiro?

Quando defrontou a rua em que morava tomou-se de tal pavor que rodou para trás. Decididamente não voltava! Havia de esperar sozinha toda a noite. Bem feito! Experimentasse o que é falta de homem! Na casa dêle quem cantava era o galo... Não voltaria! Si voltasse ela veria nisso... atchim!... uma prova de submissão... Isso nunca! Nunca!.........

.. ..

.. .. atchim! .. .. ..

.. ..

Quando Telinho com mil paciencias de ladrão deu volta á chave o relogio avisava o siléncio que eram

as duas da madrugada. Agradou-lhe isso: as badaladas ressoando disfarçavam o trreque da fechadura. Entrou na sala de jantar. Doce calor na casa toda! Que milhor cama que um sofá! Doer-lhe-ia talvez o corpo mas era uma noite só... Depois...

— Telinho!

— Que é!

— Venha dormir na cama, seu bobo! Você vai passar a noite no sofá?...

Telinho foi.

(1918)

EVA

EVA

a Martim E. Damy

Personagens:

Eva — Meia-duzia de anos mais dois. Muito brasileira. Do famoso moreno alaranjado que é a milhor fruta da nossa terra. Grandes olhos moveis misteriosos promissores, marechais do amor. Cabeleira dum azulmarinho quasi preto, crespa enorme, reminiscencia de algum antepassado longinquo... menos português.

Julinho — Primo dela. Doze anos sem beleza a não ser a da fôrça que se desenvolve bebendo ar livre pelos poros, guardando Sol nas veias.

Dona Julia — Mãi dêle. Boa mãi.

O Desejo — Demonio familiar. Nasce na comissura dos labios das meninas. Divide-se em dois mais tarde e sai pelo mundo para que uma das suas partes eleve a dona ao altar enquanto a outra sacrifica os homens na ara.

Chacara perto de Paulicéa.

1ª. SCENA

(Scena de pouco valor mas indispensavel. Sem ela o Desejo personagem principal não abrolhava no labio pequenino de Eva. Larga sala aberta para o grande Sol dum meio-dia de Janeiro. Julinho e Eva folheiam revistas antigas. Dona Julia a um canto faz crochê.)

Eva (batendo com uma das minusculas patinhas no pernão do primo) — Vamos!

Julinho (deixando a leitura) — Faz tanto Sol!...

Eva (numa voz que para que a comparação seja acessivel ao primo seria feita daqueles bolinhos lambusados de calda que mamãi fez de manhã.) — Ora vamos, sim? Você mora aqui, não gosta... Mas eu vivo na cidade sempre dentro de casa...

Julinho — Mas mamãi não deixa...

Eva — Peça para ela!

Julinho — Então peça você!

Eva (alindando o passeio com o travor das coisas más) — Eu não, Deus me livre!

Julinho — Pois eu não peço.

Dona Julia — Pedir o que?

Eva (colorindo-se) — E' Julinho que está me convidando para irmos brincar lá fora...

Julinho (furioso) — Eu...

(De novo a patinha virginalmente calçada de branco trabalha. Ha energia e doçura na sua imposição Julinho cala-se.)

Dona Julia — Mas está fazendo tanto Sol...

Eva — Ele diz que é na sombra das joboticabeiras...

Dona Julia — E depois vocês vão comer alguma fruta verde...

Eva — Quem é que ha-de comer fruta com êste calor! Pode fazer mal, não é, titia?

Dona Julia — Parece que você tem mais vontade de ir ao pomar que o Julinho...

Eva (roxa) — Eu? ... até que não! (Pondo martirios na voz) Mas tambem queria ir... Na cidade não saio nunca!...

Dona Julia — Pois bem, vão. Mas só na sombra das jaboticabeiras. E... olhem! Não me vão comer nenhuma maçã: estão muito verdes ainda e não quero doença.

Eva — Sim senhora!

(Levantam-se ambos, dão-se as mãos, saem correndo. Na porta Eva para. Larga o primo, volta até onde dona Julia trabalha e dá-lhe um beijo nos cabelos. E entrega-se voluptuosamente á carícia rustica da luz.)

2ª. SCENA

(Lá fora. Poucas árvores. Muitas arvoretas. Pomar ridiculamente europeu de cidade sulamericana civilizada. Ha maçãs azedissimas e retortas, pessegos bichados, uvas que são limões e peras com sabor de agua fervida. Dez ou mais jaboticabeiras demonstram o bomsen

so antigo de algum pomareiro anonimo e dão sombra valorizando a chacara com a doçura das suas frutas. Os meninos dirigem-se para o sombral.)

Eva (tristonha) — Ai...

Julinho — Você está triste, Eva?

Eva (confessando) — Não. Não tenho nada.

Julinho (carinhoso sem querer) — Zangou comigo, é?

Eva — Não. Tambem porquê você não falou que queria vir?

Julinho — Não falei porquê não era verdade. Não gosto de mentiras. (Um siléncio) Você está chorando!

Eva (soluçando com lindos gritinhos finos de camondongo) — Você disse que eu sou uma mentirosa!

Julinho (mentindo) — Eu!...

Eva — E'! você não gosta nada de mim, sabe? Vive sempre a me xingar!

Julinho — Não xinguei ninguem, Eva. (Tomando-lhe a mão) Vamos brincar. Enxugue os olhos.

Eva — Então me empreste o lenço.

Julinho — Tome.

(Eva oferece-lhe os olhos a enxugar, mais claros mais vivos quasi sonoros quasi perfumados como a terra depois da chuva. Julinho desageitado rude procura limpa-los com carinho.)

Julinho — Passou?

Eva (sorrindo) — Feio!

(Estão sob as jaboticabeiras.)

Julinho — Agora do que vamos brincar?

Eva — Não sei. Vamos passear!

Julinho — Mas você disse que iamos ficar debaixo das jaboticabeiras.

Eva — Queria passear um pouco... Estou tão triste!...

Julinho — Mas mamãi...

Eva — Mas si ela não vê a gente! Que tem? (Pega-lhe a mão e olhando-o nos olhos vitoriosa rindo sorrindo puxa-o para o Sol.)

Julinho (dá de ombros e a segue) — Você tem cada uma, Eva!

(Vão pela rua de mirradissimas parreiras.)

Julinho — Mas aonde você vai!

Eva — Não sei, atôa...

Julinho — Ih! que Sol! Pode dar dor-de-cabeça...

Eva — Quer ficar fique! Dá dôr-de-cabeça para quem é bobo... Me dê o lenço eu amarro na sua cabeça.

(Ele deixa-se cobrir. Um longo siléncio enquanto atravessam o terreno das pereiras.)

Eva — O Sol me queima todo o cabelo! Si eu tambem tivesse um lenço... Não faz mal, gosto tanto de passear assim! (Um siléncio. Passa a mão nos cabelos.) Veja como a minha cabeça queima, ponha a mão.

Julinho — Pois vamos voltar, Eva!

Eva — Quando eu chegar em casa hei-de contar para mamãi que você nunca faz a minha vontade. (Suspirando) Si eu tiver dor-de-cabeça não faz mal...

Julinho (tirando o lenço da cabeça) — Tome o meu lenço.

Eva — Não quero. Pois sim. Então amarre você. Sua cabeça não deve doer, dizem que os homens são mais fortes que as mulheres... Você acha?

Julinho (convencido) — Acho.

Eva (enquanto o primo lhe amarra o lenço no queixo) — Vamos ver quem é mais forte de nós dois?

Julinho — Ora! você é uma pirralha que não vale nada. Ai! Ora Eva! Brinquedo de mordida não gosto! Olhe aí como ficou minha mão! Quando chegar em casa mostro para mamãi.

Eva — Você falou que era mais forte que eu!...

Julinho — Morder não é fôrça!

Eva — Deixe ver a mão.

Julinho — Não me amole!

Eva — Deixe ver. (Levanta-lhe a mão até a boca.)

Julinho (puxando o braço) — Outra vez, Eva!

Eva — Não vou morder! (Procura levar a mão do primo aos labios. Julinho resiste.) Já falei que não vou morder! te juro! (Beija deliciosamente suave as pequeninas manchas roxas dos dentes na grossa mão escura de Julinho.)

Eva — Sarou?

Julinho (admirado) — Ora essa! está doendo! Então você pensa que uma mordida sara atôa?!

Eva (desapontada) — Quando me machuco papai me dá um beijo e sara...

Julinho — Pois minha mão está doendo ainda! Queria dar uma mordida em você e depois dar um beijo para ver si sarava...

Eva — Pois dê!

Julinho — Tire a mão da minha boca, Eva!

(Atingiram as macieiras. E' o fim do pomar. Cada árvore magra ostenta ridiculamente os frutos verdes disformes crestados pelo impeto do calor.)

Julinho — Agora vamos voltar !

(Eva não responde. Vagueia olhando sorrateira para as frutas.)

Eva — Você já provou essas maçãs, Julinho?

Julinho — Já. Não prestam.

Eva — A-o-quê! Devem ser boas!...

Julinho — Não são. E depois agora ainda estão muito verdes.

Eva — Até aquela grande alí em cima! Parece bem madura...

Julinho — Está verde. Você ouviu muito bem mamãi dizer que elas estão verdes.

Eva — Mas tia Julia não sabia daquela! Estas sim, parecem todas verdes mas aquela... Esta por exemplo ainda não presta.

Julinho — Não apanhe, Eva!

Eva — Não vou apanhar! Não careço das maçãs da sua casa! E' só apalpar...

(E continua apalpando as maçãs pequeninas mas a outra, a Maçã, ela não alcança.)

Eva — Aquela... aposto que é boa! Apalpe você que é mais alto só para ver.

Julinho — Eu não. Mamãi disse que não mexessemos nas frutas.

Eva — Bobo. Ela disse para não comer. Apalpar, ela não falou nada. Apalpe só para ver...

Julinho (tocando a maçã) — Não falei! Está verde!

Eva — Não é asim! Aperte com a mão inteira! Segure forte!

Julinho — Estou segurando, Eva! Não serve!

Eva (dando-lhe um violento puxão no braço) — Ui! Viu! quasi caí!

Julinho (com a maçã na mão furioso) — Olhe o que você fez!

Eva — Ih! Você apanhou a maçã! E agora! Tambem eu não podia cair!

Julinho — Você fez de proposito, sabe!

Eva — Ah, Julinho ... Então você pensa que eu era capaz disso!... Credo! nunca pensei... E agora? O que você vai fazer da maçã?

Julinho (mais heroi que o presidente norteamericano) — Levo para casa e conto.

Eva — Tia Julia vai por você de castigo...

Julinho (já culpado hesitando) — Então atiro do outro lado do muro.

Eva — Uma fruta tão gostosa! Deixa ver. E está macia! (Dá-lhe uma dentada) Hum... esplendida! Quer provar?

Julinho (com muita vontade) — Não.

Eva — Experimente! parece mel!

(Julinho estende a mão para a maçã. Eva coloca-lhe a fruta na boca, do lado já mordido por ela.)

Julinho (retirando a boca) — Dêsse lado não!

Eva — Porquê!

Julinho — Porcaria! Você já comeu aí.

Eva — Então você tem nojo de mim?

Julinho — Nojo não... mas... isso não se faz!

Eva — Pois então morda do outro lado! Tome!

Julinho (cuspindo o pedaço de maçã) — Não presta! azeda!

Eva — Pois eu acho esplendida. (Continua a comer. Grande siléncio cheio de cigarras.)

Dona Julia (lá da casa) — Julinho!...

Julinho (aterrado) — Mamãi está chamando!

Eva (enfiando o resto da maçã na boca) — Não responda ainda!

Dona Julia — Julinho! Eva!...

(Eva segurando a mão do primo abala a correr para as jaboticabeiras.)

Dona Julia — Julinho! Eva! Não ouvem!...

Eva — Já vamos, titia! Estamos brincando debaixo das jaboticabeiras...

(1919)

BRASILIA

a Sergio Milliet

Diziam-me em criança que eu era espirito de contradição... Não sei. É bem verdade porêm que 2 mêses depois de abordar o Brasil um desejo alastrou-se por mim de tal forma a inutilizar-me algum tempo como obcessão.

Primeiro secretário da Embaixada de França entrara desde logo no alta sociedade carioca. Desejado e aplaudido· Creio mesmo que nem precisaria do bilhete de ingresso do meu cargo para os cariocas da elite me receberem com simpatia. Nas patrias novas sem verdadeiras tradições de meio, qualquer estrangeiro que jogue o pôquer danse o fox-trot e possua o dinheiro necessario para concorrer ás subscrições de caridade tem titulos de nobreza suficientes para ouvir o seu nome anunciado com aceitação geral nas casas mais doiradas pela distinção. Ha, fóra o snobismo forçado, um como anseio coletivo de expansão, uma necessidade de aumento do clan — condições imprescindiveis de progresso e vitoria. A ambição em cócegas aplaina todos os preconceitos de estirpe. Ha

sobretudo no fundo dessas elites incipientes o doloroso desejo de igualar as velhas sociedades, as nobrezas tradicionais de nomes mofados por lazeres inenarraveis e sangue coado nas estrepolias dalgum salteador medieval. Ha finalmente, perdoem-me a insistencia, talvez a saudade antecipada duma historia, duma nobiliarquia e duma decadencia inexistentes.

Assim conheci em pouco tempo essa gente carioca oscilante entre brilho e grandeza. Muito mais brilho que grandeza. Apertei dedos de todas as grossuras e elasticidades. Beijei mãos rosadas vermelhas palidissimas. Si nos primeiros dias essa desigualdade me deu prazer, um velho gôsto de ordem, de proporção (não fosse eu francês) fez-me enjoar logo dessa mascarada. Irritava-me sobretudo nessa gente o esfôrço para imitar as civilizações da Europa. E Paris. Ninguem desconhecia Paris. Os homens vinham falar-me de Montmartre com a mais insultante das ignorancias. Jean Rictus!... suspirava um mais erudito. E ficava camarada. Pagava-me o café. Nem ao menos café! Eram chás de manipulação inglesa licores conhaque. E si eu mostrava desejo de comer aquelas bananas jogadas no mostrador tratavam-me de original corridos de vergonha. A senha das mulheres então era a Comedia Francesa. E paravam comumente em Geraldy. Que de esclarecimentos espalhei sobre as heroinas do sr. Bourget! Morri de irritação.

Não abandonara a França para vir encontrar do outro lado do mundo uma reprodução reduzida e falsa

de coisas já vistas e assuntos resolvidos. Queria conhecer o Brasil. Observar-lhe os costumes. Um fraco pelos indios, por solenes mulatas gordas e suadas num calor de fornalha. E' mesmo bem possivel que na minha curiosidade sonhadora e orgulhosa de civilizado, quem sabe? Um novo continente por descobrir... Rios gigantescos feras insaciaveis... Novas raças. Novos habitos. Nova lingua.

Essa vontade de aprender o brasileiro é que acabou por transformar em colera a minha irritação. Antegosava durante a viagem as delícias de soletrar lingua nova cheia de misterios para mim. Como seria electricité em português? e unanimisme? e grain de beauté...
Lingua doce melodiosa colorida solar... Mas em plena capital do Brasil eu me via na impossibilidade de aprender o idioma da terra. Todos, todos respondiam-me em francês! No hotel como na embaixada, nos cafés e nos salões bastava eu chegar numa roda o francês tornava-se geral. Até a mais timida virgem de seda azul respondia-me em francês á pergunta que lhe fazia em português ou espanhol, lingua em que já naquela epoca me seria impossivel morrer de fome. Si lhe implorava falasse português sorria cheia de vergonha. Colegial pegada em falta. — "Em português"! Notei mesmo que a muitas era mais familiar a minha lingua que a do país. Ridiculo.

Foi então que nasceu o tal desejo de que falei atrás. Desejo antipatriotico inconfessavel. Invencivel po-

rêm. Descobrir mulher brasileira inteligente elegante bela que ignorasse o francês. Ama-la-ia. Faria dela a minha amante brasileira. Nova recordação para esta memoria barba-azul...

Quem sabe? Na alta sociedade paulistana "gente caipira" como desdenhavam entre superioridades de beicinhos estendidos as cariocas.

Era Dezembro. Conhecera um moço paulista de fina educação. Convidara-me a passar uns tempos na fazenda do pai perto de Campinas. Arranjei quinze dias de liberdade. Parti.

Diferença tangivel realmente. Havia uma expressão mais assentada, mais tradição na sociedade paulista. E a tal historia do salteador: gente orgulhosa dum bandeirante omnivoro que andara a matar tapúias e colher pedrinhas por ambição. Em todo caso notava-se uma solidez bem raçada naquela roda neblinosa e de pouca fala. Falta visivel de... de audacia social. Isso: de audacia social. Mas essa solidez começava já a desequilibrar-se dissolvida pela onda vivaz e cantadeira dos novos-ricos estrangeiros gente benemerita para os progressos do país mas dum comico irresistivel. Infelizmente mulher que ignorasse o francês era tambem alí uma quimera. Si me fosse dado mover-me por mim era bem possivel que descobrisse o "ideal" na burguesia menos endinheirada mas havia os cicerones obrigatorios, conhecidos novos que se honravam de me exibir no salão da senhora tal ou da senhora tal. E o amigo a me rodear de delicadezas...

Na fazenda um patriarca magro lento queimado de Sol, perguntador recebeu-me com bondade sêca mas sincera. Em francês. Seriam dias de possivel encanto... O mais amarelo dos sóis ronronando sobre os cafesais. Fogos flores frutas perfumes. Tudo bom abundante. Tudo pletorico. Mordi-me de desejos, sensualidades. De amor. Mas prêso pela obcessão cada vez mais forte. Desejava. Mas desejava **essa** mulher. Pintava-a em alucinações. Como era linda! Boa! Como era minha! Andei inglês, maleducado, neurastenico. Imaginava-a berliosianamente orquestrada de mil belezas graça vigor — paisagem de cor viva onde espraiar minhas ansias impacientes. E essa America parecia-me mais dificil de achar que a do navegador. Essa mulher...

Despedi-me do amigo em São Paulo. Voltei. A lembrança de que iria encontrar em Petropolis as mesmas francelhas lindas e faceis aterrou-me. Vagueei sozinho na capital, idiotizado pelo fogo. Perdi-me dentro da solidão.

E daquela casinha da rua corcunda de Santa Teresa saiu o vulto mais que branco. Passou por mim. Véu cerrado, sujo pelas manchas dos olhos. O grumete duma cansada ilusão clamou "Terra!" em mim. Parei. Seguia-a. No fim da segunda esquina tomou o bonde que chegava. Fui obrigado a correr para alcança-lo. As manchas cinzentas do véu voltaram-se para mim. Fixaram-me. Acreditei que um sorriso bipartiu os labios dela.

O bonde ia tristonho sem ninguem. Hora propícia. Sentara-me dois bancos atrás da prêsa. Dois bancos atrás, sem razão. Olhos escravizados áquele pescoço moreno. Oh a brancura estridente crua das mulheres do meu país! Aquele pano de nuca multicor desvendava-me uma enciclopedia de misterios voluptuosos. Detestei a timidez tão rara em mim que me fizera sentar distanciado daquela nuca. Aproximar-me agora seria confessar o primeiro temor... Deixei-me ficar. Que corpo! Talvez nem fosse tão perfeito assim. Eu é que devia delirar.

Por duas vezes durante o trajeto pretextando acompanhar uma janela que passava ela se voltou. Saltou do bonde. Saltei. Entrámos pela cidade. Caminhava rapida ondulantemente. Ao entrar na porta dum sobrado apoiou-se á placa do dentista. Olhou para trás. Entendi. Corredor escuro logo quebrado por uma escada já concava nos degraus. Casa antiga. Dr. Rodrigues Filho. Gabinete Dentario. Segundo andar. Encostei-me á porta disposto a esperar. A falar-lhe. Andei. Cheguei até a porta, olhando a rua. Voltava-me num pressentimento, era ela! Gente que saìa, Gente que entrava. Quanto tempo?

Agora ela descia. Calçava as luvas muito ocupada parando nos degraus tão lenta! Verdadeiramente imperial o seu descer. Eu estava tão perturbado tão obcecado que lhe dirigi esta frase incrivel num comêço de galanteio:

— Parlez-vous français?

Afinal nada indicara nela uma brasileira. Podia ser argentina, turca. E principalmente uma brasileira que desconhecesse o francês...

Parou. Dirigiu para mim os olhos do véu. Admirada. Depois sorriu. Murmurou quasi trémula:

— Não.

Aquele "não" tão desusado tão novo para mim! Entreouvira-o já tantas vezes em conversas esvoaçantes a meu lado nas ruas. Repetira-o muito, aplicadamente com o professor.

— Não é naom. É não. Duma vez.

Eu repetia. O outro não se satisfazia. O luzir de olhos denunciava-lhe o desdem satisfeito.

Mas agora naqueles labios importava em outra beleza nunca imaginada. Era um "não" consentimento. Afirmativa. Amei o "não". Amei aquele tremor. E que maravilhosa voz a dela! Contralto pensativo, calido. Crepusculos de fazenda. Não sabia que pensar, como agir. Todo o meu traquejo no trabalhar as amantes se perdera. Fui infantil, palavra. Quis continuar a conversa e suspirei:

— Merci.

Foi dela esta frase vaga com certa ironia:

— Parece-me que o senhor não gosta de franceses...

— Je suis français! respondi-lhe com patriotismo. Pus-me a dizer-lhe muitas coisas atabalhoadamente. Temia que partisse. Quis desculpar o ridiculo da primeira pergunta. Ela olhava para mim admirada. In-

decisa. Sorria. Atalhou mansamente:

— Não posso compreende-lo, senhor.

Na minha pressa eu falava em francês. Com mais calma traduzi malemal o que dissera para o espanhol bordando a fala com faceis frases brasileiras. Ela adivinhou até oque eu não contava. Confessou sem irritação mas certeira:

— Pois conseguiu o que desejava. Sou bem brasileira e não falo o francês.

Andou para a porta. Toquei-lhe no braço.

— Não fuja assim! Dê-me tempo ao menos de...

Voltou-se outra vez. Tinha na voz uma especie de acidez que lhe ia mal. Talvez uma desilusão. Fustigou-me:

— Mas eu creio que deve estar satisfeito: descobriu-me! Ou quer ainda mandar a minha fotografia aos jornais da sua terra?

Neguei fingindo calma a sorrir. Disse que a queria para mim.

— E o senhor crê que basta um francês querer para as brasileiras obedecerem?

Estava perdido si não me fizesse animal. Ou clown. Ela era agil na inteligencia. Precisava diverti-la. O palhaço era milhor que o animal. Si me pusesse a responder-lhe certamente as lutas de espirito poriam ainda maior distáncia entre nós. E franqueza: não estava certo de vencer. Não atentei á ironia dura. Fiz-me bastante animal e muito clown, isto é, fui homem. Aproximei-me dela quasi mau. Falei-lhe de amor.

Creio que fui engraçado. Pus vitoria na voz. Soube tocar-lhe as fibras pois me escutou.

Distinguia-lhe agora mais intimamente o rosto. Boca franca de labios gordos com muito de infantil. As narinas vibravam translucidas de vidro. E os olhos pesados fluiam-lhe em olhares de tal forma consistentes, olhares materiais que eu gosava a impressão sensivel dêles baterem em mim. Alastravam-se como líquido grosso por minha pele causando-me sensações de beijo que escaldasse. Era bela!

Quando num impeto de maior desejo aproximei-me tanto que os nossos corpos se tocaram pesou a mão abandonada no meu peito.

— Vem gente!

Vinha. Agarrei-lhe o braço. Estavamos proximos da Avenida. Fugimos dela no automovel. E em breve as praias se lançaram aos nossos pés. Ela me contava que tinha um companheiro. Viviam inexistentes no retiro de Santa Teresa. Ele partira ha dois dias, negocios de familia em Pernambuco. Aconselhei-a muito serio a enganar o amante comigo. Voltou-se divertida. Apalpou-me com a intensidade pegajosa dos olhos. Sorria. Sorria muito. Ás vezes sem razão, por sorrir.

— Não é de todo impossivel. E sabe porquê?

— Porquê?

— Usa nas suas conquistas...

— Conquistas!

— Mentiroso!... a princípio uma ingenuidade de pequena criança que tem necessidade de proteção.

Isso diverte. Vence qualquer coisa do amor maternal que nós temos todas. Depois...

— Depois?

— Depois aplica êsse pequeno ar de... de blague, não é assim que se diz na sua lingua? de blague apaixonada e canalha. Isso atrai. Dá raiva. Dá vontade de...

Mordeu os beiços confusa.

A rapidez inesperada verdadeira dêsse ardor!... Beijei-lhe a roupa no ombro.

— Não faça assim!

E que acento ridiculo tomava aquela palavra estrangeira no meio dêsse falar elastico viril contraditorio suavissimo! Envergonhei-me do meu idioma policiado e nasal. É verdade tambem que ela gaguejara horrivelmente a palavra. Fôra preciso adicionar todos os tremas do universo ao i com que terminara blague para exprimir a ignorancia aguda com que a pronunciara.

A tarde ia velha já. Primeiras luzes longe. Niteroi. Nós unidos na noite da capota levantada. Momento de confiança. Dois amantes já se contaram todas as ansias esperanças sentimentos, deram-se todas as explicações. O que precisam saber sabem. Não têm mais nada que dizer. Ha como que uma sem vontade do momento de gôso. Uma preguiça. Ora! está-se tão bem assim sem gosar, gosando o sem-gosar... Certeza. Segurança. Os tranzeuntes ficam atrás. Naturalmente olham ainda para nós...

— Querida!

— É só capricho... Passa.

— Não passa! Juro que não passa.

Longo olhar. Dois sorrisos. Não ha mais possibilidade de nos aproximarmos um do outro. Aproximamo-nos um do outro. Reflexão perdida de quando em quando para nos certificarmos de que a felicidade existe realmente. E de novo a familiaridade do siléncio. Descalcei-lhe a luva. Torpor desmotivado. Beijei-lhe lento muitas vezes a mão. Ela olhava de olhos abertos pestanejantes fixo para a frente.

— Como te chamas.

— Iolanda.

— Iolanda?

Tirara o véu. De tempo em tempo virava-se para mim. Percorria-me o rosto na penumbra. Mordia os labios sofreando o impeto dos beijos impacientes. Sorria. De repente machucava os seios oprimindo contra êles minha mão. Suspiro. Sorria. Felicidade!

— Iolanda!

No siléncio da praia longe escutámos a queda brusca da noite.

Como, num orgulho sem razão, não quisesse violar o ninho de Santa Teresa, depois do jantar leve e caminhada a pé refugiámo-nos num hotel fronteiro ao mar.

Queimados de volupia nos enlaçámos.

E eu aprendi o amor!

Não diziamos nada mesmo em nossos cansaços. A linguagem da carne, muda e ardida. Não, a conversa das almas, das consciencias e da carne. Comunhão!

Vi disseminadas simultaneamente na lembrança não-sei-quantas bocas de mulheres beijadas. Fôra aquilo o amor! Tempo perdido! Tão diferentes dessa que delirava a meu lado sem refinamentos tumultuosa exotica selvagem brasileira! Eu não pensava, não refletia mas como em geniais invenções, nos meus delirios pausas delirios desespêros apaixonados afuzilava-me no cerebro uma via-latea de ideas juizos que não pensava não refletia mas sentidos inteiros repentinamente no fundo de mim: As sábias carícias das mulheres francesas... Desgôsto. A espanhola que só tivera na verdade o salero de não saber o fandango... Nina... Virgens, viúvas... Mulheres-da-vida... Sábias carícias. Raças decadentes sem vitalidade, pobres da volupia dos mundos vertiginosos... Sem sangue e sem fogo... Raças decadentes... Sem raiva de amor... Erudição...

E o contraste da noite brasileira!

Iolanda não bebera uma gota de álcol ao jantar. Pedira-me que não bebesse. Era, confessou num incéndio rapido de pele, para que conservassemos mais clara a consciencia de amar.

Seus brinquedos agora tinham ignorancias infantis. Fazia rir. Por certo nunca amara.

Comprazia-me em lhe revelar prazeres de alta-escola. Ella abria risadinhas miudas de surpreza. Curiosa. Muito curiosa. Parecia temer que nos viessem pegar. Ou que a noite morresse logo. Era rapida. Repetia as minhas lições. Achava graça naquilo. Depois tudo fica-

va preto na escuridão. Ela parava. Emudecia. Apenas respirava cada vez mais alto. Ofêgo em rapidez crescente. Grunhido. Um quebrar de comportas. E Iolanda arrebentava como uma onda sobre mim. Tomava posse do meu corpo. Vencia-me. Como uma selvagem cansara-se das sabedorias pequeninas e crescia transbordava e se multiplicava! Fiz luz. Guardou os olhos nas costas das mãos num

— Já!

sorrindo. E seu corpo vergou-se como um galho.

Não era o já. Curiosidade apenas. Ciumes da escuridão.

— Agua!

E não fez gesto para bebe-la. Obrigou-me a servir de bom-samaritano. Ergui-lhe a cabeça desprendida. Cheguei-lhe o copo aos labios. Bebeu como quem não quer. O copo todo. E virou-se no leito fingindo dormir.

Interrompi a luz. Vi duas horas no relogio-pulseira ao criado-mudo.

E o amor recomeçou. Amplo sadio florestal.

Pouco a pouco amiudaram-se os cansaços. Ela morria longos minutos amassando-me o braço com o corpo. Escutei-lhe o sussurro das palpebras batendo na treva como mariposas. Suspirou. Acertou melhor o corpo humido sobre o linho. O perfume dela entorpecia. Sumarenta!

Compreendi-lhe a perfeita comunhão com a terra natal. Uma terra herculea bruta como a do Brasil devia produzir na pletora flores assim de tão deliran-

te sabor. Havia as outras, não ha duvida, manacás de mato ou rosas belissimas e comuns. Mas esta era a orquídea rara. A terra não se empobreceria em quotidianamente produzir muitas assim. Teve de concentrar-se, guardar o mais violento da seiva, a essencia dos estranhos caracteres pessoais para um dia bufando em ardencias vermelhas gerar a flor imperatriz.

E no labirinto carioca eu a fôra descobrir num esquecimento de bairro... Fremiam meus dedos apalpando a abelha-mestra possante. Sentia-me sublimar nesse vôo nupcial. Positivamente eu estava a delirar. Tantas imagens! Saltei do leito. Escancarei as portas da sacada. E a noite como uma onça lenta de pelos eletricos farejou o aposento. Seus olhos abertos vieram grudar-se nos quadrilateros negros. Deitou para dentro do quarto um halito aderente salino que foi pousar no corpo de Iolanda. Ela deixou-se farejar. Fez mais: veio entregar-se á noite na sacada. Molhei-a de beijos duplicados. Com o mento a pesar nos pulsos, cotovelos fixos ao parapeito ela fechou os olhos indiferente muda num langor. Os ventos crespos do alto-mar.

Era quasi aurora. Tomei Iolanda nos braços para mim. Levei-a ao leito. Uma ultima caricia de confiança. E o sono de dois irmãos.

A sêde me acordou bastante tarde. Acordei Iolanda enfurecido de amor.

Depois a conversa alegre camarada. Percebi-lhe inquietação. Telephonou. Dava-me beijos como em adeus. A's treze horas abandonámos o hotel. Propus-lhe que

andassemos um pouco pela praia. Obedeceu recusando na frase sob pretexto do muito Sol.

Um dêsses dias loucos de verão carioca. Dificil de romper o espaço vidrado. As laminas de ar vinham quebrar-se contra mim em ruidos tremulos desferindo refrações acutilantes de luz. A baleia verde do oceano soprava um gemido contínuo encalhada na areia cré das práias.

Avançava Iolanda com liberdade, filha da terra e do Sol, reconhecida e aceita. Eu a seguia um pouco atrás atrapalhado com a matilha de luzes e calores açulada contra o estrangeiro. Repetia-me o pretexto do calor. Queria deixar-me. Dolorida. Sorria grata e humilde. E se esquecia a meu lado, andando sempre, sem coragem de deixar-me. Decidiu-se. Precisava concertar o alibi com a amiga.

— Si êle viesse a saber! . . . dizia desolada mas sem medo. Ia rapida lepida dentro do Sol.

— Eu preciso de ir, meu Deus! Isto não é uma separação. . . Ver-nos-emos ainda, não é?

Encostei-me nela, consciente e dono. O apito dum vapor, scturno chato esparramou-se pelos entre-seios dos morros. Estava perfeitamente certo de mim. Deixou que lhe amarfanhasse a manga e a carne, escravizada. Então propus-lhe ficar minha.

Teve um deslumbramento. Bater de palpebras rapido. Olhou o chão. A angústia desmanchou-lhe o rosto. A boca tremeu, boca de quem vai chorar. E comovida, muito baixo:

— E' serio!

Repreendi-a:

— Iolanda!

— Perdão mas... Eu não sei! Mas mudar de novo... Tantas voltas!... Nunca oh nunca eu amei ninguem!... Consolei-me. Eu vivo muito calma com êle. Eu te amo! Isto eu sei! Eu sei que contigo sou outra mas eu tenho medo... e depois?... Não! Eu vou contigo!

Sorria convulsa perdida escondendo duas lagrimas. Comoção de mulher jamais eu tivera assim. Emudecemos. E sempre andando. Sem rumo. Como o amor.

— Ela é mais alta que êle.

Duas mulatinhas com as chinelas castanholando no chão. Iolanda voltou o rosto com violencia comparando os nossos ombros

— Não sou!

Defensivamente derreara o ombro procurando descel-o á altura do meu. Estava confusa protegendo da realidade a estesia do nosso amor. Aliás a diferença era pequena. Sorri:

— E' verdade, Iolanda.

— Não sou! Veja bem. E' por causa do salto!

— Mas que tem, tolinha! Deixaria de te amar por causa disso?

O automovel relou em nós o vôo aberto. Gesto de cor viva. Palavras? O carro foi parar arrastando-se vinte passos adiante. Uma mulher saltou dêle, veio ao nosso encontro. Iolanda correu para ela. Abraços. Fra-

ses de longa separação em polifonia. E respondiam-se em francês! No mais independente dos franceses! Mesmo argot!

O Sol bateu-me na cabeça. Fiquei paralisado. Só quando Iolanda pretendeu apresentar-me a amiga desembaracei-me da estatua. Fui grosseiro.

— Alors...

Ficou sem sangue. A amargura vive a sorrir. Iolanda sorriu. Ficou séria de repente e muito timida:

— Je suis marseillaise...

Encarou-me franca ofertando-se. Linda, linda no alvoroço do sangue, toda vive-la-France! chamejante de ardencias grande maravilhosa... marselhesa.

Tive frio. Essa especie de nojo que o despeito dá. Quasi que uma consciencia revoltada de incesto. Sibilei aludindo aos paroxismos da noite:

— J'en étais sur! Il ne pourrait être autrement!...

Mesmo a maldade irritada aconselhou-me a disfarçar. Casquinei o trocadilho:

— Pourtant cette marseillaise pourrait bien se changer en marche funèbre...

Choravam para mim seus olhos redondos e parados. Cruelmente ferida. Tive prazer. Encontrou unicamente o meu nome para desculpar-se:

—Louis!

A outra protegeu-a com arremesso:

— Tu viens?

— Non.

O automovel partiu.

Falava convulsiva energica. Defendia de mim o nosso amor nascente. Implorava ordenava num riso desapontado discutindo sozinha contra mim. Achava as frases que convencem. Tinha razão. E voltava a se desculpar de ser marselhesa. Exteriormente até lhe achei graça. Que importava isso de ter nascido grega ou finlandesa? O amor desconhece raças. Exige certas virtudes. Iolanda as tinha. Era sincera. Isso bastava. Era ardente. Sabia amar. Oh! êsse sabia a bater como araponga nos meus juizos amontoados... Sabia amar! Sabia defender-se! Sabia o francês! Sabia tudo!... E a revolta em mim. Vontade de insultar bater. Mas conservava-me discreto, cidadão, bem-educado. Não podia falar. Não podia nada. Evidentemente Iolanda tinha razão. E era sincera... sabia amar... sabia amar... Sabia!

Meus braços muito longos inertes equilibravam o ritmo do corpo a caminhar. Passou por nós o automovel 8025... Deve ser dos ultimos... Que horas serão... Observei o movimento dos meus braços. Os dela tambem. Mecanicos como os das inglesas. Como os das marselhesas. Para frente, para trás, para frente... sabia amar... Desilusão.

Separámo-nos.

XXX

Ainda a tive minha. Certas reflexões levaram-me quatro passeios até lá. Mas os espaços cresceram entre essas insistencias.

Iolanda sempre a mesma extraordinaria. Suas caricias explodem cada vez mais expontaneas. Irritantemente expontaneas. Sinceras. Preferiria que fossem calculadas. Teria assim um pretexto para abandona-la. Não encontro pretexto. E êsse pernambucano que não vem!...

Agora creio que não voltarei mais. E' impossivel. Perdi o entusiasmo daquela noite... brasileira. Iolanda não é mais para mim a projeção das minhas vontades.

Não volto mais. Si o acaso ainda nos puser um diante do outro eu lhe direi tudo isso muito firme. Docemente.

Chorará.

1921

HISTORIA COM DATA

a Antonio V. de Azevedo

Agitação desusada no hospital. Telefonemas e telefonemas. A todo instante chegavam automoveis particulares. Numa das salas a scena dificil das pessoas que perderam alguem. As lagrimas já cansadas paravam pouco a pouco nos olhos de irmãos tias e da snra. Figueiredo Azoé mãi do "infeliz rapaz" (1). Entrelaçavam-se na penumbra do aposento soluços desritmados, suspiros frases vulgares de consôlo.

— Viverá.

— Tenha esperança, minha amiga.

— Meu filho... meu filho!

— Sossegue!

— Quanto tempo!... desespéro!...

— Tome um pouco de café.

— Não.

— Tome!

— Não quero.

— Tome... Reabilita.

---

(1) Jornal do Commercio, 14 de Fevereiro de 1931.

O pai acabou tomando o café. Telefonemas e telefonemas. A todo instante chegavam automoveis particulares.

Tratava-se de Alberto de Figueiredo Azoé 25 anos aviador, descedente duma das mais antigas familias do Jardim America. Nessa manhã de 13 abrira asas no Caudron. Ao realizar uma acrobacia a pouca altura o motor não funcionara a tempo. O avião se espatifara na rua Jaguaribe a 20 metros do Hospital. Pronto socorro. Telefone. E fortificados pelo pedido da familia os tres grandes cirurgiões tomaram conta do "imprudente moço" (1).

Era ainda um dêsses exemplos do que Gustavo Le Bon chamou a "ironia dos desastres" (2). Nenhuma lesão no corpo. Apenas um estilhaço de motor esmigalhara parte do cerebro do "arrojado aviador" (3). Transportaram-no ainda vivendo prá sala das operações.

Dois medicos perplexos:

— Morre. E' inutil.

— Morre.

O terceiro curioso inventivo. Riquissimo subconsciente.

Um homem pobre ultrapassando talvez os 40 anos morria duma lesão cardiaca no hospital. Ninguem que o chorasse. Linda morte.

---

(1) Estado de São Paulo. 14 de Fevereiro de 1931.
(2) G. Le Bon. "La Psychologie du Hasard" pg. 836. Alcan.
(3) Gazeta, 14 de Fevereiro de 1931.

O terceiro operador falou. Repulsas. Risadas. O terceiro operador mesmo sorrindo insistiu com mais energia.

— . . . Porque não! Ele morre mesmo. O outro morre fatalmente, sem lesão alguma no cerebro. Poderemos salvar ao menos um. Vocês parecem estar ainda no tempo do doutor Carrel. . . E Chimiuwsky, com o coração?. . . Tenta-se!

Depois deu de ombros e derrubou a cinza do charuto. Houve perguntas para fora da sala-de-operações. As freiras correram. Transportes.

A madre superiora abriu a porta da sala-de-visitas. A ansiosa interrogação dos olhos, das mãos de todos. A comovente interrogação das lagrimas da snra. Figueiredo Azoé.

— Vai tudo bem. A operação acabou agora. Dr. Chiz garante a salvação.

Pouco depois o dr. Ipsilom amigo da familia apareceu. Rodearam-no puxaram-no. Ensurdeceram-no de perguntas.

— Sossegue, dona Clotilde. O caso é gravissimo, não posso negar mas a operação foi bem. Alberto é forte, perdeu pouco sangue. . . Fizemos. Uma trepanação. . . Esperemos que se salve. . .

Pendiam-lhe dos oculos umas vergonhas hesitantes.

Em trémula sequela a mãi, o pai, os irmãos foram ver de longe Alberto a dormir. Depois o dr. Chiz exigiu o afastamento da familia até a cura do rapaz. A comoção, explicava, provocada pela revivescencia das

imagens poderia causar até a morte (1) ou no minimo uma idiotia de 1.º grau. Quanto a qualquer possivel lesão que o mecanismo cerebral apresentasse sempre seria tempo de "constata-la" (sic).

O periodo da morte passou. Alberto convalescia rapido.

Nada quasi falava. Beijava comovido a mão da freira que o tratava. Tinha lagrimas de gratidão para os medicos.

Fato curioso registado pelas freiras é que á medida que Alberto sarava o dr. Chiz tornava-se mais e mais inquieto. Agitação contínua. Coleras sem razão. Perguntas esquisitas que espantavam a enfermeira. Si o doente ia tão bem! Passava os dias mirando as proprias mãos. Nada de anormal.

Mas o dr. Chiz sentado á cabeceira do rapaz. Que dedicação! O sr. Felisberto Azoé ouvi que pretendia presentea-lo com um cheque de 40 contos (quarenta contos de réis). E tão dedicado quanto inflexivel. Nada de permitir que a familia se aproximasse do moço. Por uma das janelas do hospital apenas o viam passear agora pelo braço do dr. Chiz nos pateos de Sol.

O dr. Ipsilom é que esfregava as mãos satisfeitissimo. Um dia perguntara a Alberto:

— Lembras-te de mim?

O outro chorando lhe beijara a mão:

— Lembro sim senhor.

---

(1). Vide a totalidade dos romances do sec. 19.

Desde então o dr. Ipsilom esfregava as mãos satisfeitissimo.

— O nosso trabalho foi admiravel. Quando o communicarmos á Sociedade de Medicina e Cirurgia creio que o mundo inteiro se espantará. Dona Clotilde, seu filho está salvo!

E ao dr. Chiz tres vezes por dia:

— Não começaste ainda o relatorio?

— Espere.

Alberto estava bom. Caminhava por si.

Dr. Chiz estava mal. Hesitava.

Um dia no emtanto encontrou o moço gesticulando suecamente. Sorriu. Alberto parara a ginastica.

— Seu doutor, já estou bom. Queria sair.

— Sairás breve. Agora vamos dar uma volta pelo jardim.

Alberto caminhava firme alegre. O dr. Chiz seguia-o lateralmente um pouco atrás. Na alea de transito junto á porta um automovel. Alberto parou olhando a máquina. Caminhou para ela. Sentou-se no lugar do motorista. A máquina moveu-se rapida habilissima. Fez a volta do gramado e descansou no ponto de partida (1). Dr. Chiz acendeu o charuto.

— Sabes guiar automovel?

— ... sei?... murmurou espantadissimo.

Depois a olhar muito as pernas vago quasi sorrindo Alberto murmurou:

---

(1) Ebbinghaus: "Der Gedachtnis und der Muskel", pg. 777. Schmidt und Gunther.

— Parece que espichei, seu doutor!

Era curiosa a agitação do dr. Chiz. Dedos de gelatina. Até deixou cair o charuto.

— Não é nada. Voltemos.

— Não começaste ainda o relatorio?

— Vais dizer ao sr. Azoé que lhe levo o filho amanhã. Que a casa esteja como sempre sem modificação alguma.

E o dr. Chiz fez o barbeiro entrar no quarto do rapaz.

— Vai fazer-te a barba...

Alberto sentou no lugar que lhe indicavam. O barbeiro trabalhou entre dois silencios.

— Agora vem lavar o rosto no quarto pegado. O lavatorio de lá é maior.

No quarto de Alberto o dr. Chiz fizera substituir o lavatorio por uma mesa onde se depusera bacia e jarro.

Alberto foi. Ao inclinar-se para lavar o rosto viu-se refletido no espêlho. Parou. Depois, quasi a gritar horrorizado guardando os olhos no braço:

— Não!

Imediatamente o médico se fechara por dentro com o rapaz.

— Não... Não sou!..

Entressorria medroso. Depois começou a chorar. Dr. Chiz seguia-lhe os movimentos. Alberto voltou ao espêlho. Fugiu dêle apavorado. Quis partir. Foi esconder-se no corpo do dr. Chiz como uma virgem.

— Quem é, seu doutor!... Quem é êsse homem...

— Sossega, meu rapaz. Sou eu.

— Não, o outro!

— Estamos sós. Vem comigo!

Atraia-o para o espêlho. Alberto com lindas fôrças venceu o médico.

— Não quero!

— Sossega, Alberto!!

— Alberto?... quem é Alberto!

— E's tu.

— Eu!... Não! deve ser o outro... o moço!...

Apalpava-se desesperado. Os olhos girogiravam no limite das orbitas ,infantis como num esforço para ver o rosto a que pertenciam.

— Acalma-te. Qual é teu nome então?

— ... o outro... Não! Eu... eu sou José!

Dr. Chiz aguentou a custo o golpe. Ficou gêlo. Voltando do espavento: Acalma-te e escuta. E's Alberto.

— Não! Sou José!

— Escuta primeiro, já disse! Estiveste muito doente ouviste? Segue bem o que te digo. E's Alberto de Figueiredo Azoé. E's aviador. Tua mãe é dona Clotilde de Figueiredo Azoé ouviste? Caiste do aeroplano. Quebraste a cabeça. Fizemos uma operação muito dificil. Por isso estás assim como quem não se lembra. Pensas que és outro. Mas tu és Alberto de Figueiredo Azoé. Vamos, repete o teu nome!

— Alberto de Figueiredo Azoé...

— Sou eu que te digo ouviste bem? Teu médico. Que te salvou da morte. E's filho do sr. Felisberto Azoé

teu pai. E's aviador. Não te lembras... E's muito rico.

Alberto, Alberto ou José? escutava. O médico parou observando-o. Desenhou-se um sorriso mal feito nos labios do moço. Sacudiu a cabeça desolado. Apertava as faces com mãos desesperadas. **Não sentia** (1) Alberto de Figueiredo Azoé.

— Agora estás mais calmo. Vem ver o teu rosto no espêlho.

— Não, seu doutor! pelo amor de Deus! faz favore... no!!

Empuxado, reagia quasi com grito.

— Vem! Quero que sejas Alberto de Figueiredo Azoé (2).

— Não! non ancora!... Io...

Parou indeciso. Escutou as ultimas palavras que saltitavam fugitivas no aposento. O doutor:

— Lei parla italiano?

— Si! Sono proprio d'Italia!... ma... não... Não!

As palavras saiam perturbadas com acento inveridico de quem não sabe falar italiano. De boca desacostumada a pronunciar o italiano.

— Descansa. Vamos pro teu quarto.

E lá:

— Deita-te. Fico a teu lado. Pensa bem, Alberto:

---

(1) Ribot: "Pathologie frénètique des changements de personnalité" Alcan pg. 83.

(2) Bergson: "Le regne de la Volonté" Garnier, pg. 135; W. James: "The Irradiations of Wish" Century Co. pgs. 14 e 15.

Tua cabeça ainda está doente pelo choque. Perdeste a memoria. Só te lembras de coisas de que ouviste falar (1). Pensa bem no que te digo: E's Alberto Figueiredo Azoé. Amanhã verás teus pais e irmãos de que não te lembras. Deves conhece-los ouviste? Sofrerão muito si te mostrares esquecido. Pensa agora em tudo isto. Não és José ouviste bem! responde que estás ouvindo, acreditando... Responde, Alberto!...

Alberto ou José moveu labios sem frase abulico.

E o doutor sentado á cabeceira do moço falou e continuou falando. Meia hora depois inda remoia persuasões. Alberto adormecera entre elas. Duas fundas rugas penduradas das abas do nariz guardavam como parenteses as frases que aquela boca falaria e não lhe pertenceriam.

A's 17 horas acordaram-no para o jantar. Comeu bem. Era pequeno o abatimento. O dr. Chiz quando ambos sós tentou a experiencia:

— Alberto!

— Que é?

O medico sorriu agradecido. Aproximou-se. Pôs-lhe sob os olhos o livro aberto e apontou para as letras.

— Conheces isto?

— Como não!... são letras.

— Sabes ler?

Os olhos de Alberto fixaram mais as letras, correram facil e exatamente pelas linhas. Espantado o moço murmurou como si perguntasse:

---

(1) Ribot: op. cit. pg. 249

— Não?...

E voltou a seguir as linhas do papel numa ansia de reconhecimento. Dr. Chiz fe-lo sentar-se junto á mesa. Deu-lhe o lapis.

— Escreve.

Sobre as folhas esparsas o moço traçou a princípio firme, com letra esportiva:

"Rose mon chouchou 120 cavallos Part Alberto 30 record Rose-Roice mon chouchou Caudron Grevix (1) mon choudron...

Dr. Chiz arrancou-lhe o lapis da mão.

A's 20 horas deu-lhe uma beberagem. Alberto adormeceu. Foi transportado, assim dormindo, para casa.

— Minha senhora, seu filho sarou. Mas a lesão foi muito grave... Ficou com a memoria um tanto perturbada...

— Meu filho está louco!

— Sossegue. Não se trata de loucura. Apenas a memoria... Abandono parcial de memoria. Mas sara. Sarará! E' preciso aos poucos incutir-lhe no espirito quem êle é. Por um fenomeno que... se dá frequentemente nesses traumatismos acredita ser outra pessoa... Naturalmente cuja historia o impressionou.

— Meu filho!

O pranto necessario.

— Afirmo-lhe que sara. Devemos aos poucos ree-

---

(1) Celebre boxista senegalês da época. V. "La Vie au Grand Air", Dezembro, 1932.

duca-lo. Esqueceu-se um pouco por exemplo... de ler. Mas a memoria voltará. E' preciso que tudo se passe como antigamente.

— Meu pobre filho! Naturalmente nem se lembra de sua mãi!...

— Minha senhora, descanse em mim! O quarto dêle está pronto?

— Sim. Não alterámos nada.

— E' preciso fazer-lhe reviver os costumes antigos...

— Era eu que ia acorda-lo sempre quando êle não se (soluço) levantava muito cedo para ir nadar... Levava o café para êle...

— Pois a senhora continuará a levar-lhe o café. Irá acorda-lo amanhã. Estarei aquí. Não: prefiro passar a noite aquí, nalgum quarto pegado ao dêle, não tem?

— Não tem.

— Pois terá a bondade de ordenar que me deixem uma poltrona junto da porta. Dormirei nela.

— Doutor! quanta bondade!... Doutor...

Alberto dormia sossegadamente.

A's nove horas do dia seguinte a senhora Figueiredo Azoé num penteador muito roxo acordou o médico. O sobressalto do dr. Chiz espantou-a:

— Que é!

— Desculpe, doutor. Apareço assim porquê era assim que ia acorda-lo. Alberto gostava de rôxo...

— Fez bem.

— Geralmente acordava ás nove... Já são oito e tres quartos... Trago o café...

Num arranco de desesperada aventura o médico largou:

— Pois vamos!

Entraram. Ela entreabrio uma das janelas. O raio curioso esquadrinhou o aposento.

— Era assim mesmo que êle dormia.

O rapaz tirara a coberta leve que lhe tinham posto sobre o corpo e de pernas abertas poisando a cabeça num dos braços era como um lutador cansado.

— Alberto! Alberto!...

O "digno successor de Edú Chaves" (1) se moveu mole, abriu os olhos. Concertou a posição dormindo outra vez. Dona Clotilde estava com medo do filho. Venceu-se:

— Alberto!... Sou eu! Tua mãi...

Parava indecisa. Esforçava-se por repetir as frases costumeiras. Não se lembrava. Tudo agora lhe parecia tão artificial, tão inexato!

— São horas... Trago o café!!

O moço resmungou inconsciente. Abriu os olhos acordado. O reflexo do espelho iluminava o corpo da "ilustre dama" (2). Alberto sorriu-lhe como sempre e murmurou o eterno:

— Ora, mamãi!...

---

(1) Diario Popular, 22 de Março de 1931.

(2) Cigarra, 20 de Dezembro de 1929. Sob uma fotografia da Liga das Senhoras Catholicas.

Escutou-se atraido. E fixou mais a mulher. E num pulo sentou-se na cama. Dona Clotilde recuou amedrontada. Dr. Chiz aproximou-se.

— Bom-dia, Alberto.

Agarrado ao médico, doído, pedindo proteção:

— Seu doutor!

— Sou eu, Alberto.

— Alberto!?...

— Sim: Alberto. Esta senhora é tua mãi.

— Não tenho mãi!...

— Esta senhora é tua mãi. Lembra-te do que te disse ontem, Alberto. Estiveste doente! Esqueceste!

— Não, seu doutor! Quero ir s'embora! vamos!

E no espêlho da guardacasacas viu um moço quasi conhecido agarrado ao doutor. Olhou para êste. Procurou-lhe em torno... Encontrou suas proprias, não, mãos longas musculosas agarradas ao paletô do medico. Começou a chorar todo infeliz.

A senhora Azoé chorava tambem, sem naturalidade uma das mãos ocupadas com a chicara. O duplo sofrimento das mãis! Sofrem a dôr dos filhos e a sua dor de mãis! Como si não lhes bastassem as deformações prematuras e o castigo luminoso dos partos como outros tantos pelicanos...

O dr. Chiz procurou dar fim á scena. Ia pronunciar o "Sossega, meu rapaz" mas reparou que já dissera essa frase muitas vezes e mudou:

— Acalme-se, Alberto! Precisas acostumar-te á tua nova situação. Não te recordas porquê estiveste doente.

O médico falava dificilmente agora. Devido ao caso do "sossega", sem querer, contra a vontade mesmo começara a policiar a propria fala. Em vez de "lembras" corrigira para "recordas". Foi Alberto que terminou a situação cansado de reagir:

— Não me lembro de nada disso tudo que seu doutor está dizendo... Eu não tinha... mãi. Seu José... Eu me lembro de mim sozinho (Aqui fazia esforços de rugas para lembrar). Em criança fiz viagem... Tinha um homem com um dente na boca que fumava um cachimbo fedido... não me lembro!... O homem com uma ferida sarada parecia de navalha na cara... Outro homem dizia que era meu tio... Meu tio e minha tia... Depois na colonia... Eu fugi mocinho...

A senhora Figueiredo Azoé soluçava alto.

— ... Minha mãi...?

E José, não, Alberto, Alberto ou José? queria lembrar sofria. Muita coisa nos olhos nas mãos que dizia que parecia que era assim mesmo (1). Mas si **sabia** que não era assim!

— Alberto, estás martirizando tua mãi. Cala-te! Contas alguma historia que te impressionou. Sossega, meu... Veste-te. Estou aqui!

Alberto cedeu como quem cede para o aniquilamento.

Desceu da cama pela direita onde moravam as chinelas. Abriu as torneiras do lavatorio. Lavou-se. Pen-

---

(1) Ribot: "Les reconnaissances musculaires" Alcan pag. 101.

teou-se. Foi buscar as meias limpas na gaveta exata. E calçava as calças depois as botinas depois pôs a camisa o colarinho a gravata... Parava ás vezes indeciso, outras envergonhado de saber... Então era preciso que o doutor lhe desse as calças... e depois o colarinho... Alberto continuàva maquinalmente entregue á dura sorte feliz.

— Estás vendo como te lembras?... Si fosses êsse outro como saberias onde estavam as meias as botinas?... Agora precisas de paciencia ouviste? Irás de novo aprendendo o que esqueceste, verás.

Alberto procurava qualquer coisa. Devia ser o paletô... Assim ao menos pensava o dr. Chiz dando-lhe o paletô. Alberto vestiu-o. Exausto foi tirar duma gaveta a escôva de roupas. Esfregou vivamente as calças, unicamente os calças como si o paletô não merecesse limpeza. Depois jogou a escôva sobre a cama e abrindo a quarda-roupa tirou o pijama de seda roxa. Começou a vesti-lo sobre o paletô. Parou percebendo o engano. Envergonhado olhou o médico. Guardou o pijama de novo.

— Agora, Alberto, vais ver teus irmãos, teu pai, Felisberto Azoé.

Ao sairem do aposento houve do outro lado da galeria um esvoaçar fugitivo de sáias passos que desciam a escada. Alberto olhava desconfiado para o dr. Chiz. A familia estava toda no hall. Impaciencia irreprimivel em cada olhar. Talvez dor.

Aquela reunião tantas pessoas o criado que espia-

va.... O moço sentiu-se em terra estranha. Fez um movimento de recuo.

— Teu pai, Alberto. Não te lembras? tua irmã, teus irmãos...

— Seu doutor, vamos embora!...

Apertava a mão do operador. Criança a proteger-se. E baixinho dolorido:

— Não... não... Não lembro!... sou o outro... sou...

— Cala-te, Alberto! Já te disse que não és o outro! Esta é a tua familia... teu pai...

Alberto chorava sem largar o médico. A familia chorava. O dr. Chiz... Mas o rapaz levantara a cabeça resolvido. Cessaram-lhe as lagrimas.

— Vamos embora! Não fico mais aqui!

— Sossega, Alberto. E' tua famil...

— Não é minha familia! Sou o outro. Sou José! Quero ir embora!!

— Ir para onde, então!

— Para casa!

— Aonde?

— Para minha casa, com a Amelia. Minha mulher... rua Barbosa... Quero ir!

E procurava alguma coisa. Dirigiu-se enfim para a porta que dava no jardim interior. O médico alcançou-o.

— Espera um pouco! Mando buscar tua mulher. Verás que a não conheces. Espera!

— Quero ir com Amelia! (1).

— Escuta, Alberto, estou falando! Já disse que mando buscar essa Amelia! Vais esperar. Esperas comigo, não te deixo. Rua Barbosa... que número?

— Rua Barbosa... não tem número. Ultima casa da direita.

Ninguem sabia onde era a rua Barbosa.

— Onde fica a rua Barbosa, Alberto?

—Na Lapa... Atrás da fábrica de louças.

Um dos Azoés partiu rapido.

Alberto esperava impaciente. Parecia não ver ninguem. Andava pela sala. Sentava-se. Erguia-se. Reparava em todos francamente. Depois envergonhava-se. Vinha para junto do médico. Um momento, com gestos largos cheios de liberdade sentou-se na grande cadeira preguiçosa. Assobiou dum modo especial. Logo os latidos dum cão. E o enorme policial apareceu. Que festas para o dono! Alberto quis reconhece-lo. Seus labios juntaram-se abriram-se como querendo dizer um nome... Teve medo daquele cão. Quis erguer-se. Defendeu-se.

— E' Dempsey, meu filho!

— Tirem êsse cachorro! Me morde!...

Foi preciso tirar Dempsey dali. E d'aí em deante os úivos do cão compassando as scenas.

Trinta minutos depois o automovel voltava. Luis fez entrar a mulata forte com as mãos gretadas pela aspe-

---

(1) Convem notar que esta Amelia não é a mesma do "Conto de Natal".

reza das aguas no ofício de lavar. Entrou olhando sem medo. Saudou concertando o chale preto.

— Conheces, Alberto? E' Amelia.

Alberto correu para ela. Segurou fortemente o braço da admirada.

— Vamos embora, Amelia! Não fico aqui!

— Largue de mim, moço!

— Sou eu, teu homem!... José...

— Meu homem morreu na Santa-Casa... Deus Nosso Senhor Jesus Cristo lhe tenha!

— Não morreu! Sarei! Sou eu, José!

Amelia recuou amedrontada:

— Esse moço está doido, credo!

Alberto agarrava desesperado raivoso suplicante:

— Não me deixe aqui! Estão caçoando de mim... Sou José!

O dr. Chiz que se aproxima toma um sôco no peito.

— Me largue, moço! Que é isso agora!

— Amelia, não te lembras! Me leve!... Teu...

— Me largue já disse! Meu pobre José está no Araçá! Foi então para isso que me cham... ahm... me largue!

Debatia-se nas mãos do rapaz. Dois fortes a lutar. Esfregavam-se na parede junto á porta.

— Tirem êsse moço daqui. Eu grito! Socôrro!

Acudiram. O sr. Azoé o médico os rapazes. Alberto não largava a mulata. Desenvencilhou-se repentinamente do irmão que o agarrara por trás, moveu o cacho de gente, empurrou-o para o centro da sala. Correu

para a porta. Fechou-a. E olhou todos com olhos duplicados da loucura de resolução.

— Não queres me levar, desgraçada! Eu conto tudo! assassina!... me leva?... —

Amelia resoluta armara-se dum vaso onde uma palmeirinha lutava por viver. Que saudades do aclive aquoso sempre verde, onde junto das irmãs e das avencas faceiras escutava noite e dia o rebôo pluvial da cascata! Nas tardes, quando o céu arcoirisado...

— Segurem o moço que eu atiro!... atiro mesmo... si êle vier outra vez...

A senhora Figueiredo Azoé levantou-se deante do filho, como a estatua do devotamento e do sacrificio, protegendo-o. O sr. Azoé os rapazes lutando com a lavadeira.

— Ah!... (rascante). E' assim? Não queres me levar, desgraçada!... Vou para a correição... Mas tens de ir tambem. Não ficas com o Julio, já sei! Ela matou! Assassina! Matou os dois filhos... Quando nasceram. Matou os dois filhos! Não queriamos crianças... Ela enterrou no quintal. Em Mogí. O outro antes de nascer. Assassina! Vou parar na cad...

— Cachorro!

O vaso, desviado, se espatifou no meio da sala. Coitada palmeirinha!

— Prendam ela!... Figlia dun cane (cão)! E' verdade... lo... juro!...

— E' mentira! Não conheço êsse homem!

— Prendam! Assassina!... No jardim perto da escada...

— Não!... não conheço!... Não me prendam! não fiz nada!... Foi êle que quis... Perdão!... Não conheço êsse moço... nunca vi... Foi o outro, foi José que quis.. Perdão!

— Fui eu! mas foi ela tambem!

Atirou-se sobre a mulata. Ela voltou-lhe uma punhada na cara. Alberto desviou com gesto gracil de boxista (1). Atracaram-se de novo. Ela dilacerou-lhe a mão com os dentes. Prendam!... Sujo! Maldito!... Foi um custo. Assassina! Com o barulho os criados, o motorista acorreram. Prendam! Ela tambem!... Me largue!... Braços punhos. Embrulho. Barulho. Foi dificil. Afinal os homens conseguiram separar os dois. Amelia liberta fugiu por uma porta. Desapareceu. A colera de Alberto, Alberto ou José? foi tremenda. Berrava termos repetidos numa lingua infame. Socava os que o prendiam. Machucara fortemente um dos irmãos. Depois diminuiu a resistencia pouco a pouco. Suor frio lhe irisava a fronte. A palidez. E desmaiou.

O esfôrço para livra-lo do desmaio continuava... A campainha tocou. Um reporter. Mandado embora. Depois do desmaio a prostração. A campainha tocou. Outro reporter. Mandado embora. A campainha tocou. O primeiro reporter insistia. Mandado embora. Desordem. Criados comentando... Automovel de prontidão.

---

(1) Woodworth — "Gesture and Will" — Macmillan & Co., pag. 88.

O motorista lia desatento uma passagem do romance em folhetos "A filha do Enforcado". O conde de Vareuse, devido a velho odio de familia fôra enforcado por um sobrinho. Apenas o filho corcunda de Jacquot fiel criado do sr. de Plessis amigo intimo do conde presenciara o assassinio. Aconteceu porêm que justamente na noite do delito Germaine a filha do conde era roubada por uns ciganos espanhois. Isto se deu no reinado de Carlos V. Germaine tinha nêsse tempo apenas cinco anos. Ora o corcundinha irmão-de-leite do sobrinho assassino hesitava ainda em contar o que vira quando é roubado tambem pelos ciganos. Mas êle não conhecia Germaine. O procurador ou coisa que o valha, da imensa fortuna do conde de Vareuse, mestre Leonard vendo a condessa viuva enlouquecer com a perda da filha concebe um plano diabolico. Apossa-se da personalidade do conde de Vareuse com o qual muito se parecia más linguas davam-no mesmo como filho-postiço do velho pai do conde ainda vivo mas cego e paralitico numa velha propriedade no Languedoc. O procurador pois apossa-se de todos os papeis do conde e muda-se para a Inglaterra onde se domicilia. Atinge logo uma das mais fulgurantes posições na elite londrina. Casa-se com a filha de Lord Chaney (1) e tem desta uma filha. Passam-se doze anos. O filho do assassino do conde então com vinte-e-tres anos brilhantissima inteligencia parte numa comissão diplomatica para a Russia. E' nesse instante justamente que a condessa de

(1) Não confundir com Lon Chaney.

Vareuse que o procurador mandara para a casa duns antigos apaniguados seus na Boemia recobra a razão ao ouvir um lindo moço de seus vinte anos mais ou menos e que aparentava grande riqueza e sangue puro, viajante recemchegado na aldeia entoar uma balada. Ora o interessantissimo do caso é que essa balada fôra composta pela propria condessa, exíma tocadora de harpa que porêm não a revelara a ninguem. (A balada). Somente cantarolava-a ás vezes para adormentar a filha, que era doentia e sofria de insonias. E si a condessa jamais cantava perto de qualquer pessoa essa balada, era porquê dizia a propria historia dela. Tratava-se duma moça que se deixara levar pelos encantos dum estudante e que deante da impossibilidade de casar com o namorado pois era de grã nobreza (a condessa) entregara-se voluntariamente a êle num assomo de paixão. Nasceu um filho que a familia encobrira e fizera desaparecer. Nesse tempo Germaine com o corcundinha desesperadamente apaixonado por ela conseguiram livrar-se das garras dos ciganos e fugir para a Italia num navio de vela pertencente a mercadores marselheses. No mesmo navio seguia tambem um rapaz nobre italiano que fôra chamado urgentemente a Napoles onde uma terrivel conspiração se organizava entre os membros duma sociedade secreta indiana, os Treze Irmãos da Pantera Vermelha, para assassinar Carlos V. Ora o principe Lotti que tal era o nome do moço viajante a bordo da "Reine Marie" estava disposto a se dedicar pelo rei por gratidões de familia que não inte-

ressam aqui. Eis que a "Reine Marie" é atacada por piratas tunisianos. Prestes a entregar-se já. O principe defendia Germaine heroicamente tendo ao lado o fiel Jean o corcundinha. Mas surge a todo pano velejando uma fragata de guerra franceza. Fogem os piratas. A maruja da "Reine Marie" canta vitoria. Germaine e o principe Lotti pois que a guerra lhes revelou o mutuo amor estão abraçados ouvindo as últimas palavras de Jean agonizante. Jean que durante toda a vida se calara por não criar um sentimento de odio na alma pura de Germaine pretendendo êle só vinga-la mais tarde vê-se obrigado agora a revelar tudo o que sabe. O principe Lotti e Germaine ainda tremulos de horror vão para bordo do navio de guerra francês onde os recebe justamente quem! o filho do assassino do pae de Germaine, o joven diplomata que por desfastio se partira para a Russia por caminho que a fantasia aconselhava. Mas imediatamente o filho do assassino concebe infinito amor por Germaine. Esta, o principe e o filho do assassino descem em Genova. E justamente para a hospedaria onde vão está a condessa de Vareuse e o filho. No momento em que Germaine é perseguida pelo filho do assassino e surge o irmão para defende-la um criado vem conversar com o motorista.

— Vamos almoçar. E' quasi meio-dia.

O dr. Chiz, que dedicação! sempre ao lado do doente.

Falara-lhe longamente, persuasivamente. Contou-lhe então toda a aventura. Era a última esperança: dizer

tudo. O dr. Chiz disse tudo: o desastre, a operação, a substituição de cerebros e descreveu-lhe por fim a fortuna dêle, José, cerebro de José, agora moço rico feliz...

Alberto abandonado sobre o leito como que ouvia e aceitava. Muito calmo. Quando o operador parou maior momento Alberto ou José abanou a cabeça.

— Não... Sou José. Quando eu... o outro agora me lembro estava morrendo fiz uma promessa para S. Vito de contar tudo si salvasse. Estou vivo. Sinto que estou vivo... Mudei... Não! não sou eu!... Este não!... Sou o outro!... Sou o outro!... Sou o criminoso!... Este é inocente!... não matou meus dois filhos... Foi o outro, eu, José... Dio!...

Soluçava horrorizado desesperado. Neste momento o dr. Chiz viu o rosto do dr. Chiz refletido no espêlho. Era um homem de trinta anos no maximo. Ardido aventureiro mas trazia nos labios abertos em petalas de rosa qualquer coisa dessa sensualidade que faz ser bom, ser nobre e sentimental. Perturbado por êsses vinhos parecia ao médico que os raios da luz eletrica formavam na superficie do espêlho uma grade de prisão. Por trás da grade um moço. Inocente?... Criminoso?... Tão linda a operação! mas o cerebro é que sente... que manda (1) mas o corpo... aviador... avião... memoria muscular o incidente do automovel... é mi-

(1) Lombroso, "Criminologia degli Irresponsabili" t. 11, pag. 240; F. Treves, Milano.

lhor... E' MILHOR!... sim, é milhor. Acaba-se duma vez...

E o dr. Chiz pôde tirar os olhos do dr. Chiz porquê firmara a decisão. Telefonou para o aerodromo. Mandou ordens ao motorista.

— Como vai?...

— Alb... êle está calmo agora.

— O doutor precisa tomar alguma coisa.. Vinte-e-duas horas já...

— Aceito um café... café bem forte.

— Não quer uma almofada? doutor... Passar mais uma noite assim! Como lhe poderemos pagar tanta dedicação!...

— Não fale nisso, minha senhora. Quero muito bem Alberto... Estimo-o muito (aos arrancos) muito mesmo... como!... Porquê, minha senhora, na minha profissão ha momentos maravilhosos... Sentir-se deante dum homem moço ainda que morrerá por certo... e confiante orgulhoso diante da fatalidade... combate-la... vence-la pela inteligencia... oh! como eu o amo... minha senhora... como a filho!... sim, perdão, como si fosse meu filho tambem!...

E escarninhas brilhantes alegres lepidas fugiram dos olhos do dr. Chiz as duas primeiras lagrimas da sua cirurgia.

— Amanhã tentarei uma prova... uma prova decisiva! A senhora verá! Alb... êle já aceita o que eu digo... As roupas de aviador estão aquí?

— Guardava-as no aerodromo...

— Está bem.

O dr. Chiz inflexivelmente mau para consigo escrevendo passeando fumando contou o tempo até seis da manhã.

— Acorda... meu rapaz!

Como no dia antecedente Alberto se vestiu mais ou menos bem. Começava sempre certo e firme. Depois invariavlmente na continuação dos gestos parava indeciso. José não sabia onde estavam as botinas. Indicava-as o "imprudente e glorioso scientista" (1). Alberto continuava certo e firme.

— Seu doutor, vamos embora!

— Vamos!

O auto esperava á porta.

— Para o aerodromo.

O caudron de Alberto, 120 cavalos, riscava uma sombra de avantesma na relva aguda do prado. O mecanico esperava. José admirado deixou-se vestir. Menos admirado deixou-se sentar no aeroplano. As mãos ageis habeis manobraram a máquina. O mecanico impulsionava a helice lustrosa. O dr. Chiz entrava para o lugar do passageiro... O caudron deslisou subiu numa linha obliqua macia... Os dois "illustres representantes da sciencia e do esporte paulista" (2) foram se espedaçar muito longe nos campos vazios.

1921.

---

(1) Gazeta dêsse dia, 22 de Março de 1931.
(2) Correio Paulistano, 23 de Março de 1931.

NOTA — Este conto é plagiado do "Avatara" de Teofilo Gautier que eu desconheceria até hoje sem a bondade do amigo que me avisou do plagio. Mas como geralmente acontece no Brasil o plagio é milhor que o original. Quanto a Germaine conseguiu casar com o principe Lotti depois de mais vinte-e-tres fasciculos a quinhentos réis cada.

MORAL QUOTIDINA

TRAGEDIA (1)

a Tacito de Almeida

Personagens:

A Amante, primadona.

A Mulher, coisa que acontece.

O Marido, joguete nas Mãos do Destino.

Coros.

No Guarujá. Presente. Hotel. São 14 horas, muito dia, luz de verão puro-sangue. Terraço. Mesas. Cadeiras. Tudo chique. O smoking dum criado dependurado impassivel na porta. Vêm a Amante e a Mulher. Esta brasileira. Brasileirinha. 24 anos. Morena, cabelos negros viva etc. Uma pomba. Aquela belissima e francesa. Alta. Cabelos quasi rubros. Olhos verdes. Esplendor aos 35 anos.

3.º E UNICO ATO

1.ª Scena

Amante **(arranhando)** — Me conhecia, não é verdade?

Mulher — Creio que sim...

Amante — Só "creio"!

(1) Juro que é tragedia.

Mulher — Creio que sim... Deve fazer um ano...
Amante — Parece que esqueceu a data...
Mulher **(bocejando)** — Creio que sim... Não guardo datas.
Amante — Quer que ajude?
Mulher — E' inutil.
Amante — Saia da casa de sua mãi na Avenida...
Mulher — Ah...
Amante — Passei de automovel...
(Siléncio)
com seu marido...
(2.º siléncio)
Lembra-se agora?

Mulher — E' possivel.
Amante **(fustigando)** — A senhora se esquece muito cedo das suas dores. Deu um grito. Pelo oculo do automovel que seu marido me dera vi a senhora derrubar a sombrinha... Sofreu muito!
Mulher **(sorriso abaunilhado, sem sofrer)** — Naturalmente teve dó de mim...
Amante **(otelica)** — Não! Odeio-a! Não tenho dó.
Mulher — Não teve dó.
Amante — Não tenho dó!
Mulher — Mas não carece mais ter dó! Já me conformei.
Amante — Não se conformou! Tanto que procura me roubar o seu marido!
Mulher **(muito verdadeira)** — Procuro, não. Ele é que me procurou... me procura... **(cheia de**

trunfos) Me ama...

Amante — Não é verdade!

Mulher — E' verdade.

Amante — Pois saiba que seu marido é meu! A mim é que êle tem de amar! Ha quatro anos que vivemos juntos!

Mulher — Já sei.

Amante **(perdendo terreno)** — Ele contou!

Mulher **(num orgulho casto de matrona)** — Me conta tudo.

Amante **(gritando já)** — E' mentira!

(3.° siléncio. Grande siléncio de gôso prá Mulher, de raciocinio aterrador prá Amante. Como é linda a côr do mar nas tardes de verão no Guarujá. O azul envolvente do céu reflete uns verdes idilicos. A propria areia tem reflexos verdes. O automovel passou. Que alegria de moças! Calças brancas no meio delas. Namorado!... Duas gaivotas nascem afroditicamente da espuma verde mais longe. Calmaria. Excesso de felicidade milionaria sem cuidados bem vestida).

Amante **(baixinho)** — Porquê me rouba o meu amor!... Nunca fiz mal prá senhora... Amei-o primeiro... Abandonei tudo por causa dele... o outro que me protegia... era rico... que hei de fazer sem êle!...

Mulher — E eu!... Não o amo tambem? Teve o seu tempo... Me deixe ter o meu, ora essa!

Amante — Mas eu o amei primeiro! Ele me amou...

Fomos tão felizes!...

Mulher — E eu!

Amante — Me deixe com êle! Porquê fazer de mim assim uma abandonada, uma desgraçada!... Quem mais ha-de me querer!

Mulher **(gasta)** — Mas... e eu! e eu! Pensa que fui feliz casando com o homem que amava e me mentiu? Que mentiu que me amava?

Amante — Mas fui a primeira!...

Mulher — Que me importa si você foi a primeira! Comigo é que êle casou. Suportei tudo. Suportei a afronta, calada. Imovel. Si êle me amou foi porquê quis. Não fiz nada pra isso. Hoje tenho a certeza que êle me ama. Me adora! **(Saboreando a sonata-ao-luar da outra)** — Agora não largo mais dele!... Porquê não fala com êle mesmo?... Era mais simples.

Amante — Por piedade!

Mulher — E eu! Teve piedade de mim quando me viu com os braços no ar emquanto a senhora passava nos braços de meu marido? Não teve... disse ha pouco que me odiava...

Amante **(amarelo terroso)** — Odeio-a... Odeio-a!...

Mulher **(se levantando sublimemente vitoriosa)** — Pois eu nem siquer a odeio. Me é indiferente. Sei que meu marido me ama. Vim pra cá só pra me certificar disso. Ele não podia vir... Pois veio. E a senhora seguiu atrás como um cachorrinho, como um cachorro... Detesto-a!

Amante **(desfeita)** — ... por... por piedade! Não me roube o meu amor! Não imagina como amo seu marido!... Pôde aguentar calada... pôde sofrer sozinha... Mas eu... Eu não posso... não posso! Por piedade!...

Mulher — Detesto-a! Vá-se embora! Chore na cama! **(Melodiosa maldosa mimosa tão delicada e melindrosa)** Porquê não procura meu marido? Vá chorar pro seu amante! **(denticulada)** Garanto que êle virá me castigar... Com carinhos.

Amante (golpeada) — Não!

Mulher — com abraços...

Amante **(gritando)** — Não!

Mulher — com beijos...

Amante — Não! **(Louca se atira sobre a outra, procurando esgana-la)** Infame! Semvergonha!

(Tinha um criado como disse. Ainda tem. Neste final rapido de scena oscilou nas mãos no corpo. Agora entrou no interior do hotel).

INTERMEDIO

O intermedio dura dois minutos. Emquanto êstes se gastam briga feia entre as duas donas. A brasileira é mais fragil. Agil. E é mais forte porquê se lembra do marido que a defenderia si estivesse ali. Finca as unhas nos pulsos da Amante. Liberta-se. Avançam danadinhas uma prá outra. Eternamente as garras nos cabelos. Chapéus mariposas poc! no chão. Labaredas

em torno do rosto da Amante. A noite cai nos ombros da Mulher. Cadeiras empurradas. Mesas reviradas. Tapas. Mordidas. Mordidas e beliscões. A brasileira atira um direto no estomago da francesa. (1) "Aie!... Au secours!..." Vêm os coros apressados. Quatro grupos. Se postam um na direita, outro na esquerda e os outros dois no fundo da scena. A Amante caida no centro soluça alto escondendo o rosto nos braços estirados abandonados. Fogueira que lambe o chão. A Mulher se arranja rapido. Ergue a mariposa de palha e flores. Está de novo brasileiramente arranjadinha. E mais o ofêgo dos seios sob a renda. Carmin legitimo nas faces. Que shimmy gentil nos labios tremulos!

2.ª SCENA

Côro das senhoras casadas — Ridiculo! Ridiculo! Espetaculo dêstes num hotel! Uma mulher que bate na amante do marido! Onde jamais se viu semvergonhice tal! Ridiculo! Ridiculo! Espetaculo dêstes num hotel!...

Côro dos senhores casados — Que escandalo! Que escandalo! Onde jamais se viu semvergonhice tal! Fazer scena e ter ciumes do marido! Pois um pobre marido não póde ter amante? Mais de uma até! Que escandalo! Que escandalo! Onde jamais se viu semvergonhice tal!

---

(1) O golpe aqui não é proibido.

Marido **(de flanela entra e se espanta. Traz vinte duzias de cravos paulistanos prá Mulher)** — Mas... que é isso, Jojoca!

Côro das senhoras idosas — Belissimo! Belissimo! Gente de hoje não sabe se conter! Uma amante... que tinha? E' natural. Porquê não divorciou? E' muito mais honrado. Francesa, não? Como se chama? Quem é? Terá filhos? Belissimo! Belissimo! Gente de hoje não sabe se conter!

Côro dos senhores idosos — Coitada! Francesa! Tão loira! Tão linda! Mas essa menina... quem foi que a educou! Coitada! Francesa! Que pernas! Que meias! Naturalmente fêcho de ouro na liga... Si não tiver dou eu! Tão linda! Tão loira! Coitada! Francesa!

Mulher **(debruçada aos cravos protegida pelo marido, virando-se pro coral)** — Foi ela que me quis bater!

Côro dos senhores casados — Não é verdade! As francesas não sabem fazer isso!

Côro das senhoras casadas — E' mentira! As amantes não sabem fazer isso!

Mulher — E' verdade. Quis me esganar porquê amo meu marido.

Amante **(sempre no chão erguendo os braços entre os resposteiros flamejantes)** — Ela roubou o meu collage! O homem que eu amo! que eu adoro!

Côro das senhoras idosas — Ridiculo! Ridiculo! Roubar o amante da francesa porquê então! Pois não tem tantos por aí? Não saber se conformar com a

civilização!... Ridiculo! Ridiculo! Gente de hoje não sabe se conter!

Côro dos senhores idosos — Que escandalo! Que escandalo! Amar dessa maneira o seu proprio marido!... Mas quem diria que hoje em dia inda apareceria uma tão crassa velharia!... Que escandalo! Que escandalo! Amar dessa maneira o seu proprio marido!

Marido — Que é que os senhores têm com isso!

Côro das senhoras casadas — Impertinente! Impertinente!

Mulher (**onça**) — Impertinentes são vocês!

Côro dos senhores casados — Afastemos esse par escandaloso! Tão mau exemplo não pode aqui florir! Vamos! Fóra a mulher que ama o marido!

Côro das senhoras casadas — Vamos! Fóra o marido que ama a espôsa!

Côro dos senhores idosos — Vamos! Fóra!

Côro das senhoras idosas — Vamos! Fóra!

Côro dos senhores casados — Fóra! Fóra!

Côro das senhoras casadas — Fóra! Fóra!

Côros de senhoras e senhores idosos — Fó-fó-fó-ra!

Côros de senhoras e senhores casados — Fó-fó-fó-fó-ra!

O quarteto coral (**fortissimo**) — Fó-fó-fó-ra! Fó-fó-fó-ra! Vamos! Vamos! Vá-vá-vá-vá-vá-vamos! Fó - fó - fó - fóra! Vá - Fó - Vá - Fó - vá - vá vá - Fó - fó - fó - mos - ra! Vá - Fó - mos! ra - Mos - rá! ra! Fó - fó - Vá - vá - ra! - mos! ra! mos! - ra! ra! - ra! - ra! - ra! ra! - ra! - ra! - ra! - ra! - ra!

ra! - ra! - ra! - ra! - ra! - ra! - ra! - ra! - ra!
ra! - raaaaaaaaaaaaaaaaaáá! . . .

(Aplausos freneticos da assistencia)

Marido — Vamos embora, Jójóca!

Marido e Mulher **(com os olhos grudados no maestro)** — Adeus! Adeus! Adeus! oh Civilização! Vamos livrar o nosso amor maravilhoso do teu contagio pernicioso! Nós queremos a honestidade! Nós queremos ter filhos! E nós cremos no Codigo Civil! Lá longe dentro dos matos americanos onde os chocalhos das cascaveis charram, onde zumbem milhões de insetos venenigeros seguiremos o conselho de Rousseau, de João Jaques Rousseau e segundo as bonitas teorias do sr. Graça Aranha nos integraremos no Todo Universal! **(Vão-se embora. A Amante desesperada estende os braços pro par que desapareceu Senta-se pra ficar mais á vontade e entoa a Cavatina da Abandonada. Dá perspectiva á Cavatina um arreglo do "Matuto" de Marcelo Tupinambá pra flauta, 3 violões e gramofone).**

CAVATINA DA ABANDONADA

Oh! meu amante, vem! Vem de novo, feliz, despreocupado e belo, para o reino de luz dos meus abraços, dos meus beijos! Partes então?... E para sempre! E os nossos dias de felicidade imaculada: calca-los tu aos pés! Oh! meu amante, vem! **(Soluços sincopados do coral)** Já te esqueceste pois, dos bons dias alegres,

em que, entre os jasmineiros do jardim, na vivenda clandestina, eu te esperava, com Pompom pompeando nos meus joelhos! Oh! Meu amante ingrato! Escuta — ainda uma vez! — a voz da Abandonada!... O meu peito biparte-se em soluços desesperados! As minhas brancas mãos, que já dormiram poisadas nos teus flancos brandos, mordem-se, agora, torturadas, martirizam-se, agora, desdenhadas! Que farei? Dos tesouros perfeitos do meu Corpo! das riquezas inexgotaveis da minha Alma! (Pois que o meu amante me deixou?)! Para que servem mais estes meus dedos roseos? Si não podem brincar nos teus cabelos? Oh! Amante infiel! Onde poisarão "meus braços serpentinos", si o teu pescoço se lhes não oferta mais!?... e os meus seios, então? — travesseiro divino! — onde tantas (e tantas!) noites inesqueciveis, tu sonhaste, infiel! o teu sonho mais puro, e, dormiste, ingrato! o teu sono mais manso!...?

Ah! Perfido! Si os teus não lhes respondem mais, para sempre!!!!!!! meus beijos emurchecerão! Triste!, Triste! da abandonada!...

As trevas, já, escurecem os olhos meus... (Os meus soluços aumentam.) Fantasmas amigos me rodeiam, e antevendo o futuro, eu quasi sou feliz.. Sombras nuas! Sois vós, amigas minhas?... Ai? (Sorrio encantada!) E's tu, Cleopatra! Minha Aspasia querida? Manon beija meus olhos! Elisabeth de Inglaterra!...! A marquesa de Santos ampara-me a cabeça e Elsa

Lasker Schüller canta... os seus lieder para o meu dormir... (Sinto que vou morrer).

Brisas meigas da praia! Ondas glaucas do mar! levai ao meu amante ingrato! A'quele que: me mata, e que eu adoro, o derradeiro adeus da Abandonada; (!) os ultimos sus! **(gagueja soluçante)** piros da infeliz, que vai morrer. "!".

(Morre. O côro das senhoras idosas com gestos chaplineanos de deploração estende sobre a morta um grande manto branco. Os córos de senhores idosos e senhores casados dansam em torno do cadaver um hiporquema grave e gracioso desfolhando sobre a Amante as 20 duzias de cravos que o smoking fôra buscar das mãos da mulher e repartira entre êles. As senhoras casadas desnastrando as respectivas comas sobre o rosto levantam nos ombros alvissimos aquela que sempre viva se conservará na memoria dos mortais. E então tendo na frente um abundantissimo jazz que executa a Marcha Funebre de Chopin, op. 35, o cortejo desfila, desfilará pela Terra inteira e civilizações futuras até a vinda por todos os humanos desejada do Anticristo).

SALUS LACTA
GUARANA' ESPUMANTE
BELLA COR DUNLOP

(1922)

A PRIMEIRA HISTORIA DE BELAZARTE

O BEZOURO E A ROSA

a Luis Emilio Soto

Belazarte me contou:

Não acredito em bicho maligno mas bezouro... Não sei não. Olhe o que sucedeu prá Rosa... Dezoito anos. E não sabia que os tinha. Ninguem reparára nisso. Nem dona Carlotinha nem dona Ana. Entretanto eram velhucas e solteironas. Ambas quarenta e muito. Rosa viera prá companhia delas aos sete anos quando lhe morreu a mãi. Morreu ou deu a filha que é a mesma coisa que morrer. Rosa crescia. O português adoravel do tipo dela se desbastava aos poucos das vaguezas fisicas da infancia. Dez anos, quatorze anos, quinze... Afinal dezoito em Maio passado. Porêm Rosa continuava com sete, pelo menos no que faz a alma da gente. Servia sempre as duas solteironas com a mesma fantasia caprichosa da antiga Rosinha. Ora limpava bem a casa ora mal. A's vezes se esquecia do paliteiro no botar a mesa pro almôço. E no quarto afagava com a mesma ignorancia de mãi de brinquedo a mesma bo-

neca, faz quanto tempo nem sei! lhe dera dona Carlotinha no intuito de se mostrar simpatica. Parece incrivel, não? porêm nosso mundo está cheio dêsses incriveis: Rosa mocetona já, era infantil e de pureza infantil. Que as purezas como as morais são muitas e diferentes... Mudam com os tempos e com a idade da gente... Não devia ser assim. Porêm é assim, aiái!... e não temos que discutir. Mas com dezoito anos em 1923 Rosa possuia a pureza das crianças d'ali... pela batalha do Riachuelo mais ou menos... Isso: das crianças de 1865. Rosa... que anacronismo!

Na casinha em que moravam as tres, caminho da Lapa, a mocidade dela se desenvolvera só no corpo. Tambem saia pouco e a cidade era prá ela a viagem que a gente faz uma vez por ano quando muito, Finados chegando. Então dona Ana e dona Carlotinha vestiam seda preta, sim senhor! botavam um sedume preto fruque-fuque barulhando que era um desperdicio. Rosa acompanhava-as na cassa mais novinha levando os copos-de-leite e as avencas todas da horta. Iam no Araçá aonde repousava a lembrança do capitão Fragoso Valle pai das duas tias. Junto do marmore raso dona Carlotinha e dona Ana choravam. Rosa chorava tambem pra fazer companhia. Enxergava as outras chorando, imaginava que carecia chorar tambem, pronto! chororó... abria as torneirinhas dos olhos pretos pretos que ficavam brilhando ainda mais. Depois visitavam comentando os tumulos endomingados. Aquele cheiro... Velas derretidas, familias bivacando, afobação

encrencada pra pegar o bonde... que atordoamento meu Deus! A impressão empetecada de medos era desagradavel.

Essa anualmente a viagem grande da Rosa. No mais: chegadas até a igreja da Lapa algum domingo sôlto e na Semana Santa. Rosa não sonhava nem matutava. Sempre tratando da horta e de dona Carlotinha. Tratando da janta e de dona Ana. Tudo com a mesma igualdade infantil que não implica desamor não. Nem era indiferença, era não imaginar as diferenças, isso sim. A gente bota dez dedos pra fazer comida, dois braços pra varrer a casa, um bocadinho de amizade pra fulano, tres bocadinhos de amizade pra sicrano que é mais simpatico, um olhar prá vista bonita do lado com o espigão de Nossa Senhora do O' numa pasmaceira lá longe e de sopetão, záz! bota tudo no amor que nem no campista pra ver si pega uma cartada bôa. Assim é que a gente deve de fazer. A Rosa não fazia. Era sempre o mesmo bocado de corpo que ela punha em todas as coisas: dedos braços vista e boca. Chorava com isso e com o mesmo isso tratava de dona Carlotinha. Indistinta e bem varridinha. Vazia. Uma freirinha. O mundo não existia pra... qual freira! santinha de igreja perdida nos arredores de Evora. Falo da santinha representativa que está no altar, feita de massa pintada. A outra, a representada, você bem que sabe: está lá no céu não intercedendo pela gente... Rosa si carecesse intercedia. Porêm sem saber porquê. Intercedia com o mesmo pedaço de corpo dedos braços vista e boca

sem mais nada. A pureza a infantilidade a pobreza-de-espirito se vidravam numa redoma que a separava da vida. Vizinhança? Só a casinha além na mesma rua sem calçamento, barro escuro, verde de capim livre. A viela era engulida num rompante pelo chinfrim civilizado da rua dos bondes. Mas já na esquina a vendinha de seu Costa impedia Rosa de entrar na rua dos bondes. E seu Costa passava dos cincoenta, viuvo sem filhos pitando num cachimbo fedido. Rosa parava ali. A venda movia toda a dinamica alimentar da existencia de dona Ana, de dona Carlotinha e dela. E isso nas horas apressadas da manhã depois de ferver o leite que o leiteiro deixava muito cedo no portão.

Rosa saudava as vizinhas da outra casa. De longe em longe parava um minuto conversando com a Ricardina. Porêm não tinha assunto, quê que havia de fazer? partia depressa. Com essas despreocupações de viver e de gostar da vida como é que podia reparar na propria mocidade! não podia. Só quem pôs reparo nisso foi o João. De primeiro êle enrolava os dois pãis no papel acinzentado e atirava o embrulho na varanda. Batia pra saberem e ia-se embora tlindliirim dlimdlrim... na carrocinha dele. Só quando a chuva era de vento esperava com o embrulho na mão.

— Bom dia.
— Bom dia.
— Que chuva.
— Um horror.
— Até amanhã.

— Até amanhã.

Porêm duma feita quando embrulhava os pãis na carrocinha percebeu Rosa que voltava da venda. Esperou muito naturalmente, não era nenhum malcriado não. O Sól dava de chapa no corpo que vinha vindo. Foi então que João pôs reparo na mudança da Rosa. Estava outra. Inteiramente mulher com pernas bem delineadas e dois seios agudos se contando na lisura da blusa que nem rubi de anel dentro da luva. Isto é... João não viu nada disso, estou fantasiando a história. Depois do seculo dezenove os contadores parece que se sentem na obrigação de esmiuçar com semvergonhice essas coisas. Nem aquela côr de maçã camoesa amorenada limpa... Nem aqueles olhos de esplendor solar... João reparou apenas que tinha um malestar por dentro. Porêm, como a gente sabe pela filosofia, está entre as verdades do senso-comum que não tem efeito sem causa. João se utilizou do senso-comum e concluiu que o malestar vinha da Rosa. Era a Rosa que estava dando aquilo nele não tem dúvida. Alastrou um riso perdido na cara. Foi-se embora tonto sem nem falar bom-dia direito. Mas d'ai em diante não jogou mais os pãis no passeio. Esperava que a Rosa viesse busca-los das mãos dele.

— Bom dia!

— Bom dia. Porquê não atirou?

— E'... Póde sujar.

— Até amanhã.

— Até amanhã!

Sentia o tal de malestar e ia-se embora.

João era quasi uma Rosa tambem. Só que tinha pai e mãi. Isso ensina a gente... E talvez por causa dos vinte anos... De deveras chegara nessa idade sem contacto de mulher porêm os sonhos atiçavam êle. Mordido por impaciencias pernilongas. Porêm fazia pão, entregava pão e dormia cêdo. Domingo jogava futebol no Lapa Atletico. Quando descobriu que não podia mais viver sem a Rosa, cofessou tudo pro pai.

— Pois casa, filho. E' rapariga bôa, não é?

— E', meu pai.

— Pois então casa! A padaria é de você mesmo... não tenho mais filhos... E si a rapariga é bôa...

Nessa tarde dona Ana e dona Carlotinha recebiam a visita envergonhada do João. Que custo falar aquilo! Afinal quando elas adivinharam que aquele mocetão manco na fala porêm sereno de gestos lhes levava a Rosa, se comoveram muito. Se comoveram porquê acharam o caso muito bonito muito comovente. E num instante repararam tambem que a criadinha estava ua mocetona já. Carecia se casar. Que maravilha, Rosa se casava! Havia de ter filhos! Elas seriam as madrinhas... Quasi que se desvirginavam no gôso de serem mãis dos filhos da Rosinha. Se sentiam até abraçadas apertadas e, cruz credo! faziam cada pecadão na inconsciencia...

— Rosa!

— Senhora?

— Venha cá!

— Já vou, sim senhora!

Ainda não sabiam si o João era bom mas parecia. E queriam gosar o encafifamento de Rosa e do moço, que maravilha!

Apertados nos batentes da porta relumearam dezoito anos fresquinhos.

— Rosa, olhe aqui. O moço veio pedir você em casamento.

— Pedir o que!...

— O moço diz que quer casar com você.

Rosa fizera da boca uma roda vermelha. Os dentes regulares muito brancos. Não se envergonhou. Não abaixou os olhos. Rosa principiou a chorar. Fugiu pra dentro soluçando. Dona Carlotinha foi encontrar ela sentada na tripeça junto do fogão. Chorava gritadinho, soluçava aguçando os ombros desamparada.

— Rosa, que é isso! Então é assim que se faz!? Si você não quer, fale!

— Não! Dona Carlotinha, não! Como é que vai ser! Eu não quero largar da senhora!...

Dona Carlotinha ponderou gosou aconselhou... Rosa não sabia pra onde ir si casasse, Rosa só sabia tratar de dona Carlotinha... Rosa pôs-se a chorar alto. Careceu tapar a boca dela, salvo seja! pra que o moço não escutasse, coitado! Afinal dona Ana veio saber o que sucedia, morta de curiosidade.

João ficou sozinho na sala, não sabia o que tinha acontecido lá dentro mas porêm adivinhando que lhe parecia que a Rosa não queria.

Agora sim, estava mesmo atordoado. Ficou com vergonha da sala, de estar sozinho, não sei, foi pegando no chapéu e saindo num passo de boi-de-carro. Arredondava os olhos espantado. Agora percebia que gostava mesmo da Rosa. A taboa dera-lhe uma dôr... o pobre!...

Foi tarde de siléncio na casa dele. O pai praguejou, ofendeu a menina. Depois percebendo que aquilo fazia mal pro filho se calou.

No dia seguinte João atirou o pão no passeio e foi-se embora. De sopetão lhe dava uma coisa esquisita por dentro, vinha lá de baixo do corpo apertando quasi sufocava e a imagem da Rosa saia pelos olhos dele trelendo com a vida indiferente da rua e da entrega do pão. Graças a Deus que chegou em casa! Mas era muito sem letras nem cidade pra cultivar a tristeza. E ela não aparecia pra cultivar o desejo... No domingo êle foi um zagueiro estupendo. Por causa dele o Lapa Atletico venceu. Venceu porquê derrepentemente ela aparecia no corpo dele e lhe dava aquela vontade, isto é, duas vontades: a... já sabida e outra, de esquecimento e continuar dominando a vida... Então êle via a bola, adivinhava pra que lado ela ia, se atirava, que lhe incomodava agora de levar pé na cara! quebrar a espinha! arrebentasse tudo! morresse! porêm a bola não havia de entrar no gôl. João naturalmente pensava que era por causa da bola.

Rosa quando viu que não deixava mesmo dona Ana e dona Carlotinha teve um alegrão. Cantou. Agora é

que o bezouro entra em scena... Rosa sentiu uma calma grande. E não pensou mais no João.

— Você se esqueceu do paliteiro outra vez!

— Dona Ana, me desculpe!

Continuou limpando a casa ora bem ora mal. Continuou ninando a boneca de louça. Continuou.

Essa noite muito quente quis dormir com a janela aberta. Rolava satisfeita o corpo nu' dentro da camisola. Depois dormiu. Um bezouro entrou. Zzz, zzz, zzzuuuuuummmm, pá. Rosa dormida estremeceu á sensação daquelas pernas metalicas no cólo. Abriu os olhos na escureza. O bezouro passeava lentamente. Encontrou o orificio da camisola e avançava pelo vale ardente entre morros. Rosa imaginou u'a mordida horrivel no peito. Sentou-se num atimo comprimindo o colo. Com o movimento o bezouro se despegara da epiderme lisa e tombára na barriga dela, zzz tzzz... tc. Rosa gritou. Caiu na cama se estorcendo. O bicho continuava descendo, tzz... Afinal se emaranhou tzzz-tc, estava preso. Rosa estirava as pernas com endurecimentos de ataque. Rolava. Caiu.

Dona Ana e dona Carlotinha vieram encontra-la assim espasmodica com a espuma escorrendo do canto da boca. Olhos esgazeados relampejando que nem braza. Como saber o que era! Rosa não falava se contorcendo. Porêm dona Ana orientada pelo gesto que a pobre repetia descobriu o bicho. Arrancou-o com aspereza. Aspereza pra livrar depressa a moça. E foi uma dificuldade acalma-la... Ia sossegando sosse-

gando... de repente voltava tudo e era tal-e-qual ataque, atirava as cobertas rosnava... Se contorcendo olhos revirados, uhm... Terror sem fundamento, bem se vê. Nova trabalheira. Lavaram ela, dona Carlotinha se deu ao trabalho de acender fogo pra ter agua mórna que sossega mais, dizem. Trocaram a camisola, muita agua com assucar...

— Tambem porquê você deixou janela aberta, Rosa...

Só umas duas horas depois tudo dormia na casa outra vez. Tudo não. Dois olhos fixando a treva atentos a qualquer ressaibo perdido de luz e aos vultos silenciosos da escuridão. Rosa não dorme toda a noite. Afinal escuta os ruidos da casa acordando. Dona Ana vem saber. Rosa finge dormir desarrazoadamente enraivecida. Tem um odio daquela coroca! Tem nojo de dona Carlotinha... Ouve o estalo da lenha no fogo. Escuta o barulho do pão atirado contra a porta no passeio. Rosa esfrega os dedos fortemente pelo corpo. Se espreguiça. Afinal levantou.

Agora caminha mais pausado. Traz uma seriedade nunca vista ainda na comissura dos labios. Que negrores nas palpebras! Pensa que vai trabalhar e trabalha. Alimpa com dever a casa toda, botando dez dedos pra fazer a comida, botando dois braços pra varrer, botando os olhos na mesa pra não esquecer do paliteiro. Dona Carlotinha se resfriou. Pois Rosa lhe dá uma porção de amizade. Prepara chás pra ela. Senta na cabeceira da cama velando muito sem falar. As duas velhas olham

pra ela ressabiadas. Não a reconhecem mais e têm medo da estrangeira. Com efeito Rosa mudou. E' outra Rosa. E' uma rosa aberta. Imperativa energica. Se impõe. Dona Carlotinha tem medo de lhe perguntar si passou bem a noite. Dona Ana tem medo de lhe aconselhar que descanse mais. E' sabado porêm podia lavar a casa na segunda-feira... Rosa lava toda a casa como nunca lavou. Faz uma limpeza completa no proprio quarto. A boneca... Rosa lhe desgruda os ultimos crespos da cabeça, gesto frio. Afunda um ôlho dela portuguesmente á Camões. Porêm pensa que dona Carlotinha vai sentir. A gente nunca deve dar desgostos inuteis pros outros, a vida já é tão cheia deles!.. pensa. Suspira. Esconde a boneca no fundo da canastra.

Quando foi dormir teve um pavor repentino: dormir só!... E si ficar solteira! O pensamento salta na cabeça dela assim, sem razão. Rosa tem um medo doloroso de ficar solteira. Um medo impaciente, sobretudo impaciente de ficar solteira. Isso é medonho! E' UMA VERGONHA!

Se vê bem que nunca tinha sofrido, a coitada! Toda a noite não dormiu. Não sei a que horas a cama se tornou insuportavelmente solitaria pra ela. Ergue-se. Escancara a janela, entra com o peito na noite, desesperadamente temeraria. Rosa espera o bezouro. Não tem bezouros essa noite. Ficou se cansando naquela posição, á espera. Não sabia o que estava esperando. Nós é que sabemos, não? Porêm o bezouro não vinha mesmo. Era uma noite quente... A vida latejava num

suor de estrêlas pipocantes imoveis. Um siléncio!... O sono de todos os homens, dormindo indiferentes sem se amolar com ela... O cheiro de campo requeimado endurecia o ar que parara de circular, não entrava no peito! Não tinha mesmo nada na noite vazia. Rosa espera mais um poucadinho. Desiludida se deita depois. Adormece agitada. Sonha misturas impossiveis. Sonha que acabaram todos os bezouros dêste mundo e que um grupo de moças caçôa dela zumbindo: Solteira! ás gargalhadas. Chora em sonho.

No outro dia dona Ana pensa que carece passear a moça. Vão na missa. Rosa segue na frente e vai namorar todos os homens que encontra. Tem de prender um. Qualquer. Tem de prender um pra não ficar solteira. Na venda de seu Costa, Pedro Mulatão já veio beber a primeira pinga do dia. Rosa tira uma linha pra êle que mais parece de mulher-da-vida. Pedro Mulatão sente um desejo facil daquele corpo. Segue atrás. Rosa sabe disso. Quem é aquele homem? Isso não sabe. Nem que soubesse do vagabundo e beberrão! é o primeiro homem que encontra, carece de agarra-lo sinão morre solteira. Agora não namorará mais ninguem. Se finge de virgem e inocente. Riquezas que não tem mais!... Porêm é artista e representa. De vez em quando se vira pra olhar. Olhar dona Ana. Se ri pra ela nesse riso provocante que enche os corpos de vontade.

Na saida da missa outro olhar mais canalha ainda. Pedro Mulatão para na venda. Bebe mais e trama

coisas feias. Rosa imagina que falta assucar só pra ir busca-lo. E' Pedro que traz o embrulho conversando. Convida-a prá de noite. Ela recusa porquê assim não casará. Isso pra êle é indiferente: casar ou não casar... Irá pedir.

Desta vez as duas tias nem chamam Rosa. Homem repugnante não? Como casa-la com aqueles trinta-e-cinco anos!... No minimo, de trinta-e-cinco prá quarenta. E mulato, amarelo palido já descorado... pela pinga, Nossa Senhora!... Desculpasse porêm a Rosa não queria casar. Então ela aparece e fala que quer casar com Pedro Mulatão. Elas não podem aconselhar nada diante dele. Despedem Pedro. Vão tirar informações. Que volte na quinta-feira.

As informações são as que a gente imagina, pessimas. Vagabundo chuva máu-caracter, não serve não. Rosa chóra. Ha-de casar com Pedro Mulatão e si não deixarem ela foge. Dona Ana e dona Carlotinha cedem com a morte na alma.

Quando o João soube que a Rosa ia casar teve um desespêro na barriga. Saiu tonto pra espairecer. Achou companheiros e se meteu na caninha. Deixaram êle por aí, sentado na guia da calçada, manhãzinha, podre de bebedeira. O rondante fez êle se erguer.

— Moço, não pode dormir nesse lugar não! Vá pra sua casa!

Ele partiu chorando alto, falando que não tinha a culpa. Depois deitou no capim duma travessa e dormiu. O Sol chamou-o. Dor-de-cabeça, gôsto ru'im na boca...

E a vergonha. Nem sabe como entra em casa. O estrilo do pai é danado. Que insultos! seu filho disto, seu não-sei-que-mais, palavras feias que arripiam... Ninguem imaginaria que homem tão bom pudesse falar aquelas coisas. Ora! todo homem sabe bocagens, é só ter uma dôr desesperada que elas saem. Porquê o pai de João sofre deveras. Tanto como a mãi que apenas chora. Chora muito. João tem repugnancia de si mesmo. De tarde quando volta do serviço, a Carmela chama êle na cêrca. Fala que João não deve de beber mais assim porquê a mãi chorou muito. Carmela chora tambem. João percebe que si beber outra vez se prejudicará demais. Jura que não cai noutra. Carmela e êle suspiram se olhando. Ficam ali.

Ia me esquecendo da Rosa... Conto o resto do que succedeu pro João um outro dia. Prepararam enxoval apressado pra ela, menos de mês. Ainda na véspera do casamento dona Carlotinha insistiu com ela pra que mandasse o noivo embora. Pedro Mulatão era um infame, até gatuno, Deus me perdôe! Rosa não escutou nada. Bateu o pé. Quis casar e cascou. Meia que sentia que estava errada porêm não queria pensar e não pensava. As duas solteironas choraram muito quando ela partiu casada e vitoriosa sem uma lagrima. Dura.

Rosa foi muito infeliz.

(1923)

INDICE

Advertencia
Conto de Natal 1
Cocoricó 15
Caçada de Macuco 37
Caso Pansudo 61
Por trás da Porta 75
Galo que não cantou 85
Eva 97
Brasilia 117
Historia com Data 139
Moral Quotidiana 169
O Bezouro e a Rosa 185

Esta ▪ edição ▪ de ▪ dois ▪ mil ▪ e ▪ quinhentos ▪ exemplares ▪ do ▪ Primeiro ▪ Andar ▪ se ▪ terminou ▪ aos ▪ 15 ▪ de ▪ Setembro ▪ de ▪ 1926 ▪ nas ▪ oficinas ▪ da ▪ Tipografia ▪ Rio ▪ Branco ▪ Rua ▪ Liberdade ▪ 43-a ▪ em ▪ São ▪ Paulo

19996